

Eunice Ladeia Guimarães Lima

ANEXO AO PROCESSO Nº. 396/97 - C.M.

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO: 09/12/99

TÍTULO: A PRESENÇA DE PROTESTANTES NO
BRASIL-COLÔNIA: CONTRIBUIÇÕES
PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO.

A Presença de Protestantes no Brasil / Colônia

Contribuições para a Cultura e a Educação

Universidade Estadual Paulista

Marília

1999



EUNICE LADEIA GUIMARÃES LIMA

**A PRESENÇA DE PROTESTANTES NO BRASIL – COLÔNIA :
CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO**

**A PRESENÇA DE PROTESTANTES NO BRASIL – COLÔNIA :
CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO**



Dissertação apresentada à
comissão julgadora do programa
de Pós – Graduação da
Universidade Estadual Paulista
como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em
Educação, Área de Concentração:
Ensino na Educação Brasileira, sob
a orientação da Professora Doutora
Arlida Ines Miranda Ribeiro.

1410001316



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
MARÍLIA
1999**



EUNICE LADEIA GUIMARÃES LIMA

**A PRESENÇA DE PROTESTANTES NO BRASIL – COLÔNIA :
CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA E A EDUCAÇÃO**

COMISSÃO JULGADORA

Prof.^a Dr.^a Arilda Ines Miranda Ribeiro

Prof.^a Dr.^a Arilda Ines Miranda Ribeiro

Prof.^a Dr.^a Arilda Ines Miranda Ribeiro



Dissertação apresentada à comissão julgadora do programa de Pós - Graduação da Universidade Estadual Paulista como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira, sob a orientação da Professora Doutora Arilda Ines Miranda Ribeiro.

1410001116



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
MARÍLIA
1999**

AGRADECIMENTOS

A Professora Dr.^a. Arilda Ines Miranda Ribeiro, pela atenção com que sempre me atendeu, pelo carinho com que me reconduziu em meus deslucidos, pela confiança e prazerosos encontros de orientação;

aos professores doutores Carlos Monarcha e José Maria de Paiva, pelas valiosas contribuições e sugestões para que este trabalho fosse concluído;

ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), pelo auxílio financeiro, em forma de afastamento parcial remunerado, por quinze meses;

à dona Bety Antunes e a professor doutor Eduardo Hoornaert, pelas
COMISSÃO JULGADORA e as longas e frutíferas conversas telefônicas;

a Cida e Alfredo que carinhosamente se dispuseram a ler, revisar e apresentar sugestões ao meu trabalho;

Prof.^a. Dr.^a. Arilda Ines Miranda Ribeiro

Prof. Dr. Carlos Roberto da Silva Monarcha

Prof. Dr. José Maria de Paiva

a todos que, de alguma forma, contribuíram com minha formação para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dr^a. Arilda Ines Miranda Ribeiro, pela atenção com que sempre me atendeu, pelo carinho com que me reconduziu em meus desacertos, pela confiança e prazerosos encontros de orientação ;

aos professores doutores Carlos Monarcha e José Maria de Paiva , pelas valiosas contribuições e sugestões para que este trabalho fosse concluído ;

ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), pelo auxílio financeiro, em forma de afastamento parcial remunerado, por quinze meses ;

a dona Bety Antunes e a professor doutor Eduardo Hoornaert , pelas sugestões bibliográficas e as longas e frutíferas conversas telefônicas ;

a Cida e Alfredo que carinhosamente se dispuseram a ler , revisar e apresentar sugestões ao meu trabalho ;

aos alunos e colegas da FEOCRUZ , partícipes dos mesmos ideais de educação ;

aos meus alunos de escolas pública , os primeiros provocadores de meus atrevimentos intelectuais ;

ao Vanderlei, pelas madrugadas a digitar minhas difíceis palavras manuscritas;

a todos que ,de alguma forma, contribuíram com minha formação para que eu pudesse chegar até aqui .

Aqueles que despertaram em mim o gosto pela leitura meus professores da Escola Bíblica Dominical.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas contribuições de protestantes para a cultura e a educação brasileira realizadas durante o período colonial. Busquei através de uma revisão bibliográfica da história da educação brasileira, história da cultura e história do Brasil, conhecer o que há registrado sobre o tema e as razões do não registro, entre elas o discurso histórico tradicional em poder de portugueses. Apresento os mecanismos de resistência a protestantes montados pelo Estado e a Igreja e momentos de quebras desta resistência que possibilitaram a ação de protestantes. Registro também contribuições de protestantes para as ciências, a educação formal e informal e a possibilidade de transmissão cultural familiar, com registros de casamentos entre brasileiras e protestantes estrangeiros. Ao longo deste trabalho, apresento sugestões para outras investigações sobre o tema, com o objetivo de melhor contar a história da educação brasileira.

SUMMARY

This work has a purpose to present some contributions from protestants for the Brazilian culture and Brazilian education accomplished during the colonial period. I looked up in a bibliographical revision of the history of education, history of culture and history of Brazil to know what there's registrated about the theme, and the reasons of why it is not documented, among them the traditional historical speech in power of the Portuguese people. I present the mechanisms of resistance to protestants built by the State and the Roman Church and the moments when the resistances were broken, enabling the action of protestants. I also register the contributions of protestants for the sciences and formal and informal education and the possibility of familiar transmission of culture between Brazilians and foreign protestants. Along this work, I present suggestions for other investigations about the theme with the purpose of best telling the history of Brazilian education.

Àqueles que despertaram em mim o gosto pela leitura: meus professores de Escola Bíblica Dominical.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas contribuições de protestantes para a cultura e a educação brasileira realizadas durante o período colonial . Busquei através de uma revisão bibliográfica da história da educação brasileira , história da cultura e história do Brasil , conhecer o que há registrado sobre o tema e as razões do não registro , entre elas o discurso histórico tradicional em poder de portugueses . Apresento os mecanismos de resistência a protestantes montados pelo Estado e a Igreja e momentos de quebras desta resistência que possibilitaram a ação de protestantes . Registro também contribuições de protestantes para as ciências , a educação formal e informal e a possibilidade de transmissão cultural familiar , com registros de casamentos entre brasileiras e protestantes estrangeiros . Ao longo deste trabalho , apresento sugestões para outras investigações sobre o tema , com o objetivo de melhor contar a história da educação brasileira .

SUMMARY

This work has a purpose to present some contributions from protestants for the Brazilian culture and Brazilian education accomplished during the colonial period. I looked up in a bibliographical revision of the history of education , history of culture and history of Brazil to know what there's registrated about the theme, and the reasons of why it is not documented , among them the traditional historical speech in power of the Portuguese people . I present the mechanisms of resistance to protestants built by the State and the Roman Church and the moments when the resistances were broken , enabling the action of protestants. I also register the contributions of protestants for the sciences and formal and informal education and the possibility of familiar transmission of culture , with the registrations of marriages between Brazilians and foreign protestants. Along this work , I present suggestions for other investigations about the theme with the purpose of best telling the history of Brazilian education .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1- A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E A PRESENÇA (OU AUSÊNCIA) DE AÇÕES EDUCACIONAIS PROTESTANTES.....	14
1.1-História da educação brasileira nos livros didáticos.....	17
1.2- Presença de protestantes e suas ações educacionais em obras de história do Brasil.....	24
1.3- Novas fontes para a produção de história da educação brasileira e o registro de iniciativas de protestantes	27
2- PROIBIÇÕES E RESISTÊNCIAS A PROTESTANTES NO PERÍODO COLONIAL.....	32
2.1- Grupos de protestantes estabelecendo-se na colônia: quebra temporária das resistências.....	39
2.1.1. – A França Antártica.....	40
2.1.2. Período holandês.....	52
2.1.2.1. – A música no período holandês.....	57
2.1.3. – A França Equinocial.....	60
2.2- Os protestantes e a Inquisição.....	62
2.2.1. Primeira Visitação do Santo Ofício.....	64
2.2.2. – Devassa na Bahia.....	67
2.2.3. – Visitação do Santo Ofício ao Pará.....	68
2.3- Legislação proibitiva a estrangeiros.....	69
2.4- O fundador de Curitiba: um protestante?.....	74
2.5- Resistência a protestantes: uma tradição.....	78
3- CASAMENTOS ENTRE PROTESTANTES ESTRANGEIROS E BRASILEIRAS.....	81
4- CONTRIBUIÇÕES DE PROTESTANTES À CIÊNCIA NO BRASIL.....	95
4.1- Hans Staden.....	100
4.2- Jean de Léry.....	106
4.3- A ciência no período nassoviano.....	110
4.3.1. – Mauricio de Nassau.....	111
4.3.2. – Elias Herckmans.....	115
4.3.3. – Jorge Markgraf.....	116
4.3.4. – Guilherme Pies.....	119
4.3.5. – Zacarias Wagner.....	124
4.3.6. – Joan Nieuhof.....	126
4.3.7. – Gaspar Van Bearle.....	127
4.3.8. – Frans Post.....	129
4.3.9. – Joannes de Laët.....	132
4.4- Período Joanino.....	133
4.4.1. – Frederico Luís Guilherme Varnhagen.....	134
4.4.2. – Johann Baptist Von Spix.....	135
5- CONTRIBUIÇÕES DE PROTESTANTES À EDUCAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA.....	138

5.1- Contribuições diretas.....	138
5.2- Os ingleses protestantes e a educação no Brasil – Colônia.....	145
5.3- Contribuições indiretas.....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	165
ANEXO.....	178

a educação brasileira no período colonial quanto a contribuições de protestantes, além de refletir sobre este tema, suas dificuldades e possibilidades de outros trabalhos abordando o mesmo assunto. Para isso, várias hipóteses, com base em informações encontradas, são propostas ao longo do trabalho, com possibilidade de aprofundamento e possível confirmação em pesquisas futuras.

A cultura a que me refiro é menos o conjunto de elementos presentes no comportamento social colonial e mais o conjunto de conhecimentos, o acervo de criação intelectual produzido no período colonial, ou adquirido ao contato com determinados grupos. É a cultura no sentido mais restrito e clássico, que foi tomado por Fernando de Azevedo: "... a produção, a conservação e o progresso dos valores intelectuais, das idéias, da ciência e das artes ... para domínio material e libertação do espírito." (1963:38).

Neste sentido, as contribuições culturais de protestantes para o Brasil-Colônia que apresento, são o conjunto de conhecimentos produzidos por protestantes, no período em estudo, no Brasil e sobre o Brasil e que se incorporaram ao acervo cultural do período, ou que auxiliaram, posteriormente, na interpretação do Brasil da época.

A educação é aqui abordada no sentido geral, informal e também no sentido formal: a educação escolar, sistematizada. Apresento como as gerações adultas protestantes exerceram influência sobre as gerações mais jovens do Brasil-Colônia, transmitindo-lhes cultura, instruindo-as, levando-as a uma

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar informações sobre a cultura e a educação brasileira no período colonial quanto a contribuições de protestantes, além de refletir sobre este tema, suas dificuldades e possibilidades de outros trabalhos abordando o mesmo assunto. Para isso, várias hipóteses, com base em informações encontradas, são propostas ao longo do trabalho, com possibilidade de aprofundamento e possível confirmação em pesquisas futuras.

A cultura a que me refiro é menos o conjunto de elementos presentes no comportamento social colonial e mais o conjunto de conhecimentos, o acervo de criação intelectual produzido no período colonial, ou adquirido ao contato com determinados grupos. É a cultura no sentido mais restrito e clássico, que foi tomado por Fernando de Azevedo: "... a produção, a conservação e o progresso dos valores intelectuais, das idéias, da ciência e das artes ... para domínio material e libertação do espírito." (1963:38).

Neste sentido, as contribuições culturais de protestantes para o Brasil-Colônia que apresento, são o conjunto de conhecimentos produzidos por protestantes, no período em estudo, no Brasil e sobre o Brasil e que se incorporaram ao acervo cultural do período, ou que auxiliaram, posteriormente, na interpretação do Brasil da época.

A educação é aqui abordada no sentido geral, informal e também no sentido formal: a educação escolar, sistematizada. Apresento como as gerações adultas protestantes exerceram influência sobre as gerações mais jovens do Brasil-Colônia, transmitindo-lhes cultura, instruindo-as, levando-as a uma



nova forma de vida , à qual dariam continuidade . É a educação em seu sentido mais alto, "... o instrumento dessa continuidade social de vida ." (Dewey, 1959:2). É a transmissão de conhecimento, hábitos e atitudes, que ocorreu através da experiência cotidiana, através de contatos pessoais, da leitura, apreciação de obras de arte, equipando o homem com instrumentos culturais que lhe possibilitam transformações materiais e espirituais que vão sendo exigidas pela dinâmica social .

Apresento também a educação escolar , que surgiu com o objetivo de ampliar o poder do homem sobre a natureza , para isso realizando a transmissão de cultura sistematizada , que também aconteceu por iniciativa de protestantes no período colonial. Em tais oportunidades , brasileiros que foram por eles alfabetizados, receberam deles o ensino em local para esse fim determinado : a escola .

Apresento, ainda, como o conhecimento produzido por protestantes, no que se refere aos fundamentos da educação, alcançou brasileiros do período colonial que freqüentaram instituições protestantes e outras organizadas segundo estes fundamentos , muitos deles vindo a atuar no Brasil em diversas áreas .

As fontes que consultei para a realização deste trabalho foram, em sua maior parte, secundárias. É, portanto , uma pesquisa , notadamente , a partir de interpretações do Brasil-Colônia realizadas por outros autores .

São muitas as dificuldades com fontes primárias do período colonial, pois além dos documentos destruídos pelas mais variadas intenções , muitos desapareceram por não serem adequadamente arquivados . As distâncias

que me separam dos arquivos existentes , muitos deles na Europa , tornaram esta opção , as fontes secundárias , necessária .

As produções de história do Brasil que abordam períodos menores , ou temas bem específicos são fontes secundárias nas quais pude obter algumas das informações que são apresentadas neste trabalho .

Documentos publicados pelas revistas dos institutos históricos , Anais do Museu Paulista , Anais da Biblioteca Nacional e publicações de documentos e traduções de originais para o português , são fontes primárias nas quais também obtive informações . O processo de seleção destes documentos por aqueles que decidiram publicá-los , no entanto já é , na verdade , uma forma de interpretação .

Diários de bordo e memórias de viajantes que estiveram no Brasil-Colônia , posteriormente publicados em português , também foram importantes fontes .

A interpretação do silêncio sobre a fé de alguns estrangeiros atuantes , levou-me ao confronto de informações de outras fontes , confirmando a hipótese de que eram protestantes, permitindo-me iniciar outras conclusões sobre silêncios na historiografia tradicional do Brasil .

Existe a premissa de que protestantismo e alfabetização andam juntos , conforme constatarem muitos pesquisadores e como ratificou Peralva , afirmando que “A alfabetização de massa torna-se significativa na Europa ... em função da Reforma Protestante , na medida em que o protestantismo coloca para cada indivíduo a perspectiva de uma relação direta com Deus , através da leitura da Bíblia .” (1988:35). Formulei, assim, a hipótese de que, se protestantes

estiveram no Brasil-Colônia, podem ter também iniciado trabalhos de alfabetização.

O receio de encontrar poucos registros da presença protestante, após longa investigação, era uma possibilidade, diante do silêncio constatado nas primeiras leituras, o que não eliminaria o fôlego a ser gasto no trabalho. Como escreveu Oberacker a respeito de seu trabalho *A Contribuição teuta à formação da nação brasileira*, apresentado por Sérgio Buarque de Holanda (1ª ed) e Gilberto Freyre (2ª ed.), “Quem quer que tenha tido parte no processamento da estruturação nacional brasileira, ... faz jus a um lugar na história ...” (1968:34). Procurei, portanto, buscar, por menores que sejam, as contribuições de protestantes que tenham resultado em cultura e educação, ainda que o objetivo tenha sido o proselitismo, ou mesmo econômico.

Lançando também um novo olhar sobre velhas e freqüentadas fontes, foi possível realizar uma reflexão e propor novas possibilidades interpretativas.

Eis alguns questionamentos que me intrigaram:

-Por que o número de protestantes que chegaram ao Brasil-Colônia foi tão menor que o dos que chegaram à América do Norte?

-Quais foram as iniciativas educacionais de protestantes que se estabeleceram no Brasil-Colônia? Em que contribuíram estas iniciativas com a formação do Brasil?

-Que contribuições para as ciências no Brasil são devidas a protestantes?

-Em que medida o ensino segundo o pensamento de protestantes influenciou , ainda que indiretamente , a formação e a atuação de brasileiros do período colonial ?

É certo que , não se tratando de um trabalho conclusivo , as respostas não serão apresentadas em sua totalidade . Através das ações de protestantes, algumas vezes denotando seu caráter e fé, que puderam ser recuperadas e apresentadas aqui , num trabalho predominantemente descritivo , caminhos são apresentados neste início de investigação , à qual poderão se seguir outras , na busca de mapear a presença e a ação educativa de protestantes no Brasil-Colônia .

O trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos .

No primeiro capítulo , faço um balanço da produção de história da educação brasileira , ressaltando características destas obras no que se referem a informações sobre a presença de protestantes no Brasil e suas contribuições para a educação . Apresento também obras de história da cultura brasileira e história do Brasil cujos autores mencionaram a presença e a contribuição cultural e educacional de protestantes . Faço, ainda , um ligeiro apanhado de tendências atuais de produção histórica que têm alcançado a historiografia da educação brasileira atual .

No segundo capítulo, apresento o início da colonização do Brasil nos aspectos político – religiosos que explicam o fechamento da colônia para protestantes. Procuro mostrar os principais momentos em que protestantes, quebrando as resistências , permaneceram no Brasil-Colônia e realizaram atividades culturais e educacionais .

Apresento vários registros de protestantes que estiveram no Brasil , apesar da repressão , da legislação criada para dificultar a entrada de estrangeiros e protestantes e atos de resistências que , se tornando tradição , perduraram até o século XX .

No terceiro capítulo, apresento registros de casamentos de estrangeiros protestantes com brasileiras , indicadores de que a transmissão e intercâmbio cultural podem ter ocorrido com mais intensidade do que tem noticiado a historiografia tradicional .

No quarto capítulo, apresento a contribuição de pesquisadores , artistas, cartógrafos protestantes para a formação dos vários campos da ciência no Brasil .

No quinto capítulo, procuro reunir registros de contribuições de protestantes para a educação formal , que ocorreram de maneira direta – protestantes ensinando no Brasil-Colônia – e de maneira indireta – brasileiros recebendo educação em escolas , no exterior , que adotaram o pensamento pedagógico de protestantes , ou mesmo em escolas confessionais protestantes .

Finalmente, faço algumas considerações sobre o trabalho as quais julguei procedentes .

Em anexo , apresento uma relação de obras que versam sobre temas do protestantismo e que poderão auxiliar outros pesquisadores que desejarem se enveredar por estes campos .

1 . A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E A PRESENÇA (OU AUSÊNCIA) DE AÇÕES EDUCACIONAIS PROTESTANTES

Nos estudos e pesquisas históricas em educação brasileira , há uma ausência de informações sobre as ações de protestantes . Esta lacuna me levou a indagar sobre as razões de tal silêncio e qual dimensão desta contribuição silenciada, caso ela tenha existido, já que no panorama educacional brasileiro atual é significativa a participação de instituições de confissão protestante. Temos, por exemplo, os Colégios Adventistas, Colégios Batistas, UNIMEP, Mackenzie, porém os tradicionais livros didáticos de História da Educação nada, ou muito pouco, informam sobre elas.

Realizando uma revisão bibliográfica das obras que têm como tema a educação brasileira, numa abordagem histórica , pude constatar que o silêncio sobre o protestantismo no Brasil-Colônia se mantém no que se refere aos períodos posteriores. Poucas são as informações também sobre os dois últimos séculos , quando as escolas confessionais não católicas começaram a se instalar oficialmente .

Pude constatar, ainda, que uma bibliografia acessível que trate de história da educação brasileira de modo geral também é muito escassa. São, tradicionalmente, livros de História da Educação Geral que trazem as informações sobre a educação brasileira em apêndices , poucas páginas ao final dos livros didáticos “Expressamente Recomendados para as Escolas Normais , Institutos de Educação e Faculdades de Pedagogia”. Estes apêndices parecem se repetir de um autor a outro e de uma edição a outra, acrescentando-se apenas as últimas informações sobre a legislação em educação.

conhecimento Desta maneira ,é difícil ter conhecimento , não apenas das práticas de protestantes, mas de todas as práticas escolares, já que estes poucos textos enfatizam nomes e leis, destacam educadores mais por seus escritos, por seus pensamentos que por suas ações educativas.

Recorrendo à história da disciplina , foi possível constatar que ela tem suas raízes na História Geral e História do Brasil . O ensino de História , seguindo a tradição do ensino de História Sagrada - objetivando a formação moral religiosa do aluno através do conhecimento de homens católicos dignos de exemplo por seus feitos, e os santos - centrava-se, em seus primórdios, também na apresentação de heróis da nação dignos de exemplo. Com a inserção da disciplina História do Brasil no currículo escolar brasileiro, logo após a independência, seguiu-se o mesmo caminho: conhecer homens católicos dignos de exemplos por seus feitos pelo Brasil com o objetivo de formar a moral religiosa, o patriotismo, a consciência de nação (BRASIL ,PCN, 1998).

As obras que serviram de base para o conteúdo História da Educação Brasileira dentro da História Geral da Educação, e depois da década de setenta, para a disciplina independente com o mesmo título, seguiam ainda o mesmo modelo eleito tradicionalmente: conteúdo enfatizando a vida exemplar de homens católicos educadores e seu nobre pensamento .

De acordo com Michael W. Apple (1997) ,as formas de currículo, os conteúdos a serem ensinados e a avaliação nas escolas sempre são resultado de “ ... acordos ou compromissos nos quais os grupos dominantes, para manter o seu domínio ...”(p. 25), precisam considerar suas próprias preocupações. As produções , para serem aceitas, recomendadas, e poderem veicular determinado



conhecimento, precisam atender a estes acordos frágeis, muitas vezes não registrados em lugar algum, mas que existem, deixando, no entanto, algumas brechas para a atividade contra-hegemônica que os ameaça constantemente.

(1984), se não. Com a história da educação brasileira não foi diferente. Algumas ações e nomes foram selecionados por estes acordos e por falta de frentes contrárias suficientemente fortes, perpetuou-se um conhecimento oficial de história da educação brasileira para ser apresentado aos estudantes dos cursos de magistério e de pedagogia como, por exemplo, o tão adotado até a década de setenta, *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda Santos (1 ed., 1945), apresenta em seu *apêndice*.

Também a falta de interesse verdadeiro pelas questões de educação no Brasil teve como consequência o tardio interesse pela produção de obras que tratassem da história da educação. Em razão disso, quando a disciplina História da Educação, na década de trinta, foi introduzida no Brasil, foi necessário preparar livros didáticos para serem utilizados nos cursos. "Na sua gênese e no seu desenvolvimento, a História da Educação Brasileira carrega uma marca que lhe é conformadora: a de ter nascido para ser útil ..." (Warde, 1990: 9). A história da educação que seria apresentada devia cumprir a função pragmática de fornecer algum ensinamento doutrinário, perpetuando-se assim o seu caráter moralizante.

Era pouco também o interesse dos pesquisadores por investigação em história da educação brasileira até a década de cinquenta. Assim, as poucas obras existentes, muitas vezes de caráter memorialista, foram elevadas à condição de conhecimento histórico e passaram a ser fontes de informação para a realização

de livros didáticos, ou capítulos destes livros, que sintetizassem a história da educação brasileira.

Este modelo de produção de história da educação, segundo Warde (1984), se manteve até muito recentemente. Ao levantar a produção de história da educação de 1970 até 1984, a autora constatou que, embora tenha crescido o número de produções, a precariedade se mantém. Falta a elas o cuidado metodológico, são repetitivas quanto ao lugar de abordagem, enfatizando leis e seus legisladores, a organização institucional, deixando em segundo plano, ou não abordando, as práticas escolares.

Carvalho (1998) atribui a falta de publicações de trabalhos, frutos de pesquisas científicas, ao pouco interesse do mercado editorial por trabalhos historiográficos que escapem aos moldes já sedimentados e ao gosto do público alvo, os professores de História da Educação que o mantêm ao adotarem determinados livros.

1.1 – História da educação brasileira nos livros didáticos

Nos livros tradicionalmente utilizados para estudo da história da educação brasileira que consultei, não encontrei informações sobre ação de protestantes no período colonial, o que se justifica pelo caráter de síntese destas obras, porém registros sobre ações educacionais de protestantes nos séculos XIX e XX também quase não são encontrados, embora tenham sido bem significativas, mormente a partir da segunda metade do século XIX, como mostram trabalhos

mais recentes.

A primeira obra de História da Educação Brasileira foi *Publicação em Brasil - Histoire et Legislation* (1882), de João Ricardo Pires de Almeida, destinada aos leitores europeus para ser apresentada nos congressos pedagógicos internacionais no final do século XIX. Apenas em 1984, ano de seu centenário, seria publicada em português pelo INEP e PUC. Sobre esta obra há um artigo de Clarice Nunes (1995). O segundo livro de história da educação brasileira foi o de Raul Alves, *Esboço histórico e crítico geral da educação* (1925).

Afrânio Peixoto (1933) , em *Noções de História da Educação*, um volume de 270 páginas, dedicou quarenta delas à educação brasileira . Segundo Clarice Nunes (1995) , foi obra fundadora da história da educação brasileira, “aquela cujo modo de narrar se instalaria ... como regra de narrar para outros textos.” (p. 57) , embora cronologicamente tenha sido a terceira ¹. O próprio autor, um médico, no prefácio diz a que veio : “Amigos ... pediram-me um curso de história da educação. ... Aqui está, pois o livro. ... um pouco de tudo ... uma perspectiva panorâmica ...” .

Em sua exposição, a educação colonial é centrada nos feitos dos padres Navarro, Anchieta e Nóbrega , passando em seguida a Pombal. Não há informações sobre educação protestante no nordeste no período holandês. Ao apresentar a educação no período monárquico (nada sobre a iniciativa protestante) , o tom crítico que vem desde o início vai se acentuando, à medida que os fatos narrados se tornam mais próximos do tempo em que viveu o autor.

Texto que, para compreensão, exige do leitor conhecimento da história do Brasil, mais que informar, apresentar importantes dados estatísticos, é uma interpretação, às vezes irônica, do autor a respeito dos fatos, principalmente sobre a insistência dos legisladores brasileiros escreverem boas leis para não serem cumpridas.

¹ A primeira obra de História da Educação Brasileira foi *Publique, au Brésil – Histoire et Legislation* (1889), produzida pelo médico José Ricardo Pires de Almeida, destinada aos leitores europeus para ser apresentada nos congressos pedagógicos internacionais no final do século XIX. Apenas em 1984, ano de seu centenário, seria publicada em português pelo INEP e PUC. Sobre esta obra há um artigo de Clarice Nunes (1995). O segundo livro de história da educação brasileira foi o de Raul Alves: *Esboço histórico e crítico geral da educação* (1928).

Pequena História da Educação, de Madre Francisca Peeters e Madre Maria Augusta Cooman (1936), traz apenas nove páginas de um *Esboço da História da Educação no Brasil*. Tendenciosa, apresenta a expulsão dos Jesuítas como resultado do “ódio de Pombal” que “... conseguiu destruir tudo ... e deu-se a derrocada da instrução no Brasil.” (p. 142), sem apresentar as possíveis causas de tal ódio. Ao abordar a reforma do ensino da província de São Paulo em 1890, da qual participou, segundo fontes documentais, a missionária presbiteriana Márcia Brown, informa apenas que “... criaram-se grupos escolares nas cidades, e ... abriram-se mais 9 escolas normais.” (p. 146). Quando aborda o ensino superior, também nada informa sobre as faculdades protestantes.

Livro muito adotado pelas escolas normais de confissão católica e também pública até a década de setenta, apresenta a educação, conforme consta da orelha do livro, sob o ponto de vista da filosofia católica. Foi obra recomendada por Lourenço Filho, conforme a quarta capa da quarta edição: “Compêndio abrangendo matéria magnificamente explanada com o que há de mais claro a respeito da evolução das doutrinas pedagógicas. A educação através dos tempos, sua aplicação e resultados.” A nona edição, em 1969, é indicador de 33 anos de circulação da obra, o que comprova sua penetração e influência na formação de gerações de professores.

De Theobaldo Miranda Santos, *Noções de História da Educação* (1945), livro muito adotado pelos cursos de Magistério e Pedagogia, chegando em 1965 à sua 11ª edição, não contém informações sobre iniciativas de protestantes na educação brasileira em seu apêndice de 23 páginas, mesmo quando, em seis linhas, menciona as ações culturais de Maurício de Nassau. Não

há dados precisos sobre o índice de analfabetismo no Brasil em nenhum período. A periodização é feita com base nos marcos políticos e o enfoque são as leis e os legisladores, pouco informando sobre o cumprimento, ou não, da legislação.

Em *História Geral da Pedagogia*, de Francisco Larroyo (1944), com primeira edição em português em 1970, há um apêndice de 29 páginas no tomo II, de Célio da Cunha, intitulado *A Pedagogia no Brasil*. Apresenta a educação jesuítica, elaborando críticas por ela ter sido vazia e desvinculada dos fatos da vida. Cita, com muita frequência, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto e Gilberto Freyre. Nada informa sobre a educação protestante no período holandês. Defensor de Pombal, diz que “Se ... nada fez pela nossa educação abriu, no entanto, o caminho à propagação de novas idéias.” (p.894). Menciona a educação protestante apenas na República. Escreve que “Nessa época surgiram as primeiras escolas protestantes, ‘provocando um choque em nosso mundo pedagógico por implicarem uma ruptura com a tradição escolar do país’.” (1974 : 903) e mais adiante, ao relacionar instituições fundadas nos primeiros anos de República, cita a Escola de Engenharia (1886) e a Escola do Comércio (1902), ambas do Mackenzie College, sem mencionar, no entanto, a natureza confessional protestante delas.

História da Educação Brasileira de J. A. Tobias (2ª ed. 1973), é uma obra que, além de apresentar uma síntese da educação do Brasil, realiza interpretações desta mesma educação sobre vários pontos de vista. Sem obedecer uma sequência apenas cronológica, mas uma sequência temática, abandona também a periodização histórica, política e econômica para “... basear-se em fatores e fatos educacionais marcantes.” (p. 14).

No capítulo II , com o subtítulo *Primeira Universidade do Brasil* , aborda iniciativas educacionais e culturais de Mauricio de Nassau , sem , porém , mencionar sua fé . Afirma a influência de Comênius , através de Verney , na Reforma Pombalina e , portanto , na Universidade de Coimbra e no Seminário de Olinda. No capítulo III, *A transição*, ao abordar a reforma do ensino público paulista de 1892 , destaca Caetano de Campos e o Presidente Bernardino de Campos que promulgou "... a lei que organizou o ensino público do Estado de São Paulo , regulamentado , logo depois , a 23 de novembro de 1893 ." (p. 317) sem , mencionar a participação dos protestantes Márcia Brown e Horácio Lane , que nomeados , com mais quatro professoras , pelo serviço público , orientaram a idealização e execução da reforma . Trata-se , como escreveu Fernando de Azevedo a respeito da primeira edição , de obra interessante por ser rica em dados e informações , fruto de longas pesquisas e reflexões .

Em *História e Filosofia da Educação*, Cotrim e Parisi (1983) apresentam um capítulo intitulado *A Educação no Brasil* , em dez páginas , além de transcreverem trechos da LDB 4024/61 e citarem as leis 5540/68 e 5692/71 . Nada apresentam sobre o período holandês . Sem expressarem paixão pelos Jesuítas , apresentam , de maneira mais amigável , o Marquês de Pombal , que não conseguiu "...modernizar o sistema educacional ..." porque "... com os escombros de coisas velhas, ele não podia fazer uma estrutura nova ."(p. 264-5). Nada informam sobre os fatos educacionais de 1961 a 1971, entre uma lei e outra, nenhuma análise, nenhuma interpretação deste período. Pelo caráter de síntese, vários fatos não são apresentados. Nota-se a ausência de qualquer menção à fundação e às ações das escolas protestantes a partir do século XIX .

Em *História da Educação Brasileira*, de Maria Luisa Santos Ribeiro (1987), não há informações sobre a educação por iniciativa de protestantes no período colonial . Quanto ao século XIX, informa que “Em termos de iniciativas particulares, protestantes norte- americanas (Escola Americana, 1870, Colégio Piracicabano) ... criam-se escolas primárias modelo.” (p. 64) e mais adiante, citando Reis Filho (1974) , informa que “... as congregações religiosas protestantes introduziram juntamente com seus ministros quando expandiram sua ação missionária no Brasil ...” (p. 64) os resultados das renovações ocorridas na educação americana, por influência de Pestalozzi. A autora apresenta a história da educação delimitada em períodos estabelecidos pelas relações entre a educação e o modelo econômico de cada época . Assim , a aceitação das instituições confessionais protestantes com suas modernas tendências pedagógicas é apresentada como decorrência das necessidades educacionais para a industrialização que se procurava incentivar no país no final do século XIX .

Em *História da Educação* , Maria Lúcia de Arruda Aranha (1988) aborda a educação protestante no século XIX , informando que “... a iniciativa particular se organiza e são fundados importantes colégios, sobretudo católicos ... e alguns protestantes .” (Aranha, 1988:192) .

Otaíza de Oliveira Romanelli (1990), em *História da Educação no Brasil – (1930 / 1973)* , nada informa sobre a educação protestante na colônia ou no império, nos primeiros capítulos em que trata destes períodos . Não menciona também as escolas protestantes e suas contribuições de 1930 a 1973. Não é possível saber, através de seu texto , se havia, na década de trinta, escolas

confessionais protestantes e qual a posição delas na campanha de laicização do ensino público e gratuito , concretizada no célebre *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* .

Paulo Ghiraldelli Jr. (1994) , em *História da Educação*, obra que aborda a educação brasileira a partir da Primeira República (1889 – 1930), por tratar especificamente da educação pública , não menciona iniciativas privadas protestantes. Deixa claro, porém, que a educação brasileira teve a influência de educadores americanos que por sua vez receberam influência de Pestalozzi e Herbart ².

Diferente da forma tradicional de narrar, o autor não apresenta os fatos educacionais apenas sobrepostos aos fatos da história do Brasil, mas ligados ao quadro político configurado pela luta entre classes sociais antagônicas , e como consequência deste quadro. É possível abstrair , através da leitura de seu trabalho, a existência de uma luta de interesses de classes na condução da educação e a mesma luta na seleção dos fatos para os trabalhos de história da educação tradicionais. O olhar deste autor para os velhos e já contados fatos é novo. Trata-se de um trabalho com as características que Warde, em 1984, constatou que faltavam às obras até então existentes.

Foi em obras que tratam especificamente do protestantismo , ou que versam , mesmo em caráter de síntese ,sobre a cultura do Brasil , ou história do Brasil que pude encontrar algumas informações sobre a iniciativa de protestantes na educação .

² O autor não menciona a formação protestante de Pestalozzi e Herbart.

³ Até o momento não consegui ter acesso a este trabalho, mas apenas a trechos citados por autores como Ramalho (1976). Estranhamente, ele não figura nas relações de obras do autor publicadas nas primeiras páginas de seus livros. Esta ausência só se explica pelo fato de o trabalho ter circulado apenas entre a comunidade do Mackenzie, que o publicou.

1.2 – Presença de protestantes e suas ações educacionais em obras de história do Brasil

Fernando de Azevedo, quando professor do curso de Pedagogia da USP, na disciplina Sociologia da Educação, procurava informar seus alunos sobre a história da educação brasileira. Produziu, para ser utilizado em suas aulas, *Sociologia Educacional* (1940). Foi ele também quem escreveu, em 1943, *Cultura Brasileira*, onde menciona as manifestações culturais de protestantes no período holandês (1639-1654), afirmando que não frutificaram na cultura brasileira. Relata também a presença de protestantes franceses no Rio de Janeiro em 1555-1567 e, com especial atenção, trata das influências protestantes no século XIX no capítulo *Instituições e crenças religiosas* e no capítulo *A descentralização e a dualidade de sistemas*. Informa que o crescimento do protestantismo e de suas instituições assistenciais foi notável e suas iniciativas educacionais, numa coexistência simpática com as escolas laicas, chegaram a fazer frente às instituições católicas. Seu interesse pelos colégios protestantes se concretiza também em outro trabalho, *Uma interpretação do Instituto Mackenzie* (1960)³.

Através das escolas sob a influência direta de ministros e educadores protestantes se processou ... a propagação das idéias pedagógicas americanas ... que, antes de refletirem no movimento de reforma de Caetano de Campos, Cesário Mota e Gabriel Prestes ... haviam inspirado as reformas de Leôncio de Carvalho e ... Rui Barbosa ... (Azevedo, 1963 : 620).

² O autor não menciona a formação protestante de Pestalozzi e Herbart.

³ Até o momento não consegui ter acesso a este trabalho, mas apenas a trechos citados por autores como Ramalho (1976). Estranhamente, ele não figura nas relações de obras do autor publicadas nas primeiras páginas de seus livros. Esta ausência só se explica pelo fato de o trabalho ter circulado apenas entre a comunidade do Mackenzie, que o publicou.

Em *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*, Carlos H. Oberacker Jr. (1968) apresenta informações sobre as ações científicas, culturais e educacionais de protestantes no período holandês e o seu legado para a formação da nação. Apresenta também ações de protestantes no final do período colonial, com a abertura dos portos por D. João VI, e no segundo reinado, principalmente com escolas particulares que vinham atender à classe média de imigrantes desassistidos pela escola pública fora do Rio de Janeiro.

Em regiões mais ou menos extensas, eram as igrejas evangélicas as únicas organizações que podiam libertar os filhos dos imigrantes das trevas do analfabetismo e que se preocupavam com a organização de escolas, contribuindo desta maneira, consideravelmente, para o levantamento do nível intelectual das populações rurais. (p. 463).

O autor cita uma série de instituições confessionais protestantes existentes no Brasil, notadamente no sul, todas, porém, fundadas a partir do século XIX.

Em *Brasil: terra de contrastes*, Roger Bastide (1959) menciona, em um parágrafo, a iniciativa educacional dos norte-americanos protestantes no século XIX:

Os missionários americanos não se contentaram em distribuir Bíblias através do sertão; como poderiam lê-las seus habitantes analfabetos? Juntaram escolas primárias às primeiras capelas, formaram evangelizadores em seus colégios. Esses colégios, como o Mackenzie, abriram-se, também, a estudantes não protestantes, ministrando-se neles um ensinamento diferente do ensino brasileiro da época, uma instrução antes moderna do que clássica, mais científica do que literária, e, principalmente, mais prática que teórica. Os primeiros engenheiros foram formados pelo Mackenzie. (p. 185).

Em *Síntese de história da cultura brasileira*, Nelson Werneck Sodré (1970) classifica a cultura da classe dominante no início da colonização como “patrimônio pobre” excetuando deste adjetivo “... a contribuição ligada ao

episódio holandês que embora tenha sido fixada em alguns monumentos deixou vestígios superficiais e de forma alguma conseguiu inserir-se no processo histórico de desenvolvimento de nossa cultura.” (1988 : 20) . Tratando das artes plásticas , também destaca a holandesa como a única de valor. Em razão da necessidade de sintetizar , certamente , não dá informações detalhadas sobre estas contribuições , nem menciona a fé dos holandeses .

Émile Leonard (1963) , em *O protestantismo brasileiro*, também oferece informações sobre a iniciativa protestante na educação no século XIX . Trata-se de uma obra realizada com a pretensão de rastrear o contexto da gênese das igrejas protestantes no Brasil a partir de sua instalação oficial, após 1810, e seu desenvolvimento . O autor apresenta o quanto as iniciativas de alfabetização em escolas paroquiais protestantes alcançaram as classes populares e os colégios confessionais, a classe média, proporcionando uma situação mais receptiva para realização do proselitismo , apesar das restrições, mesmo após a proclamação da República. Leda Maria Pereira Rodrigues (1962) , *A instrução feminina em São*

Paulista: submisso. Em *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822- 1888)* : *Aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*, Boanerges Ribeiro (1973) afirma que os protestantes que no período colonial “ ... por aqui passaram não deixaram traço no sistema religioso da sociedade .” (p. 15) . Trata-se de informação real, se entendida como traço oficial e institucional , pois o Santo Ofício se encarregou de coibir todas as manifestações que pôde detectar, e duramente, tanto que em bibliotecas de ilustrados brasileiros, segundo o autor, não se encontraram livros de Lutero , de Calvino , ou de outros teólogos reformados. Sobre a transmissão cultural e o ensino protestante na colônia o autor nada

informa, já que seu objetivo é a análise do período seguinte . Embora seja seu enfoque a religião como instituição organizada , além de informar sobre a organização oficial de várias igrejas protestantes , dá também algumas notícias da fundação de colégios confessionais no século XIX . Informa ainda que em muitas Igrejas Presbiterianas, “ ... uma escola primária era complemento obrigatório do templo.” (p. 20) .

1 . 3 – Novas fontes para a produção de história da educação brasileira e o registro de iniciativas de protestantes

Resultados de pesquisas sobre educação mais recentemente produzidas, conduzidas por novos métodos e por fontes não ortodoxas, trazem informações sobre a educação de iniciativa protestante no século XIX . Alguns dados para a história da educação protestante podem ser encontrados no trabalho de Madre Leda Maria Pereira Rodrigues (1962) , *A instrução feminina em São Paulo: subsídios para sua história até a Proclamação da República*. Como o título da obra já diz, a autora não pretendeu escrever a história da educação , mas subsidiá-la, e para isso, embora seja dada maior ênfase a escolas femininas católicas de São Paulo, oferece também valiosas informações sobre escolas femininas protestantes do século XIX, entre elas a formação da Escola Americana – futuro Mackenzie.

Jether Pereira Ramalho (1976) , em *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação* , fez um estudo das práticas educativas nos colégios protestantes no Brasil, observando como se dá, nos níveis dos princípios



e das representações , o relacionamento entre práticas educativas e ideologia. Constata a força que teve, para concorrer com o catolicismo, a evangelização unida à educação no final do século XIX.

Maria Lúcia S. Hilsdorf Barbanti (1977), em *Escolas Americanas na Província de São Paulo: um estudo de suas origens* , apresenta o resultado de um trabalho de elucidação das razões que tornaram possível o surgimento e o êxito de escolas americanas protestantes em São Paulo, na segunda metade do século XIX , apesar de a liberdade religiosa ser legalizada apenas a partir de 1893. Esclarece como e por que a elite progressista apoiou estas instituições e escolheu-as para a educação de seus filhos. Trata-se de uma tese defendida na Faculdade de Educação da USP que, infelizmente , não foi publicada, ficando seu acesso restrito a pesquisadores e freqüentadores das bibliotecas universitárias.

A Educação feminina durante o século XIX: Colégio Florence de Campinas 1863 - 1889, de Arilda Ines Miranda Ribeiro (1996), mesmo não sendo seu tema central a iniciativa protestante, apresenta-nos um colégio feminino , cuja diretora era protestante e estrangeira, inserido no contexto social da época, marcado por conflitos ideológicos, e também religiosos, quando a Igreja Católica sentia seu domínio cultural ameaçado . Através da história da vida de dona Carolina Florence , sua atuação profissional, do corpo docente e discente de seu colégio, das práticas educativas apresentadas pela autora, pode-se depreender o quanto contribuiu esta protestante para a educação em Campinas e outras partes de São Paulo e do Brasil, através das mulheres que formou e que , posteriormente, assumiram o magistério.

assimilada por Marcus Albino (1996), em *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana-1869 – 1889*, apresenta, a partir da história do Colégio Internacional de Campinas, a iniciativa presbiteriana de divulgação de sua fé no Brasil, que usou como estratégia a conquista do espaço social através de uma educação de alta qualidade, dentro dos mais modernos métodos, com corpo discente masculino e feminino.

Nos trabalhos de Rodrigues, Barbanti, Ramalho, Ribeiro e Albino, acima apresentados, há algumas características em comum. Percebe-se o distanciamento e a imparcialidade necessária para um bom trabalho científico. A delimitação do objeto de pesquisa, permitiu-lhes maior aprofundamento nas questões, e apresentação de detalhes que uma obra síntese não contempla. O campo de investigação foi, notadamente, formado de fontes primárias, muitas delas, até então, pouco utilizadas para produção de história da educação brasileira: notícias de jornais, registros escolares, documentos e anotações de alunos, correspondências de professores e alunos; além de um novo olhar sobre as fontes tradicionais: legislação, registros institucionais e discursos oficiais. Todos estes procedimentos tornaram possível o resgate de muitos registros sobre a educação de iniciativa de protestante.

Novas abordagens para os temas, novos olhares para fontes documentais tradicionais e busca de fontes menos ortodoxas têm sido prática de pesquisadores em educação brasileira nos últimos anos. Uma nova história da educação vem sendo construída, desvendando experiências até então desconhecidas. A nova história, concebida por Marc Bloch e Lucien Febvre no início deste século e divulgada pela revista *Escola dos Annales*, ao ser

assimilada pelos pesquisadores de educação veio possibilitar novas interpretações e resultados que não sejam mais aquela história pobre, centrada “nos grandes homens e países” (Burke, 1997).

Roger Chartier (1990), um membro da *Escola dos Annales*, questionou métodos tradicionais de produção histórica que procuram obscurecer a realidade e produzem interpretações, usando como fontes apenas os discursos regulamentares e pedagógicos sobre educação. Propôs novos métodos de seleção e de investigação das fontes, de modo a apresentar as práticas escolares, os reais processos educativos e não mais apenas os discursos e pensamentos educacionais.

Por este caminho, com a elevação de novos objetos à categoria de documentos históricos, a escassez de fontes torna-se abundância, como mostra Clarice Nunes (1992). Consegue-se um campo de investigação ampliado e, a partir dele, podem-se realizar interpretações do cotidiano escolar, o que não seria possível apenas com os documentos oficiais tradicionalmente eleitos. Ao invés de investigar quem eram os legisladores, quem eram os professores, quais foram os discursos educacionais, procura-se resgatar como eram alfabetizadas as crianças, como acontecia o ensino das disciplinas, quais conteúdos eram selecionados e por quê, como os conteúdos eram recebidos pelos alunos, entre outros aspectos.

Estas possibilidades teórico-metodológicas põem nas mãos dos pesquisadores a oportunidade de repensar a história da educação que se fixou na mentalidade das gerações e construir uma história da educação brasileira que responda a tantas indagações atuais.

Têm contribuído também para a investigação histórica, mais recentemente, a aplicação das teorias de Análise do Discurso para leitura e



interpretação de documentos bem como da Configuração Textual, conforme Magnani (1997) sugere e realiza em suas produções históricas em educação. Procura-se conhecer o contexto em que o documento fonte foi produzido, tomando-o como constituinte do significado textual, como algo imprescindível para interpretação do documento histórico. Procura-se refletir sobre as razões pelas quais as informações presentes nos documentos foram registradas e outras foram omitidas, buscando compreender as relações entre o poder e o relato.

Minhas indagações foram surgindo a partir do conhecimento da história oficial e tradicional da educação brasileira, assim também começaram a tomar forma as hipóteses para realização deste trabalho. Nestas leituras é que o silêncio sobre a presença de protestantes, suas ações educacionais e contribuições culturais no Brasil-Colônia pôde ser sentido por mim. Foi também através do conhecimento das novas tendências em produção histórica que caminhos possíveis para a realização deste trabalho foram esboçados.

Com o intuito de auxiliar outras pesquisas que virão depois desta, possivelmente elaborando conclusões sobre questões que aqui são levantadas, é que apresento, além da bibliografia por mim utilizada, uma bibliografia sobre o protestantismo no Brasil em anexo neste trabalho.

⁵ São muitas as diferenças doutrinárias entre Lutero, Zúnglio e Calvino - decorrentes da livre interpretação da Bíblia. Estas diferenças se desenvolveram até o leque de denominações protestantes hoje existentes, o que era previsto por Lutero, como resultado da liberdade religiosa. O acesso à Bíblia em língua vernacular e sua leitura pelos fiéis, porém, é característica comum a todo o movimento reformado, e que pressupõe alfabetização universal. LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Nacional, 1955, apresenta substanciais informações sobre iniciativas protestantes de educação desde o século XVI.

⁶ AZEVEDO, Israel Belo de. *As cruzadas inacabadas: introdução à história da igreja no América Latina*. Rio de Janeiro: Garama, 1980, e GREEN, V.H. *Renascimento e reforma*. Lisboa: Dom Quixote, 1984, e EMÉRICO, Nicolas. *O manual dos inquisidores*. Lisboa: Alameda, 1972, são obras, entre outras, que oferecem mais informações sobre Santo Ofício.

2 – PROIBIÇÕES E RESISTÊNCIAS A PROTESTANTES NO PERÍODO COLONIAL.

A colonização no Brasil iniciou-se no mesmo período em que na Europa aconteciam os conflitos decorrentes do movimento reformista religioso.

A Reforma Protestante, iniciada na Alemanha, em 1517, por Martinho Lutero; na Suíça, por Huldreich Zuinglio e depois por João Calvino e na Inglaterra ,pelo Rei Henrique VIII ⁴, levaria nações ao rompimento com o Sacro Império Romano. Também as iniciativas educacionais reformadas⁵ eram conflitantes com a educação católica de então.

A Companhia de Jesus, fundada em 1534 pelo padre Inácio de Loyola, juntamente com o Tribunal de Santo Ofício⁶, o qual agia desde a Idade Média, seriam baluartes do Sacro Império Romano na Contra-Reforma, fazendo frente ao protestantismo que se espalhava, notadamente, pelo norte da Europa.

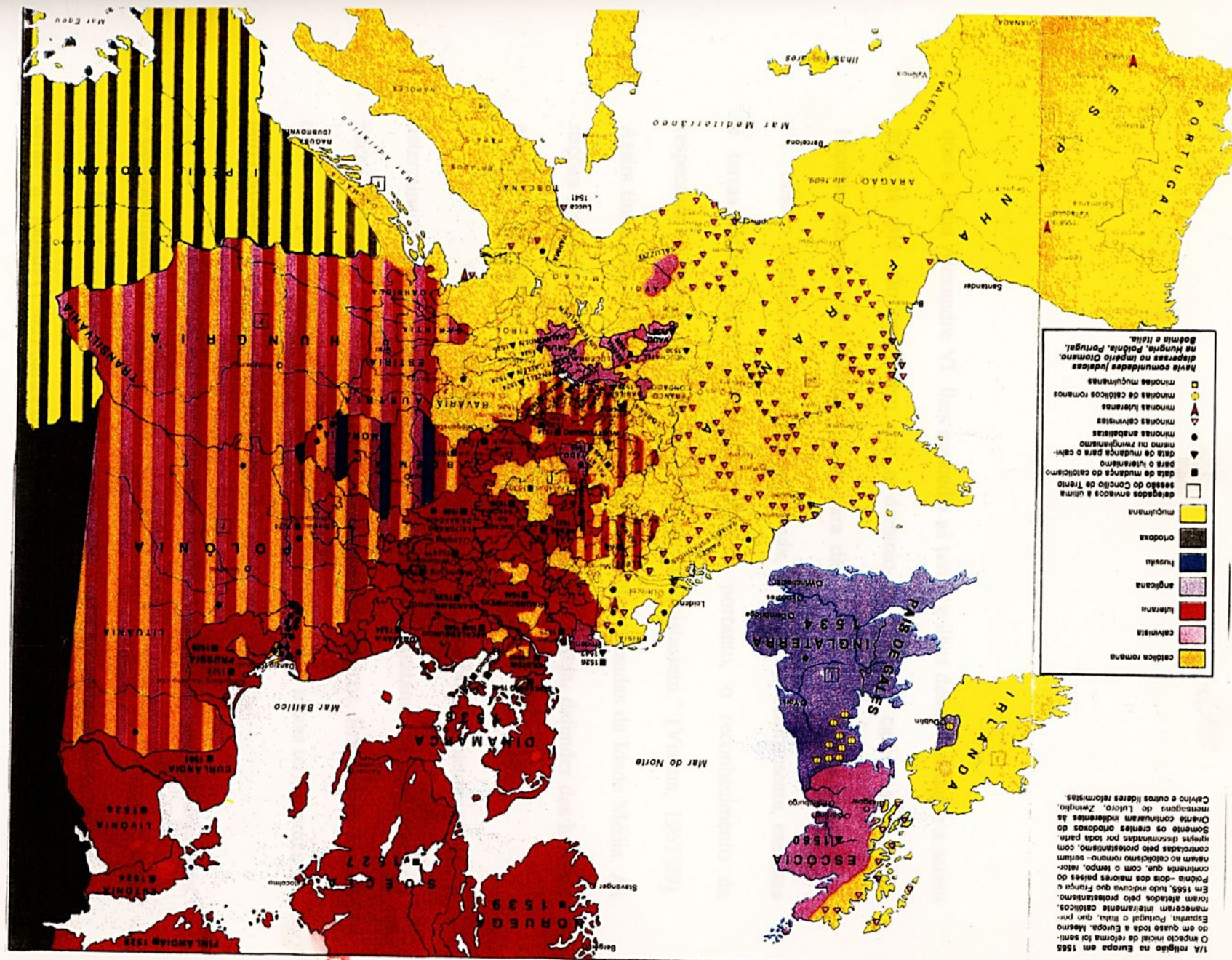
Portugal e Espanha, estados pertencentes ao Sacro Império, tinham sido beneficiados com o Tratado de Tordesilhas, de 7 de junho de 1494, em

⁴Muitos foram os que criticaram o sistema político e religioso em vigor na Idade Média. Lutero, porém, foi o primeiro a obter sucesso em sua luta. Huss, reformador tcheco que difundiu as idéias de Wyclif, outro reformador, foi morto por decisão do Concílio de Constança, em 1415. Lutero, Zuinglio e Calvino formaram, com suas ações e escritos, o tripé da Reforma Protestante. LEONARD, Émile. *Histoire Générale du protestantismo*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961 é importante obra para conhecimento das origens e ramificações da Reforma. Henrique VIII teve motivos muito individuais para seu rompimento com a Igreja Romana e fundação da Igreja Anglicana. Esta ruptura, no entanto, facilitaria a expansão calvinista por toda a Inglaterra. (Albino, 1996).

⁵ São muitas as diferenças doutrinárias entre Lutero, Zuinglio e Calvino - decorrência da livre interpretação da Bíblia. Estas diferenças se desdobraram até o leque de denominações protestantes hoje existentes, o que era previsto por Lutero, como resultado da liberdade religiosa. O acesso à Bíblia em língua vernácula e sua leitura pelos fiéis, porém, é característica comum a todo o movimento reformado, o que pressupõe alfabetização universal. LUZURIAGA, Lorenzo. *Historia da educação e da pedagogia*. São Paulo: Nacional, 1955, apresenta substanciais informações sobre iniciativas protestantes de educação desde o século XVI.

⁶ AZEVEDO, Israel Belo de. *As cruzadas inacabadas: introdução à história da igreja na América Latina*. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980, e GREEN, V.H. *Renascimento e reforma*. Lisboa: Dom Quixote, 1984, e EMÉRICO, Nicolau. *O manual dos inquisidores*. Lisboa: Afrodite, 1972, são obras, entre outras, que oferecem mais informações sobre Santo Ofício.

Eis o movimento de expansão do protestantismo na Europa quando começou a colonização e o trabalho da Cia. de Jesus pela Contra-Reforma. (Barraclough Geoffrey (ed.) .Folha de São Paulo. Atlas da História do Mundo, São Paulo, Folha da Manhã S.A., 1995:179)



que o Papa Alexandre VI lhes concedia as terras e ilhas desconhecidas e a serem achadas que não estivessem sob o domínio de príncipes católicos. O Sacro Império Romano detinha este poder para distribuir entre as nações católicas a “... missão cristianizadora a ser desenvolvida, violenta ou pacificamente, em ilhas e terras infieis. Essa atribuição acarretava, portanto, o reconhecimento da respectiva soberania sobre as zonas que se conquistassem.” (Vianna, 1967:29). Assim tinha sido com as regiões conquistadas pelas cruzadas da Idade Média. Às nações beneficiadas ficava o encargo de, ao lado da Igreja, defender das heresias as regiões concedidas.

Outros reinos, no entanto, não aceitariam passivamente a determinação papal. Aqueles que, com a Reforma Protestante, se desligaram do Sacro Império seriam a grande ameaça aos domínios ibéricos. Era preciso resistir duramente para os estados protestantes não conquistarem as novas terras, como de fato ocorreria com a América do Norte ⁷.

O pouco interesse pela colônia por parte dos portugueses logo após o descobrimento, no entanto, havia levado D. Manuel, o rei de Portugal, a uma atitude branda com relação a diferenças religiosas. Chegou a arrendar as novas terras a judeus (1502) para exploração de madeira por três anos.

⁷ A descoberta de jazidas auríferas pelos espanhóis na região do México e Andes aguçou o interesse dos estados europeus pelas Américas. Era preciso maior vigilância dos portugueses em seus domínios e dos espanhóis nas regiões de minas, o centro e o sul. O norte ficou um tanto esquecido, o que facilitou a entrada de protestantes ingleses que procuravam não apenas terras para exploração, mas para se estabelecerem com suas famílias naquela região, inicialmente, pouco sedutora. Em *Raízes do Brasil*, Holanda (1978) analisa, com profundidade, esta questão. Ver também *História Econômica do Brasil*, de Prado Jr. (1994).

Esta frouxidão é relatada também por Gilberto Freyre (1963). Para serem considerados católicos, os estrangeiros precisavam apenas saber dizer o Pai Nosso, fazer o Sinal da Cruz e dizer o Credo. Eram então aceitos como colonos na terra para a qual tão poucos portugueses desejavam se deslocar. Em razão disso “Durante quase todo o século XVI a colônia estêve escancarada a estrangeiros, só importando que fossem de fé ou religião católica”. (Freyre, 1963: 92).

Já D.João III, o sucessor de D. Manuel, com o desejo de tornar a Inquisição mais atuante em Portugal e seus domínios, de acordo com os interesses do Estado, comprou a autorização para agir sem interferência de Roma e, em 1540 realizou-se o primeiro auto-de-fé em Lisboa. A perseguição era a protestantes e, notadamente, aos judeus, intensificada de acordo com os interesses da Coroa, atingindo os que procuravam se refugiar no Brasil.

Com as descobertas marítimas, havia-se multiplicado os contatos com outros povos e crenças. Tentariam os protestantes, por certo, introduzir seus livros heréticos nas novas terras. Diante da nova situação, foi necessária a instituição de Visitadores de Naus, além dos censores, qualificadores e revedores já existentes desde o Concílio Romano de 1494. Eram clérigos de esmerada formação, egressos de uma universidade e cheios de qualidades intelectuais e morais “... com o encargo especial de revisão dos livros e censura de proposições ...” (Siqueira, 1978:168). Para evitar a divulgação de livros heréticos, quando os detectavam, faziam cópias dos trechos menos ortodoxos e os enviavam ao conselho geral para análise e censura.

A julgar pelo parecer do Censor do Santo Ofício a *Os Lusíadas*, Pero Vaz de Camões (edição de 1572), poder-se-ia crer que a censura não fosse tão

severa:

"Das os cabelos de ouro e vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas,

Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valorosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Ária & Europa, e não achei nelles cousa alguma escandalosa nem contrária à fe & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da naugação & entrada dos Portugueses na Índia, usa de hua fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas sas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretende mais que ornar o estilo Poetico não tiemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu Ferreira

Na verdade, por se tratar a mitologia grega de assunto que não ameaçava o *Status Quo* da Igreja Romana, sua presença em Os Lusíadas não se constituía um perigo que o Santo Officio tivesse que combater. Os conceitos de *heresia* e de *herege* de que fazia uso a Inquisição atendia também a imperativos políticos e econômicos, além de religiosos. Heresia não significava apenas "Ato ou palavra ofensiva à religião." (FERREIRA, 1986:889) católica. Contrário a fé e aos bons costumes era professar doutrina que, ainda que cristã, divergisse das leis da Igreja e do Estado, ameaçando sua estrutura. O herege, ou seja, quem ameaçasse esta estrutura tinha que ser banido para bem do modelo social instituído. Assim, era mais perigoso, mais ameaçador, uma Bíblia em língua vernácula ao alcance do homem comum que o luxuriante encontro dos navegantes com as deusas que, sem nenhuma ressalva do censor, Camões narrou no nono

canto de sua epopéia, apesar de constar do *index*⁸ que eram heréticos os livros que se referiam a *coisas lascivas*.

“Dua os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas,
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas;
Ua de indústria cai, e já revela,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que , sobre ela empecendo, também caia
Quem a seguir pela arenosa praia .
(Canto Novo, estrofe 71, s.d. :336)

Os visitantes de naus procuravam evitar a entrada de protestantes e de livros proibidos nas colônias, visitando os navios que a seus portos chegavam. Antes que desembarcassem, eles, com sua equipe, iam fazer a inspeção. Os passageiros e a tripulação eram interrogados sobre a presença de estrangeiros não católicos, principalmente ministros disfarçados de comerciantes, que pudessem difundir livros e doutrinas heréticas. Eram também conferidos todos os documentos existentes e os relatórios eram enviados aos inquisidores, na corte.

Esses procedimentos coíbiavam a entrada de estrangeiros, mas também provocavam o aumento de comércio ilegal nas colônias e entradas clandestinas dos chamados hereges, das quais há poucos registros justamente por sua condição ilegal e impossibilidade de controle.

Se os protestantes não permaneceram no Brasil nas oportunidades em que oficialmente se registram suas entradas, se não conseguiam propagar sua fé no Brasil-Colônia, isso não se deve à sua dificuldade de aclimação — por serem geralmente nórdicos — às regiões tropicais, como afirmaram alguns

⁸ *Index Librorum Prohibitorum* era uma lista de livros proibidos, que não deveriam ser lidos pelo povo em todo o domínio do Sacro Império Romano, entre eles a Bíblia. Caso alguém fosse encontrado com um destes livros ou denunciado por possuí-los, teria que passar por julgamento que o Santo Ofício realizava.

teóricos (In Freyre, 1963). Também não é correto supor que protestantes desistiram de entrar no Brasil e se resignaram diante da constatação de que só o português conseguia entrar “... em contato íntimo e freqüente com a população de cor ...” e sobrevivia às contrariedades, pois “... cedia com docilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros.” (Holanda, 1978:34), como a história tradicional⁹ freqüentemente apresenta.

O que se pode constatar, com base em documentos, é que tentativas de protestantes entrarem no Brasil foram constantes durante todo o período colonial. Também constantes e rígidos foram os mecanismos de resistência organizados pelo Estado e pela Igreja para que isso não ocorresse, para que as novas terras conquistadas pelos países católicos fossem defendidas das heresias. O Estado, a Companhia de Jesus e o Santo Ofício agiram intensamente na colônia para evitar tais contatos.

Hoje sabemos que a Inquisição interferiu profundamente na vida colonial durante mais de dois séculos, atingiu as regiões mais distantes e perseguiu portugueses residentes no Brasil e brasileiros natos, do Amazonas até a colônia do Sacramento, e as leis racistas são textualmente registradas na legislação portuguesa ... Quando Felipe II da Espanha incluiu Portugal entre seus domínios, em 1580, reforçou por razões políticas (grifo meu) o Tribunal da Inquisição, e a perseguição às heresias também se intensificou. (Novinsky, 1992:74-6).

De fato, à medida que a terra foi se tornando interessante

⁹ Foi tradição na historiografia mundial a explicação de fatos, recorrendo à biologia, inspiração positivista. Neste trabalho, por *história tradicional do Brasil* entende-se não uma escola apenas, mas toda história que, muitas vezes, sem objetividade científica, com excessiva carga de ufanismo, elegendo heróis, obras mais de cronistas que propriamente de historiadores, se manteve nos livros didáticos. História que se restringe aos sucessos políticos e administrativos, onde não figura o povo brasileiro, e que alcançou as gerações atuais, apesar das produções científicas já existirem desde o século XIX, como, por exemplo, a obra de Southey, com base em pesquisa documental. Ler PCN-História, Brasil:1998 p.19-41. Ler também CARR, E. H. *O que é história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. e BURKE, P. *A escola dos Annales (1929 - 1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

economicamente, a vigilância também se tornou mais austera. Tanto que o período da mineração foi também o apogeu das perseguições inquisitoriais. “Na primeira metade do século XVIII, quando a produção de ouro dominava a economia colonial ... 500 cristãos-novos foram levados para os cárceres ... sobre os outros tipos de heresias, também numerosas nesse período ...” (Novinsky 1992:79) muitas são luteranismo, ou heresias não especificadas.

2.1. Grupos protestantes estabelecendo-se na colônia: quebra temporária das resistências.

Apesar de todo o trabalho de resistência, há registros, na história tradicional, de quatro momentos em que grupos de estrangeiros protestantes se estabeleceram no Brasil.

As quatro ocasiões que são registradas têm sido apresentadas , quase sempre, inseridas no contexto das batalhas e vitórias portuguesas. Da presença de huguenotes (protestantes franceses) no Rio de Janeiro decorreu a Paz de Iperoig e fim da *Confederação dos Tamoios*, tendo Mem de Sá, Estácio de Sá e Padre Anchieta como os grandes vitoriosos. Da invasão holandesa à Bahia decorreu a vitória de Matias Albuquerque e do Bispo D. Marcos Teixeira. Da invasão ao Pernambuco decorreu a grandiosa vitória de Francisco Barreto, Henrique Dias, Vidal Negreiros e outros nas duas batalhas de Guararapes. Da invasão francesa ao Maranhão (poucos informam a existência de protestantes nesta expedição) com a fundação de São Luís (1612) decorreu a vitória da União Ibérica, tendo à frente Jerônimo de Albuquerque e Alexandre de Moura.

2.1.1. A França Antártica

Os franceses que chegavam às costas brasileiras e permutavam seus produtos com o pau-brasil dos índios conseguiam, pela maneira de abordá-los, certa amizade com eles. Era um contato com brancos em pequeno número e estes se acomodavam às exigências da vida social indígena enquanto estavam no meio deles. Mesmo quando em grupo maior, os franceses se reuniam em acampamentos, dependendo, tanto da alimentação quanto da segurança, dos seus aliados. A constância deste tipo de relação em contrapartida com a agressão dos portugueses, que tentavam subordiná-los aos seus desígnios de exploração, levou-os a ver no francês alguém com quem podiam aliar-se para se defenderem. Esta aproximação dos franceses, no entanto, seria razão para os indígenas se verem envolvidos em brigas que não eram deles, mas dos europeus: as guerras religiosas, nas quais os jesuítas se mostravam valorosos guerreiros.

Os indígenas não compreendiam naturalmente, os aspectos abstratos desses compromissos. Todavia, agiam no plano prático de acordo com eles. Especialmente depois que a presença dos portugueses configurou-se como uma ameaça... (Fernandes. In Holanda 1981:81).

Diferente dos demais empreendimentos franceses, houve um que não pretendia praticar o escambo e voltar para a Europa, mas instalar-se na América e fundar a **França Antártica**. Sua chegada e acomodação na hoje chamada Ilha de Villegaignon não foi difícil, em razão das boas relações existentes entre os franceses e os índios da região do Rio de Janeiro.

Há uma série de controvérsias sobre os fatos referentes à **França Antártica**. Não havendo fontes de autoria portuguesa para conhecimento dos fatos vistos de fora da colônia, as fontes de informação sobre a organização da viagem, os tripulantes os financiadores são de autores estrangeiros. A tradicional

historiografia, realizada sob o ponto de vista português-católico, tem selecionado estas informações de autores estrangeiros resultando num quadro , muitas vezes parcial , enaltecendo os portugueses colonizadores e Jesuítas, em cujas cartas também se baseia a história.

A primeira publicação que trata da França Antártica, *Singularidades da França Antártica*, foi de André Thevet, padre que acompanhou Villegaignon, em 1557, , o que teria levado Jean de Léry a publicar, em 1578, *Viagem à Terra do Brasil*. Como participante da colônia francesa e tendo convivido com Villegaignon, observou, segundo ele, incorreções na obra de Thevet e publicou a sua, para fazer as devidas correções, notadamente no que diz respeito ao caráter de Villegaignon¹⁰.

Em 10 de novembro de 1555, Nicolas Durand de Villegaignon desembarcou com seus companheiros numa ilha na baía de Guanabara para fundar a **França Antártica**. Era um militar com brilhante carreira, tinha o título de vice-almirante de Bretanha por seus feitos. Tendo um desentendimento com o Capitão de Brest acerca de fortificações, não teve apoio do Rei Henrique II. Isto lhe causou ódio mortal, por seu amor-próprio ferido. Desejoso de se vingar e afeito que era a aventuras e grandezas, decidiu fundar a **França Antártica**.

Para conseguir recursos para sua empresa, apresentou ao Almirante Coligny sua aparente intenção de construir, além mar, um lugar “ ... onde pudesse livremente servir a Deus, de acordo com o evangelho reformado...”

(Léry, 1972:21). Coligny, animado intercedeu para convencer o rei a apoiar seu

¹⁰ João Ribeiro em *História do Brasil* (1967), embora cite Jean de Léry como referência, pelo seu discurso, parece desconhecer suas informações. Defende Villegaignon e acusa os calvinistas. Holanda ¹⁰ João Ribeiro em *História do Brasil* (1967), embora cite Jean de Léry como referência, pelo seu discurso, parece desconhecer suas informações. Defende Villegaignon e acusa os calvinistas. Holanda & Pantaleão (1981) e Léry (1972) são fontes em que me baseei.

Desenho da Ilha de
Villegaignon feito por J.
Wasth Rodrigues para
ilustrar *História do
Brasil*, de Pedro Calmon
(1959:268, v.1).



projeto . Como era Cavaleiro da Ordem de Malta, apresentou-se também ao Cardeal de Lorena, sem mencionar, porém, a intenção de um refúgio protestante. Conseguiu, através do Cardeal, o apoio dos católicos.

O rei Henrique II, diante do apoio manifestado por católicos e reformados, não só apoiou a expedição, como ofereceu-lhe dois navios com munições, alimentos, dez mil francos para a viagem e tudo o que fosse necessário para construir um forte em terras brasileiras. Autorizou também o recrutamento de marinheiros e operários e prometeu a Villegaignon o título de vice-rei das terras conquistadas. Armadores normandos e bretões também, certos do lucro que viria, deram apoio ao empreendimento.

Para conseguir colonos que deveriam partir com ele para as novas terras, demonstrou a Calvino sua conversão à igreja reformada. Através do reformador, muitos protestantes se manifestaram para participar da viagem. Recrutando, ainda, criminosos de prisões da França, conseguiu uma companhia com cerca de seiscentas pessoas.

Só após a chegada ao Brasil é que Villegaignon começou a mostrar, com atitudes, seu verdadeiro caráter , informou Léry . Com jornadas de trabalho duras para todos, muito além do que estavam habituados, fez a equipe toda, com exceção apenas dele mesmo, construir o forte de Coligny em madeira e pedra. A alimentação era servida em porções insuficientes, o que obrigava os colonos a recorrerem ao auxílio dos índios.

A estranheza e o desalento ... logo se apoderara daquela gente quando forçada a viver de raízes e frutas, em lugar de pão de trigo, assim como de água de cisterna, em vez de vinho, e tudo em porções tão mesquinhas ... cada quatro pessoas tinham de contentar-se com aquilo que normalmente caberia a uma. (Holanda & Pantaleão, 1981:150)

" Transubstanciação é a crença de que o pão e o vinho se tornam o corpo e o sangue de Cristo. A crença de que o pão e o vinho são símbolos, e não o corpo e o sangue, é uma metáfora."

Em março de 1557, Jean de Léry, discípulo de Calvino de 23 anos, juntamente com treze ministros calvinistas, chegou ao Brasil para se juntar à expedição de Villegaignon no Forte de Coligni "...tanto em virtude do grande desejo que Deus lhe dera, já então, de pôr-se a serviço de sua glória, quanto por se sentir curioso desse novo mundo ..." (Léry 1972:XX).

Jean de Léry narra como Villegaignon fazia belas e emocionantes orações em voz alta, demonstrando piedade e zelo, ser contra o *papismo* e total dedicação ao serviço de Deus. Durante a comunhão, porém, sua discussão com João Cointa, Senhor de Boulleur, que se dizia reformado, sobre a transubstanciação e consubstanciação ¹¹, Léry pôde observar sua falta de convicção reformada e tendências católicas. Uma série de contradições quanto aos sacramentos calvinistas seria instituída por Villegaignon, desentendendo-se, por isso, com os ministros até sua total apostasia à fé reformada. Declarou mudança de opinião sobre Calvino, livrou-se do ministro Chartier, um dos que chegara com Léry, dizendo enviá-lo a Genebra para trazer definição de Calvino sobre as questões doutrinárias.

A mudança de Villegaignon teria ocorrido em razão de cartas recebidas do Cardeal de Lorena, irmão de Francisco de Guise, grande inquisidor da França e chefe do partido católico, através de um navio que aportou em Cabo Frio, nas quais censurava seu abandono à religião católica. Segundo Jean de Léry, porém, ele nunca fora um reformado, se fizera passar por calvinista para obter

¹¹ Transubstanciação é a crença de que o pão e o vinho se transformam realmente em carne e sangue. Consubstanciação é a crença de que o sangue e a carne de Cristo estão contidos naqueles elementos. As duas teses são rejeitadas por protestantes, que crêem que pão e vinho são símbolos. "Este é meu corpo e este é meu sangue", para estes últimos, é uma metáfora.

ajuda ao seu intento: tornar-se o grande fundador da França Antártica. Após sua volta à França teria se tornado ferrenho perseguidor dos protestantes (Léry.1972).

Os castigos e torturas a que submetia os homens foram se tornando insuportáveis, o mesmo fazendo com os índios que escravizava. Muitos se refugiavam entre os selvagens, abandonando a ilha. Os protestantes, juntamente com outros, declararam não serem mais seus súditos após seu rompimento com a igreja reformada. Villegaignon determinou que os rebeldes se retirassem da ilha.

Embora fossem em grande número e pudessem destruí-lo, segundo Léry, preferiram sair sem contestar. Permaneceram dois meses em *la Braquiterie*, região em terra firme, convivendo e sendo auxiliados pelos selvagens. Entre eles estavam Jean de Léry e João Cointa, o Senhor de Boulleur.

Certo dia surge na Guanabara um velho navio normando, com o casco já meio carcomido pelos gusanos, a fim de carregar pau-brasil, pimenta, algodão, macacos, papagaios e outros produtos da terra. A pedido dos fugitivos, concordou o capitão em transportá-los de volta, mediante pagamento de seiscentas libras tornesas. (Holanda & Pantaleão, 1981:157).

O navio teve problemas por excesso de carga. Feitos os reparos prosseguiu viagem, mas cinco dos fugitivos preferiram voltar ao Rio de Janeiro. Villegaignon os recebeu, mas depois, sob a acusação de serem hereges, matou três deles.

Estas notícias chegaram à França, passando Villegaignon a ser detestado pelos protestantes. No forte e nas proximidades, também era odiado em razão de sua crueldade. Resolveu voltar à França (1558), deixando os poucos colonos que ainda estavam no Rio de Janeiro à mercê dos ataques dos índios aliados dos portugueses, dirigidos por Mem de Sá e pelos padres Nóbrega e Anchieta.



Quadro de Carlos Oswald, Palácio São Joaquim, Rio de Janeiro. Villegaignon assiste ao primeiro culto reformado celebrado no Rio de Janeiro . Apesar do crucifixo e velas, improváveis em um culto calvinista, o artista atentou para a condição miserável dos colonos e a extravagância das vestes de Villegaignon, conforme relatou Jean de Léry. (Bloch, 1982:830-1, v.3) .

João Ribeiro (1967) informa que a causa da desunião na **França Antártica** foi, não o caráter de Villegaignon, mas a "... natureza do protestantismo, sobretudo naquele tempo de paixão pelo livre exame, o dividir-se em dissidências e dissensões pessoais, sendo cada um autoridade bastante em matéria de fé." (p.113). Os pastores vindos em 1557 é que teriam causado intrigas e feito com que Villegaignon, escandalizado, voltasse ao catolicismo e, mandando-os de volta à Europa, os recomendasse para a polícia católica. Este autor, no entanto nada informa sobre a tortura realizada por Villegaignon contra os que dele discordavam.

Souto Maior (1969) apresenta como causa da desunião a execução do cabeça de um motim (revoltosos com o excessivo trabalho) e, notadamente pela energia de Villegaignon contra a rivalidade entre os protestantes (dois teólogos vindos em 1557) e católicos.

Para Capistrano de Abreu (1963) a "severidade puritana" de Villegaignon é que teria descontentado os colonos ¹².

Hélio Vianna (1967) trata do assunto muito ligeiramente, chama Villegaignon de *ilustre marinheiro francês*, ¹³ não menciona o financiamento católico e passa a narrar o *glorioso* feito de Mem de Sá: a expulsão dos franceses.

¹² "À frente da expedição colocou-se Nicolas Durand de Villegaignon, notável pela valentia e pelo saber ... Estabeleceu-se numa ilha da baía, posição esplêndida contra os índios, com cuja amizade contava ... fez amado querido dos indígenas circunvizinhos o nome de *Pay-colas* ... Da assistência na ilha, pequena, rochosa, sem água nativa, surgiram inconvenientes graves para o sustento da guarnição, sujeita assim aos caprichos dos Tamoios ... Os imigrantes trouxeram questões religiosas para a comunidade. O chefe teve de mostrar-se severo, talvez cruel ..." (Abreu 1963:74).

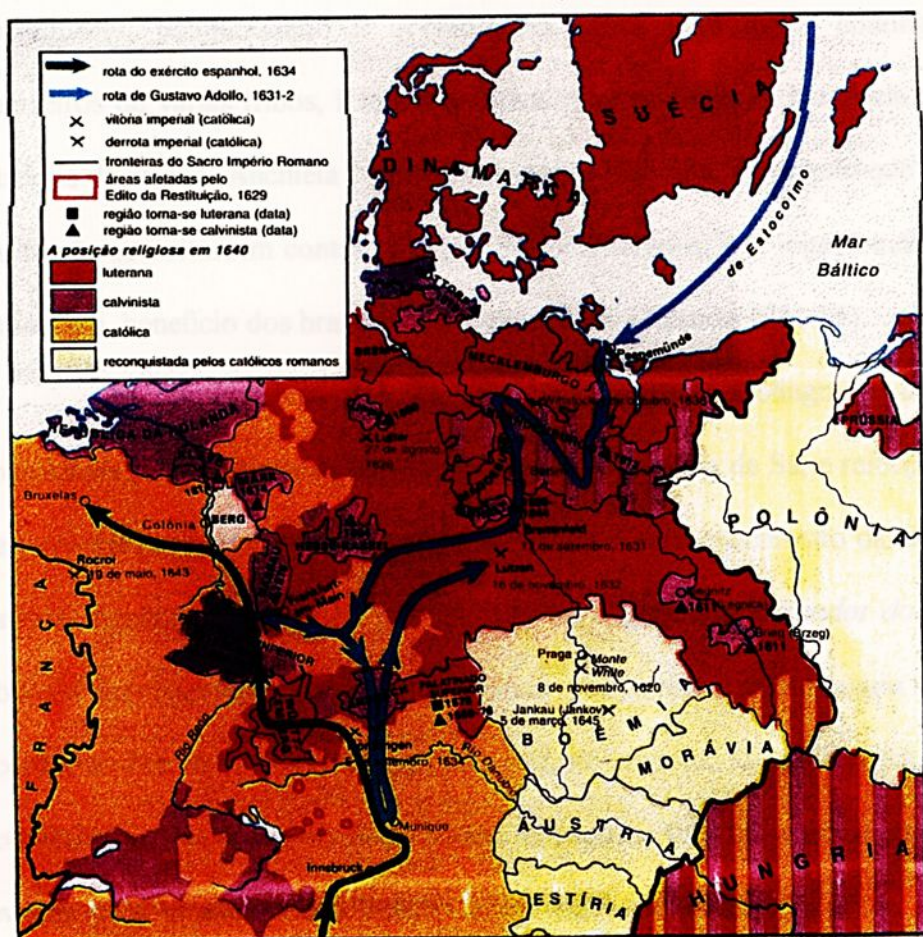
¹³ Este autor apresenta, em notas de rodapé, as fontes de informação de que se utilizou: THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*, 1557 e LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*, 1578. Pareceu-me incoerente que, após a leitura de LÉRY, Villegaignon seja apresentado como "um ilustre mas severo líder que teve dissabores com os protestantes" sem nenhuma observação complementar sobre seu caráter dúbio.

Dentre os padres jesuítas presentes no Brasil no século XVI (em 1600 eram 183), além dos de outras ordens como carmelitas, beneditinos, franciscanos e capuchinhos, mereceram maior destaque na história os padres Nóbrega e Anchieta. Estes cumpriram a contento a tarefa destinada a eles pela Contra-Reforma : ampliar os domínios da Igreja Romana. Para isso batalharam, numa luta coesa com a que se travava na Europa e culminaria com a *Guerra dos 30 anos* (1618-1648), na qual protestantes resisitiram, tirando boa parte da Europa do domínio do Sacro Império Romano.

Na *Confederação dos Tamoios*, como é chamado pelos historiadores o conjunto de acontecimentos que envolvem também os referentes à destruição da **França Antártica**, tiveram participação decisiva os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta para que os índios, os *tamoios* (que quer dizer os mais antigos e, portanto, donos da terra) fossem derrotados. Mem de Sá, o governador, havia mudado a antiga vila de Santo André, reunindo-a à missão jesuítica de Piratininga. Esta mudança causou grande contrariedade no meio indígena, pois viam seus irmãos tirados bruscamente do seu convívio. Os Tupiniquim¹⁴, então, se insurgiram e cercaram o povoado, criando conflitos.

Os franceses presentes na região do Rio de Janeiro aliaram-se aos índios revoltosos , os *tamoios* , com os quais tinham boas relações . Vários grupos se uniram para enfrentar os que já os vinham revoltando há tempos (1560), pois a união das vilas, que era bom para a administração não era bom para os indígenas, mais uma vez cruelmente agredidos. Resolvidos a fazer guerra constante aos

¹⁴ Os nomes dos povos indígenas foram grafados segundo orientação da Associação Brasileira de Antropologia: a manutenção do nome no singular, mesmo quando gramaticalmente se requer plural — os Tupiniquim — exceto quando têm função de adjetivo: *costumes tupiniquins*. Assim, *Tamoios*, um adjetivo, é grafado no plural. Quando forem citações, os nomes aparecerão como o autor citado escreveu.



Esta era a situação da Europa quanto aos domínios católicos e protestantes quando os holandeses se instalaram em Pernambuco. A rota do exército espanhol (verde) indica a região dos conflitos entre Holanda e Espanha. (Barroclough, Geoffrey(ed.). Folha de São Paulo: Atlas da História do Mundo . São Paulo , Folha da Manhã S.A., 1995:178)

portugueses, compensando a desvantagem bélica pelo maior contingente de guerreiros de várias tribos, fizeram os brancos se sentirem na iminência de serem varridos da região. Anchieta ¹⁵, juntamente com Nóbrega, conseguiu que os índios da missão se voltassem contra seus irmãos confederados, “... jogava índios contra índios, em benefício dos brancos.” (Fernandes. In Holanda 1981:85).

A expulsão dos franceses do Forte de Coligny e da região, completada por Estácio de Sá (1567), sobrinho de Mem de Sá, e reforços vindos de Portugal para este fim, na verdade significou o enfraquecimento da aliança dos nativos. Anchieta entrou para a história como o *grande pacificador dos tamoios* pois foi ter com eles, ficou algum tempo como refém e conseguiu o grande acordo, a *Paz de Iperoig* (1563). Esta paz, no entanto, foi morte para os índios confederados, pois depois disso foram atacados e três mil sobreviventes foram levados para as aldeias dos jesuítas como escravos para trabalharem. O grande herói, na verdade, foi Cunhambebe, líder Tupinambá da aliança feita entre vários povos: Tupinambá, parte dos Tupiniquim, Carijó e Guayaná, além dos franceses, com apoio de armas. Os confederados resistiram e atacaram por cinco anos (1562 a 1567) e “... vários líderes se destacaram, principalmente Cunhambebe e Aimberê. Os ataques tiveram altos e baixos e o grande aliado dos portugueses foi certamente a varíola.” (Hoornaert e Preziosi, 1995:82). Foi com esta doença que Cunhambebe ficou, com centenas dos seus irmãos.

Segundo Calmon (1959) um homem chamado *Senhor de Boulès* (o mesmo Boulleur que debatia com Villegaignon sobre a Santa Ceia), também foi

¹⁵ CALMON (1959) depois de expor os fatos segundo cartas de Anchieta e Nóbrega, acrescenta: “Foram dizimados os índios que tanto mal tinham feito aos católicos”. (p.292). Está claro o ponto de vista católico - português deste historiador.

muito útil para os portugueses, pois tendo fugido do Forte de Coligny, falava sobre as estratégias francesas. Apesar da ajuda dada por ele, a dúvida sobre sua fé, “... tanto podia ser católico imprudente como luterano disfarçado.” (p.286), levou os jesuítas a tratá-lo como herege. Mandaram-no para a Bahia onde foi interrogado pelo bispo que o teria mandado para a Inquisição em Lisboa. Teria se livrado da fogueira e sido desterrado para a Índia. Há porém uma versão sobre sua morte que Calmon chama de lenda: preso no Rio de Janeiro, enviado à Bahia, é lá julgado e condenado. Mem de Sá, vindo ao Rio de Janeiro, em 1567, para expulsar os demais franceses, o teria trazido. Ali, Senhor de Bouleaur teria sido enforcado “... tendo sido como auxiliar de carrasco, sob o pretexto de abreviar-lhe o sofrimento, o Padre José de Anchieta, conforme descrição dos próprios jesuítas.” (Braga, s.d.:48).

História do Brasil, de Roberto Southey (1977) fonte de informações para vários outros historiadores, apresenta Anchieta como o auxiliar de carrasco¹⁶, porém na tradicional seleção de fatos estes raramente figuram. Anchieta, segundo a história tradicional, ter estado no Brasil quinhentista, tendo-o como seu campo de ação “... constitui benefício que não pode receber qualificativos.”¹⁷ (Vianna 1967:104).

¹⁶ “No momento da execução de Boulés a imperícia do algoz, que lhe atormentava a agonia, fez que José de Anchieta auxiliasse o condenado a morrer ... Ato de fina caridade, diz o cronista, e tanto maior dizemos nós, quanto ele tem invocado contra a santidade do apóstolo.” (Ribeiro, 1967:120).

¹⁷ Depois de longo processo, o Pe. José de Anchieta foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 9 de junho de 1980.

2.1.2 Período Holandês

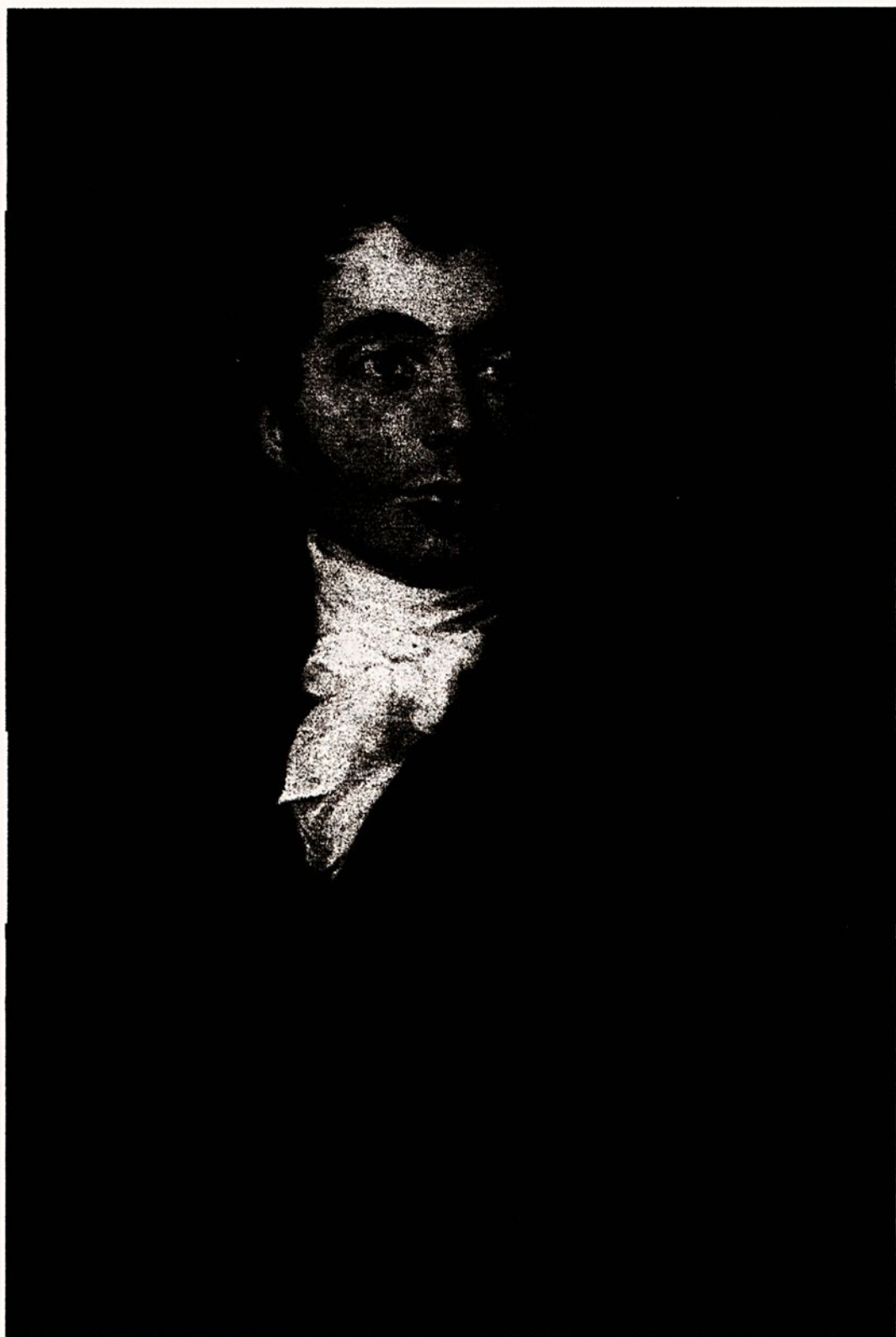
Com o desaparecimento de D. Sebastião e sem sucessor português para o trono, Portugal foi anexado à Espanha (1580), formando a União Ibérica.

As relações da colônia com a Holanda, que vinham desde os primeiros investimentos na produção de açúcar, foram alteradas, pois o rei da Espanha, Felipe II, não aceitou que as relações com aqueles com quem guerreara seu país, sendo derrotado (uma das batalhas da Guerra dos 30 anos) se mantivessem. Assim, o comércio entre Holanda e o Brasil foi bloqueado.

A Holanda (1585) tornara-se independente da Espanha, que, católica e poderosa, "... oprimia a pequena e insolente adepta da Reforma Protestante." (Mello. In Holanda, 1981:184). Após consolidada a independência, os holandeses fundaram a Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais. Esta companhia, que tinha como sócios grandes armadores, agiria na costa da África, em toda a América e no Pacífico. O alvo principal inicial, no entanto, era o Brasil, para recuperar o mercado de açúcar.

Em 1624 a Companhia invadiu a Bahia, sendo expulsos os holandeses no ano seguinte por Matias de Albuquerque. Em 1630, os holandeses invadiram Olinda, comandados por Hendrick Loncq, e, até 1637, foram ampliando seus domínios da Paraíba até o estuário do Rio Pará. Em 1637, chegou o Conde Maurício de Nassau para governar e reconstruir Pernambuco, destruído após as várias batalhas da conquista. Em seu governo (1637 a 1644) foram muitas as realizações¹⁸.

¹⁸ Carlos H. Oberacker Jr. Em seu trabalho *A contribuição teuta à formação da nação brasileira* dedica um capítulo de 27 páginas a "Maurício de Nassau - O Primeiro Estadista 'Brasileiro'" (1968). Ver também, de Themudo Lessa, *Maurício de Nassau, o brasileiro* (1937).



Robert Southey, autor de *História do Brasil* (1810-1819), baseada em fontes documentais dos arquivos de Portugal. (Boch, 1982:1914,v.6).

Tradicionalmente, os fatos referentes ao domínio holandês, de 24 anos, não têm ocupado grande espaço na historiografia, ou pelo menos nos livros didáticos que alcançam um número maior da população. Quanto à religião dos holandeses, informa-se também muito pouco. Calmon (1959) diz apenas que "... com a política de Nassau os padres retomavam, tolerados, o seu ministério." (p.607). Somente ao falar da apostasia do jesuíta Manuel de Moraes é que cita a religião reformada : "... viajou para Holanda, onde adotou a *religião luterana* (grifo meu), e passou a ser precioso informante dos assuntos que conhecia muito bem ." (p.603).

O progresso que o período holandês proporcionou ao Brasil é apresentado por Wätjen (1938), Ribeiro & Rodrigues (1940) e Oberacker (1968). Uma característica marcante do governo de Nassau foi a convicção de que a liberdade religiosa é benéfica para o Estado, pois enquanto se envolve em batalhas sangrentas por questões de fé, como acontecia então na Europa, digladiava-se a si mesmo. Embora os holandeses que para cá vieram pretendessem impor a fé calvinista, Nassau combateu tal iniciativa. Mesmo sendo protestante, dava licença para os padres dizerem suas missas, a porta fechadas, para não se indispor com os calvinistas ortodoxos. Também os judeus, que sofriam repulsa tanto de católicos como de protestantes, puderam, com restrições, permanecer com suas práticas. A atitude de Nassau para com católicos foi registrada pelos próprios jesuítas. Frei Manuel Calado ,em suas cartas, escreveu que Nassau " ... não respira ameaças de morte contra os católicos, mas é pacífico e manso e só lhe achamos falta da luz da fé, para ser um homem completo."(Mello.In Holanda, 1981:240-1).





Retratos de Maurício de Nassau: Pintura de Jan de Baen, Palácio
Voorhout, Haia (esquerda) e reprodução da mesma (direita)
(Bloch, 1982:2205 e 2207,v.7)



Serviço de Operações Cartográficas
do Exército, Rio de Janeiro.
(Bloch, 1982:2017,v.7)



Reprodução Folha de São Paulo
10 abr. 1999:4-8

2.1.2.1 A mil Seu governo trouxe vantagens para negros e índios. Aboliu a escravidão indígena e abrandou a jornada do escravo negro, instituiu folga aos domingos para todos.

Estado-Igreja As influências deixadas pelos holandeses após sua expulsão, as quais foram muitas, segundo Rodrigues & Ribeiro (1940), também têm sido muito pouco abordadas pela história tradicional, uma forma de resistência.

Os colonos portugueses e senhores de engenho, em razão das vantagens das relações com o Estado, inicialmente oferecidas pela Companhia das Índias sob o comando de Maurício de Nassau, se acomodaram e aceitaram a nova condição das regiões invadidas e já gostavam da nova forma de viver. Quando Nassau ia retornar à Holanda, deixando o cargo de governador, recebeu carta dos pernambucanos, expressando o pesar que sentiam por sua partida e o temor de que o progresso alcançado durante seu governo se aniquilasse, como de fato começou a acontecer com o novo governo e se completou com a reconquista portuguesa.

Pernambuco Por desentendimentos com a Companhia sobre o modo de conduzir a colônia, Maurício de Nassau deixou o Brasil em 1644. Dez anos depois (1654) a região holandesa foi restaurada por Portugal, que em 1640 havia recuperado sua autonomia política, desligando-se da Espanha e iniciando, com D. João IV, a dinastia de Bragança.

Expulsos do Brasil, os holandeses se instalaram nas Antilhas, onde passaram a produzir o próprio açúcar que comercializavam. O Brasil perdeu, desta maneira, o seu maior comprador. Em razão disso, o maior exportador de açúcar do século XVI estaria, até meados do XVII, em irreversível decadência.

2.1.2.1 A música no período Holandês.

Da mesma forma que a Igreja e o Estado formavam uma sociedade teocêntrica católica em Portugal e seus domínios, também na Holanda esta fusão Estado-Igreja Reformada determinava as relações sociais, as regras de viver. Deste modo, as batalhas holandesas eram a um só tempo políticas e religiosas, sendo o calvinismo ortodoxo a religião do Estado.

Também as músicas patrióticas eram, ao mesmo tempo, religiosas. O hino nacional holandês, o mesmo que se canta atualmente, menciona a vitória sobre a Espanha por Guilherme de Nassau, um misto de vitória religiosa e política. Este tipo de música, cantada por todos em língua vernácula, como era prática na liturgia das igrejas protestantes¹⁹, foi muito freqüente no Brasil holandês.

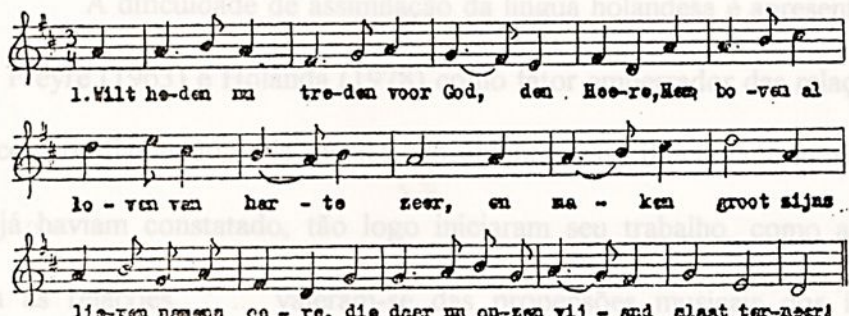
A invasão de Olinda, em 1630, foi comemorada com culto protestante e cântico e da mesma forma se festejou cada região conquistada, do Pernambuco ao Rio Grande do Norte, além da região de Fortaleza-CE e de São Luís-MA.

O hino *Wilt heden nu treden God den Heere*, composto por Adriano Valerius (1597) para celebrar as vitórias sobre a Espanha, também havia se tornado popular em todos os domínios holandeses e era executado pelas bandas militares nas comemorações:

¹⁹ Na liturgia católica tradicional, desde o Concílio de Laodicéia, em 364, ficou determinado que só o clero e o coro especializado cantariam, em latim. Os fiéis participariam, em língua vernácula, apenas das missas natalinas e pascuais. A influência protestante se apresenta na atual música sacra e profana nos compassos simples, ritmo lento, melodia no soprano, harmonia para duas vozes femininas e duas masculinas, ausência de cânones e descantos, freqüência de estribilhos, tudo isso para facilitar o acompanhamento pelos fiéis que não participavam do coro.

Wilt heden nu treden

Nederlandsche melodie, 16.e eeuw



1. Wilt he-den nu tre-den voor God, den . Hee-re, Hem bo - ven al
 lo - ven van har - te zeer, en ma - ken groot sijns
 lie-ren na-mens co - re, die daer nu on-zen vij - and slaet ter-neer!

(Braga, s.d.:61)

Também no Brasil a música militar foi introduzida pelos holandeses. A orquestra fazia apresentações nos jardins de Maurício de Nassau para o público que o freqüentava nas tardes de verão.

Está provado que os holandeses organizavam festas e diversões públicas na colônia.

Nesse ponto é justo e razoável sustentar que ao elemento holandês se deve a introdução da música militar... (Rodrigues e Ribeiro, 1940:271).

Há registros também que o católico João Fernandes Vieira realizou em seu engenho, em 1646, uma festa a Santo Antônio e convidou os "...melhores músicos da terra que cantaram a três coros, havendo missa, sermão e extremada música ." (Costa .In Anais Pernambucanos, 1952.v.III).Este é um indício de que o modo de cantar trazidos pelos protestantes holandeses ia sendo assimilado pelos brasileiros .

A música sacra protestante era também muito cantada por todos , com acompanhamento de órgão ²⁰, na liturgia reformada que ocorria nos templos católicos existentes nas regiões conquistadas, feitas as devidas adaptações.

A dificuldade de assimilação da língua holandesa é apresentada por Gilberto Freyre (1963) e Holanda (1978) como fator emperrador das relações dos nativos com os flamengos. Na música, no entanto, essa dificuldade inexistia. Os jesuítas já haviam constatado, tão logo iniciaram seu trabalho, como a música facilitava as relações, “ ... valeram-se das propensões musicais dos índios e traduziam para o tupi os cantos e hinos religiosos ... ”(Almeida, 1958:50).

Estes elementos podem ser evidências de que, mais que a língua, mais que a doutrina cristã católica ou reformada, os povos colonizados assimilaram as tendências musicais com as quais tiveram contato, e, em se tratando da região pernambucana, as tendências musicais protestantes introduzidas por holandeses, além de outras.

Em *Storia della Musica nel Brasile* (1926), Vincenzo Cernicchiano afirma que formas musicais protestantes e católico-romanas que se fundiram e floresceram no período holandês são responsáveis pelo esplendor que a música atingiu em Pernambuco. Não se pode esquecer, no entanto, que este florescer está acompanhado de pelo menos mais duas vertentes: a contribuição indígena e negra com seu contingente musical, instrumentos rústicos e de percussão.

No período de intensa busca de estirpação dos vestígios holandeses que se seguiu à reconquista por Portugal, as influências que mais conseguiriam

²⁰ Desde o século XVI já existiam órgãos em Olinda, segundo Costa (1952). A Holanda, na época, era centro de notáveis organistas e fabricantes de órgãos e luteranos não consentiriam em suprimir o órgão do uso litúrgico. Tanto nas cerimônias religiosas protestantes e católicas, quanto nas profanas, eram utilizados os instrumentos musicais.

resistir, por seu caráter abstrato, foram as musicais, as quais permaneceriam como “... infecções de cultura norte-européia, que irão trazer um sentido diverso ao nordeste.”(Rodrigues & Ribeiro, 1940:332).

2.1.3. A França Equinocial

Durante o período de União Ibérica, o Tratado de Tordesilhas deixou de ter a importância que tinha até então, já que as regiões além e aquém do meridiano estavam sob o domínio espanhol. Também o litoral norte, próximo a seus limites, era ignorado por portugueses que, até o fim do século XVI, não haviam se interessado por sua exploração.

Os Franceses já vinham explorando a região há algum tempo e em 1594 dois franceses, Jacques Riffault e Charles Des Vaux, naufragaram na costa maranhense, ficando entre os indígenas Tupinambá por cerca de 11 anos, período em que puderam conhecer as riquezas da região. Sobre o fim de Riffault não encontrei informação, mas Des Vaux, após ter conhecido a terra e criado laços com os nativos, voltou à França em busca de financiamento para seu projeto de instalar na região a **França Equinocial**.

O rei Henrique IV, antes de concordar, mandou Daniel de La Touche, o Senhor de Ravardière, com Des Vaux para averiguar a veracidade das informações. Ficaram no Maranhão seis meses e voltaram, confirmando as informações sobre o Brasil. Em 1612, a expedição, que tinha por sócios Nicolau de Harley, François de Rasily, além do protestante Daniel de La Touche, chega ao Maranhão com padres capuchinhos e cerca de quinhentos colonos. Quem os

²⁴ Des-là une bandière avec les armes de France, un navire et elle “so lève et le fillo à bras empuant un rame de oliveira que de saû de la racobera, e por mote tant des foimies facti.”(Southey, 1977: 278).

autorizou para o empreendimento foi a rainha Maria de Médicis ²¹, viúva de Henrique IV assassinado em 1610.

A rainha os nomeou por cartas patentes, tenentes-generais em nome del-rei cristianíssimo nas Índias Ocidentais e territórios do Brasil ... Ravardiére era huguenote e da mesma confissão muitos dos seus sequazes, não parece porém que esta diferença de religião ocasionasse a menor desinteligência. (Southey, 1977:278).

Ao chegarem ao Maranhão construíram o forte que Rasily chamou, em homenagem ao rei Luís, seu avô, de São Luís, o que veio a ser a cidade do mesmo nome. Homenageou também a rainha, por intermédio da Virgem, dando nome à baía de Santa Maria.

Os franceses não tiveram dificuldades para conseguirem aliança com os índios e instigar a inimizade contra os portugueses, pois eles já tinham sofrido ataques lusitanos quando estes ocuparam o Ceará. Em 1614, porém, os franceses foram expulsos da região maranhense. O Governador-Geral, Gaspar de Souza, organizou a primeira expedição comandada por Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos Moreno, que resultou, após a morte de 114 franceses, num acordo entre portugueses e franceses. Os portugueses ficariam no continente e os franceses, na ilha de São Luís, até que quatro emissários trouxessem o acordo definitivo de Paris e Madri.

Gaspar de Souza não aceitou o acordo e enviou a expedição de seiscentos homens sob o comando de Alexandre de Moura, o qual ficou conhecido pela proeza de derrotar e expulsar os franceses “... sem disparar um só tiro...” (Souto Maior, 1969:138). As propostas de acordo, no entanto, mesmo estando os franceses em vantagem, vinham do Senhor de Ravardiére, mostrando sua

²¹ Deu-lhes uma bandeira azul com as armas da França, um navio e ela “ao leme e o filho à proa empunhando um ramo de oliveira que da mão dela recebera, e por mote *tanti dux foemina facti*.” (Southey, 1977:278).

capacidade de negociação. As lutas portuguesas foram inúteis, já que as coroas francesas e espanhola se uniriam com o casamento dos filhos em seguida. Nem todos os franceses foram embora. Alguns se casaram com índias e permaneceram como colonos "... La Ravardière e Des Vaux ficavam no Brasil O próprio La Ravardière dava aos portugueses informações preciosas sobre as terras a oeste ...” (Souto Maior, 1969:138).

O Chefe dos capuchinhos da França Equinocial era Claude d'Abbeville, o qual escreveu a história da expedição. Não há informações, através de seus relatos, sobre a atuação dos protestantes que participaram da expedição e são suas anotações a principal fonte em que os historiadores se baseiam.

2.2. Os protestantes e a Inquisição.

As relações entre protestantes e católicos durante o período colonial não poderiam ter sido diferentes, notadamente nos séculos XVI e XVII, período do surgimento e expansão do protestantismo, ameaçando o domínio ocidental absoluto do Sacro Império Romano, que vinha desde a antiguidade, quando este domínio era explicitamente político — o Império Romano.

O abalo estrutural que ocorria principalmente no norte da Europa seria combatido com todas as forças e estratégias nas regiões do novo mundo ainda não alcançadas pelo movimento reformista.

É possível, assim, compreender o fervor com que a Companhia de Jesus, por meio de seus missionários, se lançou ao trabalho de conquista dos gentios americanos, bem como a “ira divina” que se acendia neles frente a um

protestante, chamando a fé calvinista de *peçonha*, como se pode constatar nas cartas de Anchieta.

Era necessário alcançar os indígenas sem demora para garantir os domínios políticos de Portugal e religiosos da Igreja Romana.

A Contra-Reforma, através da Companhia de Jesus, agiu, buscando a catequização dos silvícolas, tão logo seus clérigos chegaram ao Brasil. Na primeira quinzena de abril de 1549, o Padre Manuel da Nóbrega já informava, por carta, o resultado do trabalho ao Padre Mestre Simão Rodrigues de Azevedo:

um dos Principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dous dias soube o A,B,C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas; *sómente qe há de ir à guerra, e os que captivar, vendel-os e servir-se delles, porque estes desta terra sempre têm guerra com outros e assim andam todos em discordia* (grifo meu) comen-se a outros, digo os contrários. É gente que nenhum conhecimento tem de Deus. (Nóbrega, 1988:72-3).

Além dos ritos cerimoniais católicos, que eram impostos, buscava-se tornar os índios mais pacíficos, mais dóceis e, portanto, mais adequados para a exploração por parte dos colonizadores.

Outra estratégia da Contra-Reforma foi a visitação do Santo Ofício e instauração do Tribunal da Inquisição em terras brasileiras para extirpar os hereges que porventura tivessem conseguido quebrar as resistências.

A Inquisição iniciou suas atividades no Brasil, conforme Novinsky (1992) bem depois de fazê-lo na colônia espanhola, onde em 1509 já havia inquisidores, pois também grandes contingentes de europeus não ibéricos só se interessariam pela colônia portuguesa mais tarde, com a descoberta das minas. O período em que houve mais repressão coincide com o auge de entrada de

européus, em fins do século XVII e século XVIII, período de maior produção de minério e também de decadência econômica de Portugal.

2.2.1 Primeira Visitação do Santo Ofício

Em 1591 chegou à Bahia o primeiro visitador, Heitor Furtado de Mendonça, ficando ali até 1593 e de 1594 a 1595, em Pernambuco. Nos primeiros trinta dias após a instalação do tribunal no colégio da Companhia de Jesus em Salvador, o *Tempo da Graça*²², foram ouvidas várias confissões de várias naturezas. Alguns confessaram terem tido contato com a Bíblia ou livros de religião reformada, e terem participado, involuntariamente, de cultos luteranos.

Pero de Villa Nova, um francês, em 17 de janeiro de 1592, confessou que quando veio da França, em 1557, havia no navio “... muita gente francesa dos quais a maior parte delles erão luteranos...”. Chegando ao Rio de Janeiro, não havia portugueses e

como quer que os luteranos erão mais e mais poderosos que os catholicos, começaram a espalhar seus livros luteranos e semente sua doutrina luterana fazendo escolas publicas de sua seita luterana constrangendo e forçando com açoutes a todos os moços e mancebos de pouca ydade que fossem as ditas escolas e doutrinas. (Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil - Confissões da Bahia, 1922, 117).

Alegou em confissão que, sendo jovem, fora obrigado a participar, mas que era católico, nunca gostou da seita luterana e, assim que pôde, fugiu de lá para o meio dos índios até chegar a São Vicente. Afirmou que quando falava do que ouvira entre os luteranos era para denunciar os erros e não como coisa boa que ele tenha provado. O senhor Pero de Villa Nova, certamente, havia comentado

²² Tempo da Graça era o prazo que as pessoas tinham para, espontaneamente, confessarem seus erros e demonstrarem arrependimento, podendo se livrar do julgamento, cabendo apenas penitências.

com as pessoas sobre o seu convívio, como eram as práticas luteranas das quais havia participado. Temendo ser denunciado por tais comentários, preferiu confessar, salvando-se de condenação.

Sua confissão, ao mesmo tempo em que confirma a vigilância contra o protestantismo, informa atividades de proselitismo e ensino realizadas por protestantes franceses no Rio de Janeiro. A data, 1557, coincide com o período em que existiu a França Antártica, porém os nomes dos “monseores” que viajavam nas três naus, conforme confissão de Villa Nova (Della Fonsilha, Thoret, Della Xapella, de Bolex) não coincidem com os registros de nomes dos que vieram para a colônia francesa.

Isso pode indicar que, além dos componentes da expedição de Villegaignon e dos que vieram com Jean de Léry,²³ outros franceses se instalaram no Rio de Janeiro, praticaram a fé reformada e ensinaram a ler e escrever nas mencionadas escolas públicas.

Por outro lado, embora não mencione o nome de Villegaignon, dá notícia de “... Monseor Debulla Conte (de Boisle Comte) ...”, nome semelhante ao do protestante supostamente executado a mando de Mem de Sá. Considerando a falta de uniformidade gráfica, notadamente em nomes estrangeiros, este citado por Villa Nova pode ser o mesmo senhor de Boulleur, o João Cointa, conforme o apresentou Léry. Assim sendo, o senhor Villa Nova seria um sobrevivente da França Antártica que se apresentaria ao Santo Ofício 35 anos depois, indício de

²³ Embora não seja mencionada a atuação a cargo de protestantismo ou luteranismo, a fé segundo um Cristo é característica de cristão protestante, o interesse pela leitura da Bíblia e a ausência de imagens em sua casa também.

²³ Villegaignon chegou ao Rio de Janeiro em 1555 e Jean de Léry, em 1557.

que outros tantos podem ter escapado e ter vivido com os índios, procurando transmitir-lhes a fé reformada e alfabetizando-os.

No período de denúncias, muitos chegavam para acusar outros de hereges por práticas de judaísmo e bruxaria, ou informar que vizinhos não possuíam imagens, tinham livros proibidos, ou que declaravam fé apenas em Cristo²⁴.

Dentre os registros das confissões e denúncias da Bahia²⁵ não há informações sobre ministros protestantes, mas todos os denunciados por luteranismos são acusados de propagar sua fé, o que mostra que o trabalho de difusão da fé reformada ocorria clandestinamente. Sônia A. Siqueira (1978) informa que, de 1591, ano da primeira visitação do Santo Ofício, a 1620, foram 283 as denúncias e confissões. Cinquenta e duas delas são relativas ao protestantismo — 19, por luteranismo; 5, por livros defesos; 26, por distorção das práticas religiosas e litúrgicas; 2, por impedir ações anti-heréticas. Diante da baixa densidade da população baiana neste período, o número de prováveis protestantes é bem significativo.

Pode-se concluir que a Inquisição impediu a penetração de idéias protestantes de várias formas, porém não as suprimiu por completo, dada a ousadia dos que se propunham a este trabalho e do interesse da população

²⁴ Embora não seja mencionada a acusação a estes de protestantismo ou luteranismos, a fé somente em Cristo é característica de cristão protestante, o interesse pela leitura da Bíblia e a ausência de imagens em sua casa também.

²⁵ Não foi possível encontrar, ainda, publicações de confissões e denúncias de outras visitasões.

alfabetizada por conhecer os textos sagrados. A leitura dos livros proibidos despertava tanto interesse que as pessoas procuravam por eles, mesmo se arriscando. Nas Confissões da Bahia de 1618, dona Maria Peralta confessou que “desejando ler certos salmos em português, pediu a Bento Teixeira ²⁶, para traduzí-los.” (Siqueira, 1978:226). Se não os procuravam mais era porque o número de alfabetizados era também muito pequeno.

Alguns protestantes que tiveram seu trabalho interrompido pelos tribunais figuram nos registros, mas os que foram perseguidos pelos próprios fiéis católicos ²⁷, informalmente, não constam destas relações e, certamente, são um número bem maior que os registrados. Também muitos que seguiram seu trabalho escapando às perseguições, permaneceram no anonimato.

2.2.2 Devassa na Bahia

Há muitos registros de acusações de protestantismo nos autos da Devassa de 1635, realizada na Bahia, por Bispo Dom Pedro da Silva, quando aqueles que conviveram com os holandeses no curto período da invasão à Bahia, ou moradores das regiões então em domínio holandês, vinham fazer denúncias.

Os denunciante acusavam pessoas que se encontravam do lado holandês. Contavam suas atitudes predominantemente relativas à adesão de costumes da religião reformada. Participar de cultos protestantes, batizar-se segundo a fé luterana, ler a Bíblia ou o Novo Testamento, contrabandear-los ,

²⁶ Este Bento Teixeira é o autor de *Prosopopéia*, obra literária que marca o início da produção brasileira. Ele foi denunciado por judaísmo ao Santo Ofício em Pernambuco (MORAIS, 1969).

²⁷ Há registros de perseguições a protestante por iniciativa da população católica mesmo após a legalização da liberdade religiosa , como informa Leonard (1963) .

distribuí-los, recebê-los, tê-los em casa e padres aderirem ao calvinismo foram as acusações, além das denúncias dos casamentos com holandeses em cerimônias calvinistas.

O padre Manuel Dias, a 3 de dezembro de 1636, acusou o Padre Manuel de Moraes, o responsável por um grupo de índios que guerreavam pelos portugueses, de ter apostatado a fé católica, confessado publicamente a fé calvinista e tentar fazer proselitismo, dizendo a um capuchinho que ele andava errado "... Em/Seguir nossa Sanctafel que a Sua Seita heretica q. Seguia heraboa, e que a/ Seguisse elle também." (Anais do Museu Paulista, t. 22, p. 245, 1968). Pedro Calmon (1959) informa que depois ele embarcou para a Holanda e lá se casou.

Sabendo-se que Maurício de Nassau não impunha sua fé aos moradores das regiões ocupadas e que dava liberdade aos padres para, de modo discreto, realizarem suas missas, é possível concluir que o Padre Moraes se converteu espontaneamente, assim como os demais, ou passou por convertido para obter mais privilégios, porém não por imposição.

2.2.3 Visitação do Santo Ofício ao Pará

Também no Grão-Pará, segundo denúncia do Padre Miguel Ângelo de Moraes ao Santo Ofício, viveu um Sargento Mor, engenheiro vulgarmente chamado pelo sobrenome Monsieur Gronfelt, alemão e luterano. Na acusação de 10 outubro de 1765 o padre informa que:

veio elle denunciante Ainferir que elle Era sequaz dos mesmos Luteranos ou dos hereges que a Sim o affirmão ... que ha uerado os mezes Emeio ... Estando elle denunciante com o mesmo

denunciado ... proferio esta Outra porpozição naforma seguinte -Mun -tos Santos Cujas Imagens Estaõ nos Altares Estaõ ardendo suas almas nos infernos ... que O Pontifice. Era homem Equecomo tal podia Erar ... (LAPA, 1978:38-9).

Que havia um estrangeiro protestante no Grão-Pará, apesar das proibições, é fato. Se Gronfelt realmente declarou tudo isso em conversa com um padre, é possível supor quanto mais não propagou sua fé aos demais.

A falta de engenheiros na colônia, o pouco interesse pelo aprendizado deste ofício e a necessidade de serem realizadas obras, conforme Officio de 26 de março de 1767 do Governador Conde de Azambuja a Francisco Xavier de Mendonça (Annaes da Bibliotheca Nacional v.32, p.161, 1913), são circunstâncias que explicam a tolerância a este estrangeiro protestante fazendo parte do governo no Grão-Pará.

2.3 Legislação proibitiva a estrangeiros

Durante o século XVIII muitos navios ingleses, franceses e holandeses freqüentaram os portos do Brasil, embora a repressão neste período fosse bem maior, com a Inquisição em seus melhores dias.

Há vários despachos proibindo estes navios de permanecerem nos portos brasileiros, ou de sua tripulação desembarcar. Além do temor existente de que estes pudessem ter vindo com objetivo de saquear a colônia, havia também o temor de que muitos da tripulação desertassem ²⁸ e ficassem no Brasil.

²⁸ Consta dos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (v. 32:85) que: há uma lei de 20 de março de 1720, proibindo estrangeiros na tripulação dos navios, porque fugiam para o sertão; há um officio do Governo interino para Francisco Xavier deMendonça, de 18/01/1765, acerca de tripulantes do navio inglês Sebelay que desertaram. Em 12 de dezembro de 1605 foi expedida uma ordem para internar a doze léguas da costa os estrangeiros que nela fossem encontrados.

Tratavam-se de temores bem fundamentados, pois até alguns clérigos vinham para a colônia com o aparente objetivo de catequizar, mas depois abandonavam os hábitos e, disfarçados, iam para as minas e se atiravam na depravação e bebedeira, dando motivo para expedição de cartas régias, como a de 1725, que proibia a vinda de eclesiásticos para a colônia.

Na sua linguagem oficial resavam ellas que a experiencia tinha demonstrado que não se devia permittir a vinda de religiosos por causa do grande damno e perturbação que faziam nas minas, para onde logo passavam (Luiz, 1904, Rev. do. Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo, 1904:25 v 8).

Apesar de todas as proibições, a respeito da entrada de estrangeiros no Brasil-Colônia, Claldo Ribeiro de Lessa, na introdução de *Viagens ao Interior do Brasil*, de John Mawe (1978) diz que ele nunca "... fora completamente fechado à curiosidade bem intencionada de viajantes estrangeiros ..." (p. 15) e é enorme a lista dos que, de alguma maneira, burlaram as resistências.

Apenas de 1751 a 1761 é comprovado, por documentos existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que 21 navios estrangeiros estiveram nos portos da Bahia. Foram dez ingleses, nove franceses e dois holandeses, que passaram por inspeções e que, em alguns casos, tiveram a mercadoria confiscada e passageiros e tripulantes presos. Da esquadra inglesa que aportou em 1759, por exemplo, foram "... à prisão 35 passageiros dos navios por falta de passaportes ..." (Anaes da Bibl. Nacional do R. de Janeiro. 1913:33. v. 31). Consta que, em 1765, desertaram do navio inglês Sebelay que esteve no porto da Bahia vários marinheiros tripulantes, os quais foram capturados e entregues de volta ao comandante.

As orientações para que se tivesse cautela com os estrangeiros também eram constantes. Deste mesmo período, há um Ofício do Provedor mor

da Fazenda, Manuel de Mattos Pegado, para o Ministro Francisco Xavier, informando sobre as precauções que deviam ser tomadas para que as tripulações de navios estrangeiros não fizessem contrabando (Bahia, 07/09/1761). Há também outro ofício participando o governo interino da resolução régia a respeito das atitudes que deviam ser tomadas com "... as náus de guerra estrangeiras que arribassem aos seus portos." (Anais da Bibl. Nac. 1913:472,v. 31), resolução que vinha reforçar a Carta Régia de 1707 e Alvará de 1711 que proibia a entrada de estrangeiros na colônia brasileira.

Foram 29, de 1591 a 1761, as leis e ordens régias relativas a proibição de navios estrangeiros mercantes e de guerra no Brasil, o que comprova a constante resistência a eles e também aos protestantes que estivessem entre eles. Por outro lado, a insistência em se emitirem leis proibitivas acontecia porque eles não cessavam de tentar entrar na colônia. Indica que as entradas ocorriam, que não se conseguia impedir todas as tentativas.

Quanto à entrada de eclesiásticos católicos na colônia, Washington Luiz (1904) informa que:

A vigilância exercida sobre eles era tão grande que nenhum mestre de barco obtinha despacho de partida, de Portugal ou das ilhas, sem que o primeiro declarasse, por termo que não levava em suas embarcações, religioso algum, sob pena de pagar 2.000 cruzados ... Mas essa vigilância era iludida, passando os religiosos para o Brasil ... (In Revista do Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 1904: 26 v.5).

De igual modo estrangeiros protestantes podem ter iludido as diligências e entrado no Brasil. Assim é que no século XVII, Cornélio Arzão (Arsing), ²⁹ um holandês, esteve em São Paulo. Seus filhos, Cornélio Arzão e

²⁹ Segundo Oberacker a liberdade religiosa instituída por Maurício de Nassau só seria admitida, após sua saída, em 1891. Recuperada pelos portugueses a região holandesa, "homens como Cristóvão Lins e Cornélio Arsing (Arzão) eram arrastados perante os tribunais. (Oberacker, 1968:98) Não encontrei até o momento maiores informações sobre estas condenações.

Manoel Rodrigues Arzão são citados por Theodoro Sampaio (1898) entre os paulistas que têm nos registros do Conselho Ultramarino, cartas de elogio de “Sua Alteza... firmadas de sua mão real, em 21 de março de 1764, ... pelo zelo com que se empregaram a penetrar os sertões a descobrimento de minas de ouro e prata...” (Sampaio. In Rev. do Instituto Hist.Geo. S. Paulo 1898: 40, v.4)

Também Wilhelm Glimmer, um protestante holandês, quebrou a resistência quando esteve na Capitania de São Vicente, por volta de 1630 e relatou informações sobre minas de ouro na região de São Paulo. Tais informações foram incluídas em *História Naturalis Brasiliae* organizada por Joannes de Laët³⁰. Acredita-se que Fernão Dias Paes Leme, em 1764, seguiu os mesmos caminhos mencionados por Glimmer e que já eram, antes deste, trilhados pelos índios. Além de ser citado em Joannes de Laët, “... o nome de Glimmer aparece uma outra vez na história do Brasil, em uma carta escripta em 1633 pelo official hollandez Walbeck e incluída na colleção de documentos feita na Hollanda por Joaquim Caetano da Silva conservada na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro...” (Derby, 1898. In Rev.Inst.Hist.Geogr. S. Paulo, vol. 4, 347).

Em *Vida e Morte do Bandeirante*, Alcântara Machado (1965) informa que em 1627, época em que não era dado à mulher o direito de ler, escrever, contar, ilustrar o espírito, apenas duas que aparecem nos inventários sabiam assinar o nome. Uma delas é “Madalena Holsquor, viúva de Manuel Vandala, que parece flamenga.” (p.93).

Se era, de fato, flamenga, era protestante, pelo menos nominal. Como e com quem teria chegado à colônia? Teria alfabetizado suas filhas? São

³⁰ Joannes de Laët foi o autor de importante obra sobre o Brasil no período holandês, como mais adiante mencionarei.

perguntas para as quais não há resposta, mas é certo que está aí uma prova de quebra da resistência a estrangeiros e, provavelmente, a protestantes.

Affonso de Taunay (1923), ao criticar relatos de viajantes estrangeiros que estiveram na Bahia de 1610 a 1764, apresentou informações que estes viajantes registraram sobre protestantes. Le Gentil de La Barbinais, francês que chegou à Bahia em 24 de novembro de 1717, encontrou-se com o engenheiro militar Macé, protestante francês, que exilara para a Inglaterra após a revogação do edito de Nantes³¹. Entrando para o exército inglês e passando por Portugal, Reverendo Henrique Martyn, missionário anglicano, esteve em Salvador quando seu navio ali permaneceu por quinze dias, e visitou “algumas pessoas boas” (p.67). “Certamente, havia outros ingleses, ou outros anglicanos na cidade, que conseguiram quebrar as resistências, a quem o missionário foi visitar” (Taunay, 1923:359). A necessidade de seus serviços justificaria a tolerância a este calvinista, com quem Barbinais conversou, longamente, sobre o Brasil.

Mrs. Kinderley é outra viajante (1767) apresentada por Taunay. Inglesa, foi impedida de hospedar-se em casa de outra inglesa, esposa de um comerciante português. Segundo o governador, duas inglesas numa mesma casa eram demais. Está claro nesta medida o mecanismo de resistência. Muito poderia ser informado sobre o Brasil caso as duas conversassem. O autor nada informa sobre sua religião, mas, por sua análise crítica ao sistema religioso colonial, pode-se concluir que não era católica. Ela dá seu parecer³² sobre os “desgraçados” ingleses que moravam na colônia, o qual é transcrito pelo autor:

³¹ Documento, resultado de debates nas assembleias que era considerado principal fundamento da união e da tranquilidade do Estado francês. Tal ordenação de Henrique IV, publicada em abril de 1598 recebeu o nome do lugar em que foi publicado. (Félice, 1890). Tal edito foi revogado em 18/10/1685 por Luis XIV.

³² A tradução das cartas de Mrs. Kinderley, publicadas em alemão em 1777, foram publicadas nos Annaes do Museu Paulista, tomo 1. São 76 cartas escritas de junho/1764 a setembro de 1768, sendo uma datada de Salvador.

condenados a viver em tal paiz o resto da miseravel existencia, vigiados constantemente e com o maior rigor e, aliás, sem compensação alguma offerecida pela terra ingrata, a que a fatalidade os conduzia, pois sua sorte era a da indigencia. (In Taunay, 1923:387).

As informações presentes no artigo de Taunay são provas de que a resistência a estrangeiros e a protestantes se quebrou por muitas vezes, muito mais do que oficialmente se noticia.

Há ainda informações (Braga, s.d.) de que um pastor, o senhor Langstedt passou pelo Rio de Janeiro, em 1782, a caminho da Índia e, em 1805, o Reverendo Henrique Martyn, missionário anglicano, esteve em Salvador, quando seu navio ali permaneceu por quinze dias, e visitou "...algumas pessoas gradas." (p.67)³³. Certamente, havia outros ingleses, ou outros anglicanos na cidade, que conseguiram quebrar as resistências, a quem o missionário foi visitar.

2.4 O fundador de Curitiba: um protestante?

Interpreto como um trabalho de resistência a controvérsia a respeito do nome do fundador de Curitiba, que persistia nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1908.

No volume XIII da referida revista, Dr. J. Vieira Fazenda argumenta (p. 408-13) que o alemão *Heleodoro Eoban*, que hospedou o viajante protestante Hans Staden, em 1553, em São Vicente, conforme informações do próprio Staden, em seu livro, *Viagem ao Brasil*, e *Eleodoro Ebano Pereira*, fundador de Iguape, Paranaguá e Curitiba em 1648, são pessoas diferentes e

³³ Henriqueta R.F. Braga baseou-se em BEGRICH, Martin: *Síntese da História Eclesiástica Evangélica no Brasil*. Rio de Janeiro, Estab. Gráfico Canton e Reile, 1954 e KRISCHK e GEORGE UPTON. *História da Igreja Episcopal Brasileira*. Rio de Janeiro, Gráfica Tupy Ltda., 1949, obras às quais até o momento não consegui ter acesso.

separadas, cronologicamente, por um século. Argumenta ainda que o segundo era de ascendência portuguesa e parente de Mem de Sá e que o primeiro morreu em 1564, em Cabo Frio, quando foi guerrear ,em auxílio a Estácio de Sá, contra os franceses.

Dr. Ermelino A. de Leão, nas páginas seguintes da mesma revista (p.415-34), argumenta, usando várias fontes documentais e confrontando suas informações, que o alemão gerente do engenho do genovês Giuzepe Adorno, que hospedou Hans Staden ³⁴ em 1553, é o mesmo fundador de Curitiba. Afirma também que o descobrimento das minas de Paranaguá teriam ocorrido em 1548 e não em 1648. A prova de que o fato ocorreu no século XVI são documentos existentes, emitidos com data de 1585, de Paranaguá.

O nome *Eleodoro Ebano*, que se apresenta como o do fundador das povoações paranaenses é, na verdade, uma variação gráfica do nome correto, fato muito comum num período em que não havia uma unidade gráfica nem na própria língua portuguesa. O Pereira que se acrescentou ao seu nome era o nome da família de sua esposa, Dona Maria de Souza, filha de João de Souza Pereira e este sim, parente de Mem de Sá.

Quanto à data de sua morte, não há documentos que a comprovem. O que se tem é a afirmação do prefaciador do livro de Hans Staden, Dryander, de que ele *foi tido por morto* num combate em Cabo Frio, em 1564. Documentos há, no entanto, que indicam estar ele vivo em 1569 e 1614.

Como explicar um alemão vivendo no Brasil e sendo elevado ao posto de Capitão de Canoas por seus feitos em auxílio a Mem de Sá, num período

³⁴ Mais informações sobre este viajante serão apresentadas no capítulo quarto.

em que a entrada de estrangeiros era proibida? Como justificar esta transgressão às leis coloniais? Dr. Ermelino A. de Leão justifica com informações de Pedro Taques ³⁵, no mesmo momento em que justifica o acréscimo do *Pereira* ao seu nome:

Pedro Taques, porém, no desejo de engrandecer a *gens* paulistana, naturalizou o catholico Heleodoro, que fugira da sua pátria para evitar as perseguições dos *Llutheros* emprestando-lhe o patronymico Pereira que pertencia à família luzitana da esposa do audaz vencedor dos francezes. (pág.419).

A informação de que Heleodoro Eobano era católico, repetida por Leão, indicando tê-la deduzido da "... notícia fornecida por Larousse sobre seu progenitor, que foi victima de tenazes perseguições religiosas dos lutheranos, que por esse mesmo motivo, abandonou a pátria, muito jovem ..." (p.420) se mostra contraditória em relação às informações que encontrei na mesma Larousse:

Eobano (Heliodoro) (Cabo Frio, RJ, 1568), filho de um amigo de Lutero, Helius Eobanus Hesus, o humanista de Erfurt (posteriormente Marburg), [1488-1540] que exerceu o officio de escrivão em São Vicente (SP). Consta que Heliodoro foi o guia das bandeiras no litoral paranaense e co-fundador de Curitiba e do Rio de Janeiro e gerente do engenho de açúcar do genovês José Adôrno, em São Vicente. Era de confissão luterana. Morreu ao lado de Salvador Correia, em Cabo Frio, combatendo os francezes. (Delta Larousse, 1972:2435).

Além do que informa a enciclopédia sobre sua fé, que pode não ter crédito documental, outras informações há que levam à conclusão que o fundador de Curitiba era protestante. Hans Staden, um protestante, esteve hospedado em

³⁵ Pedro Taques de Almeida Pais Leme, historiador paulista que viveu no século XVIII, exerceu vários cargos públicos. Escreveu *História da Capitania de São Vicente, informações sobre as Minas de São Paulo e Nobiliarquia Paulistana: Genealogia dos Principais Famílias de São Paulo*. É neste último que apresenta Eobano como um paulista.

sua casa, o que dificilmente seria possível se ele fosse um católico perseguido. Ulrich Schmidel ³⁶, o guarda livros do engenho de Adorno, com quem Heliodoro convivia em seu trabalho, também era protestante e depois de vinte anos, voltando à Europa “... veio sofrer perseguição religiosa e conseqüente desterro por motivo de haver tomado parte ativa, a favor da Reforma.” (Braga s.d.:32). O Senhor João Boulés (Le Boulleur), francês protestante fugitivo do Forte de Coligny, de Villegaignon, teria declarado em seu julgamento “... que em São Vicente foi hóspede de Liodoro.” (LEÃO. In Revista do Inst. Hist. Geog. S. Paulo – vol. 13, p.419, 1911) e ia divulgando a fé reformada ³⁷ enquanto aguardava meios para voltar à Europa.

Aceitando-se todas estas evidências, como explicar um alemão protestante ter vivido no Brasil e como “nenhum outro vulto da historia nacional” ter sido

audaz guerreiro, vencedor dos franceses e dos Carijós, descobridor das minas, oficial do conselho do Rio de Janeiro, povoador de Iguape, Paranaguá e Curytiba, capitão de canoas de guerra e administrador das minas do sul do Brasil. (Leão, 1911:431)?

É difícil explicar. Seria o mesmo que negar todos os adjetivos depreciativos lançados sobre os luteranos. Assim, sua origem e sua fé são pouco

³⁶ Ulrich Schimidel refugiou-se em Regensburg e, depois de 5 anos (1567), publicou *Veridicas descrições de várias navegações como também de muitas partes desconhecidas*, obra traduzida para o latim e espanhol, além de outras línguas. A versão publicada em Buenos Aires, a mais conhecida nas Américas, é de 1903: *Viaje al Rio de La Plata*. Em artigo intitulado: *Ulrich Schmidel-Noticia biographica*, pelo dr. João Coelho Gomes Ribeiro, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo, Vol.X, 1906, o autor, em dez páginas (29 a 38) nada informa sobre sua fé luterana.

³⁷ Estas informações são dadas por Braga (s.d.), tendo como fonte LESSA, Themudo. *Anchieta e o suplicio de Balleur*. São Paulo, Record, 1934. Até o momento não consegui encontrar esta obra para conferir informações, obter outras e me certificar das fontes. Outras fontes, como Southey, atestam cultura e eloquência do Senhor de Boulleur nas conversas com os demais, no período em que fugia de Villegaignon. A carta de Anchieta ao Padre Geral de S. Vicente, de 1 de junho de 1560, confirma que o senhor francês entregue a ele por Luiz da Grã propagava ousadamente sua fé, conseguindo muitos prosélitos.

19 de fevereiro de 1810, o tratado de Comércio entre Portugal e Inglaterra havia sido firmado e no artigo XII ficou explícita a tolerância aos protestantes ingleses, divulgadas. Quando também estas são comprovadas, lança-se o herói, “... apesar de tantos e tão gloriosos serviços, ... na penumbra do passado, sem o merecido destaque.”(Leão, 1908:431).

É provável que o casamento com uma portuguesa, parenta do Governador-Geral Mem de Sá, tenha sido a estratégia de Heleodoro Eoban para, quebrando as resistências, realizar seus intentos, estabelecer-se e fazer fortuna em terras americanas.

Sendo filho do grande Eobanus Hesus, é fácil concluir que a formação deste alemão era superior à dos que viviam na colônia, mesmo dos filhos da aristocracia, que contavam, tanto os que estudavam no Brasil, quanto os que iam para Coimbra com formação oferecida pela Companhia de Jesus, totalmente fechada para o movimento renascentista, que acontecia na Europa.

Embora não haja registros, pode-se concluir que os filhos deste alemão foram alfabetizados e educados segundo sua fé protestante. Trata-se de significativa contribuição protestante à educação no Brasil, e que talvez possa ainda vir a ser comprovada com futuras pesquisas.

2.5 Resistência a protestantes: uma tradição

A rejeição aos estrangeiros protestantes era promovida pela Igreja de tal modo que, quando alguns deles entravam no país, mesmo quando a proibição por parte da corte se abrandara, eram hostilizados pela população. Em

19 de fevereiro de 1810, o tratado de Comércio entre Portugal e Inglaterra havia sido firmado e no artigo XII ficou explícita a tolerância aos protestante ingleses, contanto que não fizessem proselitismo. Apesar da tolerância legal, Gilberto Freyre (1977) informa que o ministro anglicano, Rev. Walsh, que veio morar no Rio de Janeiro teve sua casa apedrejada pelos vizinhos e viu ser usada sua figura e a de sua esposa como *judas*, porque não havia contribuído para a realização destes festejos de Aleluias, de tradição católica.

Assim como a Igreja Romana, na Europa, resistiu ³⁸, no século XVI, às idéias educacionais renascentistas e luteranas de proporcionar o ensino de outras línguas faladas então, além da materna e do latim, resistiu também no Brasil-Colônia ao ensino do inglês, mesmo depois de D. João VI.

O horror a tudo que parecesse heresia... era tal que a própria língua francesa sabe-se que era tida por suspeita e suspeitíssimo o seu estudo. Efeito da política pedagógica dos jesuítas: o máximo de segregação intelectual dos brasileiros dentro do Latim e do Português. Ainda mais suspeita devia soar aos ouvidos ortodoxos a língua inglesa; ainda mais devia parecer aos orientadores da pedagogia colonial fiéis às tradições jesuíticas e da Santa Inquisição, o estudo do inglês, língua de numerosos hereges e maçons. (Freyre, 1977 : 201).

Seguindo esta tradição de rejeição a protestantes, a sociedade a manteve, a ponto de ser prejudicada a catalogação e divulgação de documentos a eles referentes, bem como suas realizações. Talvez tenha sido a falta de arquivos a origem do pouco interesse dos historiadores por grupo tão significativo para a formação da cultura brasileira, notadamente a partir doséculo XIX.

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo em 1913 publicou uma conferência realizada por M. de Oliveira Lima na Soc. de Geografia

³⁸ Esta resistência, segundo Lutero, era estratégia do demônio para que as pessoas, confinadas a escritos existentes apenas em uma língua, não tivessem acesso à produção universal do conhecimento e, portanto, se mantivessem na ignorância (Gadotti, 1994).

de Antuérpia intitulada *O Brasil dos Estrangeiros*. Ao mesmo tempo em que enaltece os estrangeiros que participaram da construção do Brasil, fazendo detalhado resgate histórico, não menciona a fé protestante dos colaboradores para a ciência como por exemplo, Markgraf, Pies (Piso), Spix³⁹. Omite também a fé de Hans Staden, alegando que

escapou ao destino commum dos prisioneiros de tribus de cannibae, graças á sua presença de espirito, a qual bem denuncia a disposição de sua raça para fazer carreira na expansão ultramarina. O processo usado foi o de lisonjear a vaidade do famoso cacique Cunhambebe, dizendo-lhe quão reputado era e temido pelos europeus... (Lima, in Rev. Inst. Hist. Geographico de S. Paulo 1913: 26 V.17).

Ao abordar o assunto religião, o autor afirma que o catolicismo nunca sofreu qualquer abalo:

por seu lado a religião catholica não ha por assim dizer soffrido na sua integridade, nem outróra com a propaganda dos calvinistas hollandezes, quando a Companhia das Indias no seculo XVII dominou durante um quarto de seculo uma vastíssima extensão da colonia portugueza, nem hoje com a propaganda methodista ou baptista, exercida em completa liberdade pelos missionários americanos" (Lima, in Rev. Inst. Hist. Geographico de S. Paulo, 1913: 28, V.17).

Trata-se de um típico procedimento que parece querer ignorar a presença e o trabalho protestante, mesmo após a liberdade religiosa vigorar no Brasil: uma tradição de resistência.

As condições sociais dos protestantes no Brasil , em razão do preconceito, no século XIX, conforme nos apresenta Oberacker (1968), se estenderia pelo século XX. O conhecimento de bibliografia específica dos meios protestantes e relatos orais poderão informar muito sobre estas resistências.

³⁸ Em VIANNA, Helio. *História do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1967 e QUATROCOS, Jânio e ARINO, Afonso. *História do Povo Brasileiro*. São Paulo: Quatro Ed. Culturais, 1968. desta revista sobre a religião, os costumes e o intercâmbio cultural nestes períodos.

³⁹ Esta informação dada por Ribeiro é uma transcrição de CARVALHO, Ezequiel de. A sociedade brasileira. São Paulo: Arca e Geogr. Para. v.15 (1982) p. 401, 1910.

³⁹ Apresentarei informações sobre a contribuição científica destes protestantes no capítulo quarto.



3. CASAMENTOS ENTRE PROTESTANTES ESTRANGEIROS E BRASILEIRAS

As ocasiões em que holandeses invadiram o Brasil e permaneceram por algum tempo — Bahia (1624-1625) e Pernambuco (1630-1654) — são abordadas por historiadores tradicionais. A maioria deles, porém, apresenta estes períodos de invasões como tempos estéreis no que diz respeito à transmissão ou intercâmbio cultural, uma entrada e saída sem deixar vestígios. São enfatizadas as questões econômicas e políticas como se tivessem existido desvinculadas das demais.⁴⁰

Em *Pequena História da Formação Social Brasileira*, por exemplo, Manoel Maurício de Albuquerque (1984) trata das invasões sem mencionar as relações humanas, não dá conhecimento ao leitor das práticas religiosas dos invasores. Apenas menciona que "... buscou-se evitar conflitos ideológicos concedendo-se tolerância às práticas católicas e mosaístas ..." (1984:196) e mais adiante informa que "As práticas evangélicas ou protestantes somente adquiriram foros de legitimidade em áreas ocupadas por estrangeiros como na Guanabara (1555-1567) e no Nordeste (1630-1654)." (p.245).

João Ribeiro (1967), embora ligeiramente, aborda a questão dos casamentos: "Casamentos não raros, apesar da diferença de religião, se faziam entre brasileiros e holandeses" (p-159).⁴¹

⁴⁰ Em VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1967 e QUADROS, Jânio e ARINO, Afonso. *História do Povo Brasileiro*. São Paulo: Quadros Ed. Culturais, 1968. nada consta sobre a religião, os casamentos e o intercâmbio cultural nestes períodos.

⁴¹ Esta informação dada por Ribeiro é uma transcrição de CARVALHO, Elysio de. A sociedade pernambucana nos tempos coloniais. Rev.do Inst. Arch. e Geogr. Pern., v.15 (282)p. 401, 1910.



Pernambuco As influências da presença protestante durante o domínio holandês (24 anos) em região tão extensa, na verdade não apenas Pernambuco, mas as cinco capitanias mais ricas (Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte), que eram o coração da colônia no século XVII, foram muito maiores do que revelam os documentos em português. Traduções e publicações de documentos holandeses têm comprovado tal afirmação.

A invasão de Salvador pelos holandeses, que durara menos de um ano (1624-1625), permitiu aos habitantes daquela cidade conviver com os invasores e admirar alguns aspectos do seu modo de viver e de se relacionar com a população colonial. Este contato, seduzindo os brasileiros, causou preocupação no Bispo do Brasil, Dom Pedro da Silva, que tentava, energicamente, afastar os brasileiros dos holandeses.

Desde a época de Dom Marcos Teixeira, colaborador na expulsão e Visitador do Santo Ofício, o povo baiano andava descrente da Igreja em razão da má conduta deste inquisidor, o que contradizia a crença de que ele era o infalível representante de Deus. Esta situação tornava os baianos mais suscetíveis às influências protestantes dos holandeses que, logo após a saída de Salvador, haviam ocupado Pernambuco (1630).

Para combater as idéias e atitudes heréticas em Salvador, o Bispo Dom Pedro da Silva realizou uma devassa ⁴² na cidade, iniciada a 18 de junho de 1935. Ao que parece, pelos registros desta devassa, muitos baianos simpatizantes dos holandeses haviam-se mudado para a região ocupada por eles em

⁴² Nos manuscritos pertencentes aos Cadernos do Promotor de Lisboa, nº 19 — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, há traslado de algumas denúncias da referida devassa. Estes documentos foram publicados pelos Anais do Museu Paulista, XXII, 1968, em artigo de Anita Novinsky.

Pernambuco. Foram denunciadas oitenta pessoas e, dentre as heresias apresentadas, vários eram os casos de brasileiras terem se casado com hereges holandeses segundo a cerimônia da Igreja Reformada. Apesar de, segundo um relato de Maurício de Nassau, haver pouco interesse dos holandeses pela mulher da colônia por sua aparente indolência⁴³, as uniões ocorreram em grande número, por interesses econômicos e como forma de quebrar resistências, como teria feito, em meados do século XVI, Heleodoro Eoban, alemão luterano, provavelmente, o fundador de Curitiba.

Foram acusadas de se casarem com holandeses, em cerimônias heréticas a filha de Martim Lopes, três filhas de Domingos, duas filhas de Aranha, a filha de D. Adriana, Dona Caterina e suas duas tias e a filha de Diego Roíz. O denunciante Manoel Azevedo, que prestou depoimento em 23 de outubro de 1636 acusou a mulher de Matias Furtado:

Disse que Sabe que Dona/Vitoria demoura Molher q ficou de Mathias furtado moradores em Jaguarassu / Cazara Com hum o Lande herege Com as Serimonias o Landezas Com padrinhos/ emadrinhas o Landezes (NOVINSKY, in Anais do Museu Paulista 1968: 269 V XXII).

Denunciou também Maria da Cunha, mulher de Cristão Ferreira, moradores de Itamaracá por ter sido madrinha da filha de Domingos Ribeiro quando ela se casou com um flamengo. Disse ainda que o genro de Domingos Ribeiro, Bento Gazzo, batizou seu filho com um pastor herege quando estava na ilha com os holandeses e depois que saiu de lá tornou a batizá-lo com os padres jesuítas.

⁴³ Breve Discurso: sobre o estado das quatro capitanias conquistadas de Pernambuco, Itamaracá, Parahiba e Rio Grande situadas na parte septentrional do Brazil – Rev. do Inst. Arch e Geogr. Pern. 1887: 139-96, V.34 Trad. do holandês. Sobre a apreciação das mulheres portuguesas, diferem de Nassau, Verdonck Wanderburch, autores contemporâneos dos acontecimentos. Verdonck esteve no Brasil antes da conquista holandesa e depois dela. (Rodrigues & Ribeiro, 1940).

Foram atitudes, tanto a de Maria da Cunha, a de Vitória de Moura quanto a de Bento Gazzo, provavelmente, de conveniência, visado a interesses individuais, uma maneira de ficarem bem relacionados com os holandeses.

Diogo Roiz e seu filho também foram denunciados por serem corretores de casamentos entre holandeses e brasileiras. Eram, portanto, contratos interessantes para as brasileiras, já que os pais aceitavam realizar a negociata e pagar pelos serviços a Diogo Roiz e seu filho.

Pedro Fernandes, no dia 11 de agosto de 1636, denunciou, entre outros, as sobrinhas do Aranha, as “Pimentinhas”, de dizerem: “... queValia mais humflamengo/ que muitos portuguezes, eque aelRei deespanha auião aindaVer andar/ uendendo liuros eoutrasCouzas pellasRuasComofolinheiro que tal/ oavião deparar os oLandezes...” (In Anais do Museu Paulista, 1968: 264, v. XXII). Estaria neste registro uma prova de que os casamentos e a passagem para o lado holandês era algo realmente sedutor para os colonos, notadamente naquele momento em que a situação, já ruim, havia piorado desde a anexação da colônia à Espanha.

A qualidade de vida , no que se refere a serviços prestados pelo Estado, era muito melhor na região holandesa, pois na colônia portuguesa os impostos arrecadados sempre tenham sido empregados para sustentar o luxo e extravagância da vida da corte. Não havia interesse em investir no Brasil, enquanto que “A administração holandesa se preocupou em reter na colônia parte das rendas fiscais proporcionadas pelo açúcar, o que permitiu um desenvolvimento mais intenso da vida urbana ...” (Furtado 1997:120).

Por parte dos ministros calvinistas, muito mais rígidos que o Clero Católico que até solicitara à corte o envio de “mulheres da vida”, existia grande preocupação com a devassidão e imoralidade que crescia com o aumento desordenado da cidade, as habitações precárias que propiciavam a promiscuidade e uma vida dirigida pelo provérbio que dizia que “abaixo do equador não existe pecado”. O amancebamento era coibido por eles e , quando já ocorrido, incentivavam a formalização do casamento com a cerimônia religiosa. O príncipe Maurício de Nassau, com vistas à intensificação dos laços entre os holandeses e brasileiros, também incentivava casamentos mistos, os quais iam ao encontro de seus projetos econômicos e políticos para a Nova Holanda se firmar como Nação Americana .

Os casamentos que constam dos autos da Devassa de 1635/1637 são referentes aos primeiros cinco anos de domínio holandês, além dos outros tantos não denunciados. Handelmann afirma que encontrou registros de cem casamentos entre holandeses e brasileiras (Rodrigues e Ribeiro, 1940). Considerando-se as uniões informais e, portanto, não registradas, é possível concluir que foi intensa a miscigenação e o intercâmbio cultural e religioso neste período.

Azevedo (1980) afirma que o período nassoviano foi para os protestantes na colônia o “ ... acontecimento mais importante mas também absolutamente improficuo ...” (1980:67) e Gilberto Freyre (1963) diz que se a descendência destes casamentos não prosperou econômica e socialmente foi por serem em número insignificante. A verdade é que apenas as informações referentes ao período de domínio holandês, impossíveis de serem ignoradas, são

apresentadas tradicionalmente por todos os historiadores, e mesmo assim, muitas vezes o assunto é abordado muito ligeiramente, como o fez Theobaldo Miranda Santos, em apenas cinco linhas de um total de sete páginas dedicadas à educação no período colonial:

No século XVII, com a chegada de Nassau, houve em Pernambuco um grande surto de desenvolvimento cultural. Na comitiva do invasor holandês, vieram cientistas eminentes, como o naturalista Marcgrave, o patologista Piso e vários outros. Na cidade que fundou em Pernambuco, Nassau construiu um jardim público e instalou uma escola e um observatório astronômico. (1965:413).

Hermann Wätjen, em *O Domínio Colonial Holandês no Brasil* (1938), ao relatar como realizou suas pesquisas no Brasil, às vésperas da Primeira Grande Guerra, informa que poucas informações encontrou que lhe subsidiassem o trabalho e expressa sua surpresa ao encontrar narrativas escritas por padres que tiveram o respeito e a consideração de Maurício de Nassau e após sua saída, apresentaram a ele e demais holandeses, como a própria encarnação de Satã, através de relatos de ações aterrorizantes que os flamengos teriam praticado contra os brasileiros ⁴⁴.

Os filhos das uniões mistas, certamente, viveram em um ambiente protestante, aprenderam a ler e escrever, conheceram a Bíblia, desenvolveram o gosto pela música sacra. Sendo a doutrina calvinista, notadamente em seus primórdios, rigorosa com a educação desde a infância, estas influências se arraigariam na formação dessas pessoas, e não se apagariam com a expulsão dos pais, ou avós, já que 24 anos é tempo suficiente para duas gerações. A clandestinidade em que ficaram com a saída dos holandeses e o trabalho intensivo

⁴⁴ *Valeroso Lucidemo e Triunfo da Liberdade*, de Frei Manuel Calado (o mesmo que afirmara, em cartas, a bondade de Nassau), que apresenta uma versão fortemente parcial do período holandês, é dedicado ao Príncipe D. Teodósio, filho do Rei D. João IV. Publicado em 1648, teve sua edição apreendida e, em 1668, com devidas autorizações, saiu a segunda edição em Lisboa. Foi publicado no Brasil, em Recife, em 1942.

de destruição dos vestígios concretos da permanência holandesa, como informou Wätjen, é que não nos permitem saber, exatamente, como e quanto essa semente frutificou nas gerações seguintes. A fé, a confissão protestante, pode não ter perdurado, principalmente em razão da grande repressão a manifestações acatólicas, porém as habilidades de ler, escrever, contar, tão raras na colônia portuguesa, dado o desinteresse em instruir o povo, teriam sido transmitidas às próximas gerações. A comprovação destas influências poderia ser realizada através de pesquisas em documentos estrangeiros do período de domínio holandês e de viajantes que registraram suas viagens em diários. Um destes é o diário de Mathias Beck, relatando o período holandês no Ceará.

Embora Sérgio Buarque de Holanda (1978) tenha afirmado que os holandeses, sendo um povo urbano, tenham se estabelecido nas cidades, sem adentrarem o sertão, ficando, portanto, dependentes dos senhores de engenho e sua produção de víveres, há registros de que no Ceará — região então pertencente ao Maranhão — a ocupação foi diferente.

Também Luís da Câmara Cascudo, ao abordar a atuação de Mathias Beck, informa que

A geografia holandesa no Ceará é pois verdadeiramente paupérrima. Mathias Beck foi a expressão mais audaz e não ultrapassou as serras costeiras da Taquara e de Maranguape. São sete léguas para Mathias Beck. Arranham pouco mais de vinte e quatro quilômetros, na realidade. (Câmara Cascudo, 1956:279).

O mapa feito por Manuel Maurício de Albuquerque é fiel a estas informações de Câmara Cascudo. Derrubam esta tese, porém, as informações do diário e das cartas do próprio Mathias Beck, recentemente traduzidas por Rita Krommen (1997). Indicam que, à procura de prata

vasculharam também o interior de Camocim e em parte lá se estabeleceram. Não conheciam apenas Maranguape e Itarema, mas também outras serras. Regularmente viajavam, além disso para o rio Mossoró (Krommen, 1997:108).

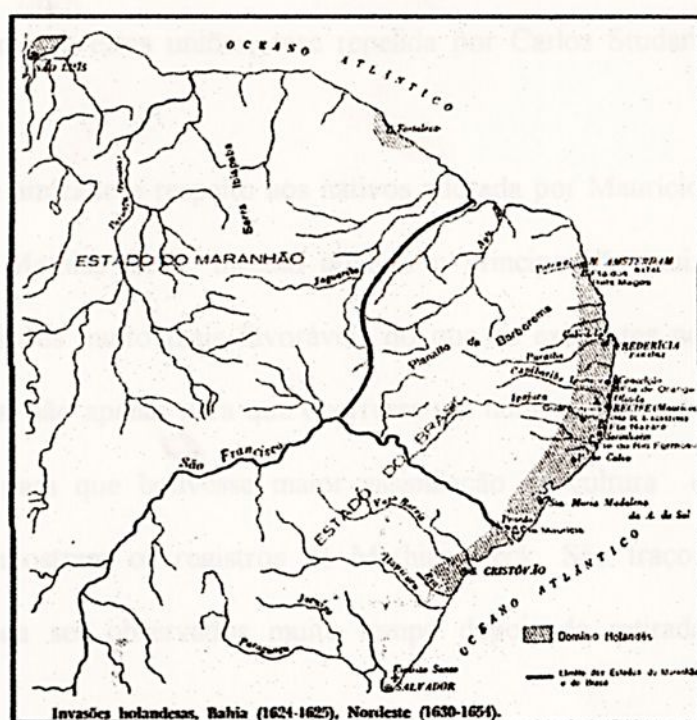
Houve, portanto, um contato muito maior entre holandeses e nativos, com repercussão nas áreas social, política e cultural do Ceará. Vários holandeses quiseram contrair matrimônio com as nativas, o que inicialmente, o Alto Conselho da Cia. das Índias não admitia. Mathias Beck proibiu quaisquer abusos contra índios e índias. A existência destes registros é prova de que as uniões estavam acontecendo, sendo, por isso, necessário explicitar regras para elas.

Há registros de que Joris Garstman casou-se com uma portuguesa, e Theodosio de Gracisman, que aparece em documentos cearenses do final do século XVII e início do século XVIII, provavelmente seja seu filho.

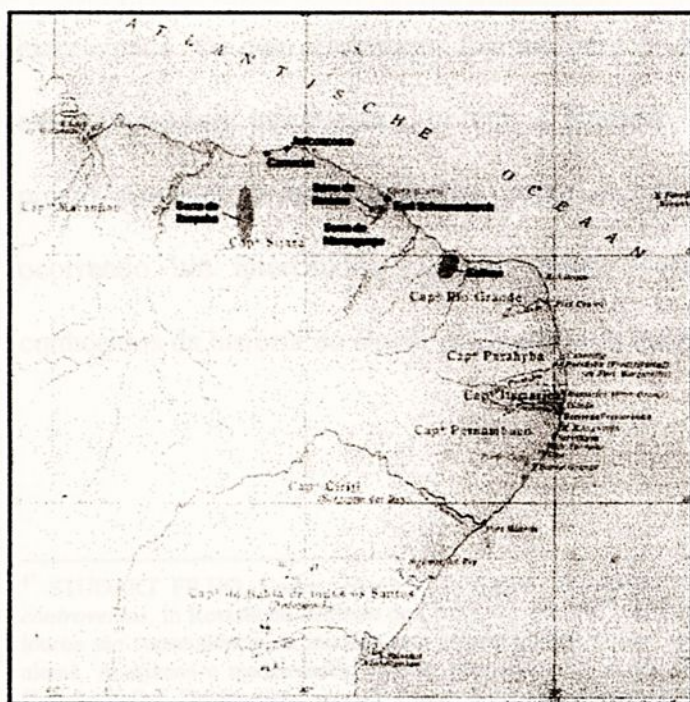
Embora o período da segunda ocupação holandesa da região tenha durado apenas cinco anos (1649-1654) ⁴⁵, estes casamentos podem ter ocorrido em número muito maior do que os registrados. Alguns cientistas, como Augusto Barroso ⁴⁶ por exemplo, atribuem traços como olhos azuis e cabelos louros, muito

⁴⁵ A primeira ocupação – 1637 a 1644 – ocorreu a pedido dos índios, feito diretamente a Maurício de Nassau (Barlaeus, 1980) e por ser interessante para a Companhia em razão das salinas ali existentes. Com as informações do zelandês, Gedeon Morris de Jonge que foi prisioneiro dos portugueses no Maranhão por oito anos (1628), a região foi invadida sob o comando do Major Joris Garstman, do Capitão Horus e do Primeiro Tenente Van Ham. A perda da região em 1644, também seria por iniciativa dos índios, que se rebelaram, ao que Barlaeus indica, em razão dos maus tratos no trabalho das salinas e em outras partes, contrariando as orientações de Maurício de Nassau.

⁴⁶ Gustavo Dodt Barroso, (1888 – 1950) historiador cearense, que também fez carreira política e diplomática. Entre suas obras está *A Margem da História do Ceará*, publicada em 1962.



Mapa do Brasil Holandês, apresentando em destaque os locais do Ceará ocupados por holandeses. Trata-se de região bem maior que a que nos apresenta M.M. Albuquerque (acima). Reprodução por Krommen (1997, p.251) do Geschied-Kundige Atlas van Nederland, s'Gravenhage (1913-1938:9).

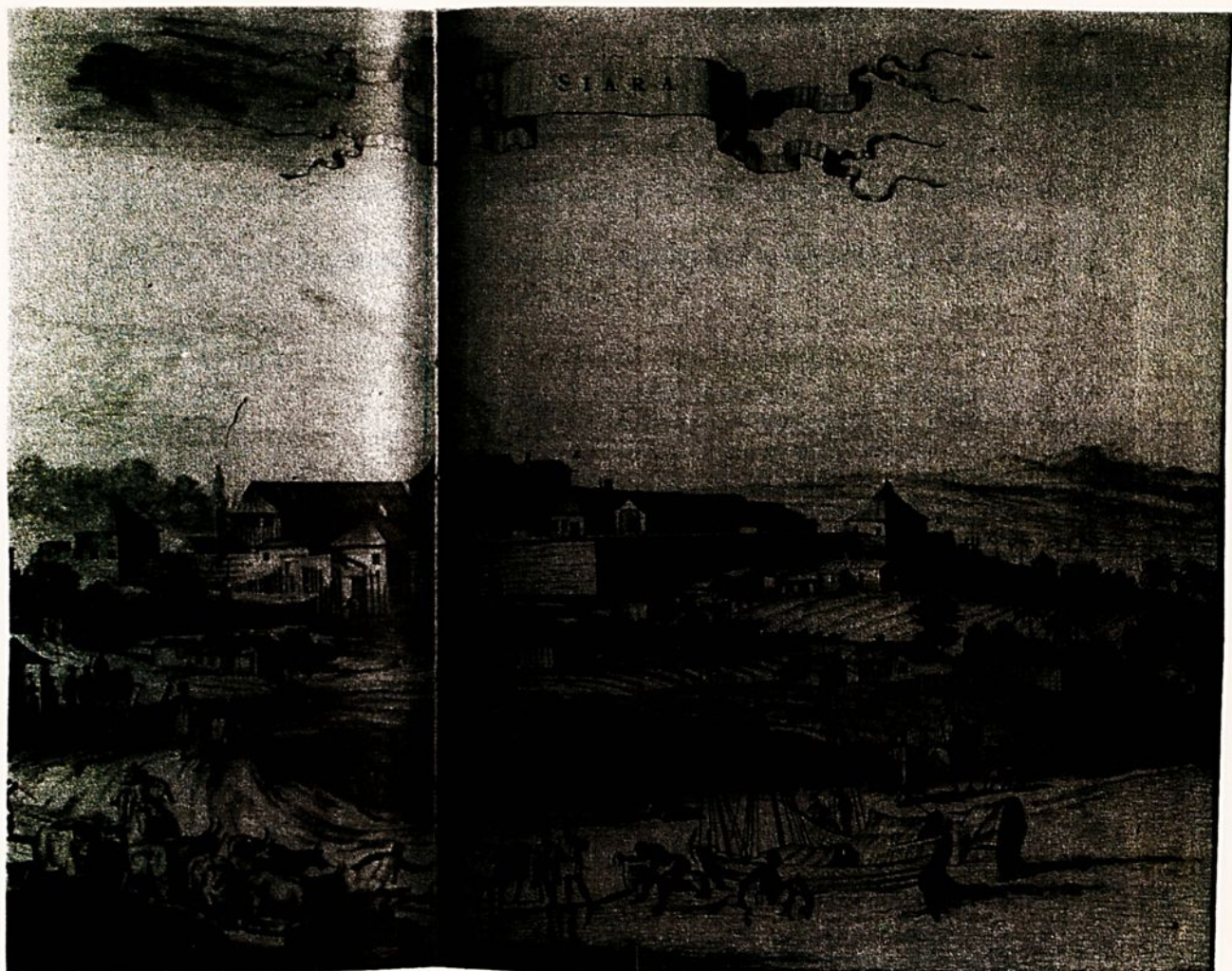


freqüentes no sertão cearense, a estas uniões, tese repelida por Carlos Studart Filho (1977)⁴⁷.

A política de amizade e respeito aos nativos adotada por Maurício de Nassau e seguida por Mathias Beck, mesmo quando o príncipe não mais governava, propiciou condições muito mais favoráveis do que as existentes no ambiente colonial português, não apenas para que ocorresse um número maior de casamentos, mas também para que houvesse maior assimilação da cultura e religião holandesa, como mostram os registros de Mathias Beck. São traços culturais que poderão ainda ser observados muito tempo depois da retirada holandesa.

Casamentos entre ingleses e nativas também são mencionados em *História do Brasil* por Southey (1977). Um grupo de ingleses (1572) que tentaram estabelecer-se na região da Paraíba do Sul, onde permaneceram por cinco anos, casaram-se com mulheres nativas. Foram perseguidos e tiveram sua colônia exterminada. Os que escaparam fugiram para o sertão. Do que aconteceu com eles não existem informações, porém a hipótese de que se asselvajaram é bem pouco provável. É mais adequado supor que se adaptaram à vida na floresta, ocorrendo um intercâmbio cultural, como aconteceu com dois nomes bem conhecidos da história do Brasil: o Caramuru e João Ramalho. E se estes ingleses

⁴⁷ STUDART FILHO, Carlos: *História do Ceará Holandês: Considerações em torno de dois pontos controversos*, in Revista do Instituto de Ceará, vol. 91, 1977, p. 7 – 47, afirma que os olhos claros e cabelos louros são consequência da mistura com os portugueses e com açorianos, os quais já tinham ascendência alemã. Açorianos e madeirenses também povoariam, no século XVIII, a região de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentre eles havia, de fato, holandeses luteranos e seus descendentes e também ingleses que haviam, anteriormente, se instalado naquelas ilhas, região menos suscetível às perseguições da Inquisição (Boiteux, 1953). Não encontrei informações sobre ações proselitistas ou educacionais destes protestantes.



Gravura de Frans Post para o livro de Gaspar Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia*, retrata as salinas do Ceará e seus trabalhadores em ação. (Bloch, 1982:2077, v.7).

¹⁰ Uma última legião dentro dos católicos de cada Igreja Brasileira, é conhecida "orden" aquela portuguesa que ficou a permanecer, segundo os estatutos de cada Igreja, professa em si o seu mestre, vinculada ao rei de castela, influenciando-a, para não a desobedecer regras estabelecidas. Há pouco depois que tendo sido criada por uma parte dos portugueses, não perdendo a fé, em por não se sentir, após ter profetizado, foi excluído do rei, mas é um protestante por tradição, um protestante natural, quando se trata de uma nova cultura em que a religião oficial foi o catolicismo. Esta situação no Brasil é comum nos católicos que experimentam as estatísticas. Muitos são católicos naturais por uma tradição herdada de seus pais ou avós, e muitos são protestantes.

eram protestantes, certamente divulgaram sua fé e ensinaram os índios a ler e escrever. Sendo ingleses, provavelmente protestantes, pelo menos nominais ⁴⁸, eles eram.

Também os ingleses tratavam por estes tempos de se estabelecerem no Brasil: e mais atinados na escolha do local, sendo mais favorecidos da fortuna, fixaram-se em grande número na Paraíba do Sul. Ali se ligaram com as mulheres do país, e com mais uma geração poderiam os anglo-tupis mestiços vir a ser perigosos vizinhos, se o governador de S. Sebastião, seguindo aferrado o sistema de sua corte, os não tivesse no quinto ano da sua residência atacado e exterminado. (Southey, 1977:221-2).

Há ainda registros nas cartas do padre José de Anchieta de que entre os índios confederados que o mantiveram preso havia um cuja filha era casada com um francês. Segundo o jesuíta, o principal indígena era "...grande inimigo dos Portugueses, por causa dos Franceses, de quem é grande amigo, e tem a um deles por genro amancebado com sua filha..." (Anchieta, 1988:215). Esta união entre um francês e uma nativa, ao que parece, também se tratou de uma forma de manter a aliança com os indígenas — o que atendia aos interesses econômicos, do branco, ou mesmo para o francês calvinista, perseguido por Villegaignon, pelos jesuítas e o governo colonial, manter-se vivo. Nesta mesma carta, Anchieta informa que os franceses ensinavam os filhos dos índios. Esta mesma atitude proselitista foi a de Jean de Léry quando esteve entre os nativos, segundo seu próprio relato. Se havia a preocupação de ensinar ao nativo, muito mais não estiveram preocupados em transmitir sua cultura e sua fé aos filhos,

⁴⁸ Para efeitos legais dentro dos estatutos de cada Igreja Evangélica, é considerado "crente" aquele protestante que oficial e publicamente, segundo as cerimônias de cada igreja, professou sua fé e se mantém vinculado ao rol de membros, submetendo-se, para isto, a determinadas regras institucionais. Há porém aquele que tendo sido criado por seus pais dentro de uma igreja protestante, não professou a fé, ou por algum motivo, após ter professado, foi excluído do rol, mas é um protestante por tradição, um protestante *nominal*, situação muito comum nos países em que a religião oficial foi ou é uma fé protestante. Esta situação no Brasil é comum aos católicos que engrossam as estatísticas. Muitos são católicos nominais e um número bem menor são os católicos convictos e praticantes.

frutos das uniões mistas ? O testemunho de Villa Nova ⁴⁹ nas confissões da Bahia, pode ser uma resposta afirmativa a esta indagação.

Quadro de Frans Post (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) retratando as instalações de um engenho: A casa grande e a capela, rudimentares conforme descreveram os holandeses. (Bloch, 1982, 171).

⁴⁹ Há detalhes de sua confissão no capítulo segundo.



Quadro de Frans Post (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) retratando as instalações de um engenho. A casa grande e a capela, rudimentares conforme descreveram os holandeses. (Bloch, 1982:171).

4. CONTRIBUIÇÕES DE PROTESTANTES À CIÊNCIA NO BRASIL

A colonização portuguesa foi caracterizada por um espírito de provisoriedade. Visavam ao lucro fácil e imediato, tendo por objetivo explorar a terra e levar os despojos, sem preocupação com a situação dos assaltados, já que sua permanência seria, idealmente, curta. Mesmo quando, para isso, instalaram-se para sempre na região, o sentimento de estar ali provisoriamente se manteve. Gilberto Freyre (1963) mencionou este espírito concretizado na precariedade das construções, as mesmas que no século XVII iriam observar e descrever os holandeses. O desinteresse por tudo que dizia respeito à terra que exploraram (Holanda, 1978) foi exposto por vários historiadores:

Eles encaravam a terra com os olhos do administrador de feitorias e raramente tinham compreensão pelas coisas que não pudessem ser transformadas em dinheiro. (Oberacker, 1968:102).

As informações constantes do primeiro documento sobre o Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha, foram motivos para que a colonização só fosse iniciada quando as demais nações ameaçaram ocupar as terras americanas.

Além do desinteresse por parte dos portugueses, as portas eram fechadas aos naturalistas estrangeiros que desejavam desenvolver pesquisas no Brasil, pois a Coroa receava que estes cobiçassem suas possessões. A pouca produção científica dos portugueses também não era divulgada pela mesma razão⁵⁰.

O jesuíta André João Antonil (João Antonio Andreoni) produziu *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, e chegou publicá-la, em

⁵⁰ Ver AZEVEDO, Israel Belo de. *Cruzadas Inacabadas: introdução à história da igreja na América Latina*. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980.

1711, mas não foi distribuída na época, sob a alegação de que, caso caísse em mãos estrangeiras, estaria revelado o caminho das minas aos exploradores. Outros livros eram proibidos pelo Santo Ofício por serem considerados heréticos. O Index Romano de 1624 já proibia praticamente todas as obras estrangeiras de ciência e pensamento e as obras portuguesas nelas inspiradas. Com Antonil, encontrou-se o pretexto para laicizar a censura no Brasil, e ter maior abrangência nas proibições (Martins 1978). Em razão disso, as correspondências dos jesuítas e seus escritos são os mais importantes documentos em língua portuguesa com que se pôde contar para conhecer o Brasil.

Pero Gomes Gandavo, filho de flamengo que viveu na região entre o Minho e o Douro e esteve no Brasil, onde colheu dados e escreveu *História da Província Santa Cruz e Tratado da Terra do Brasil* (séc. XVI) demonstrou estar "... impressionado com o 'pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província ao contrário dos estrangeiros, que a têm noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e de mais raiz do que nós'... "(Pinto. In Holanda, 1977:164).

Diante de tantos embaraços para a ciência, coube aos viajantes estrangeiros que aqui estiveram, legal ou clandestinamente, a preocupação de descrever minuciosamente o Brasil, deixando farta produção que serviu de base para as várias áreas científicas, como atestam os historiadores.

Estes viajantes, no geral, deixaram obras de grande valia que servem hoje principalmente, para uma visão total e completa dos valores da sociedade brasileira em formação durante a validade do Regime Colonial. (Melhoramentos, 1973:551).⁵¹

⁵¹Dicionário de História do Brasil-Melhoramentos tem participação de Brasil Bandecchi, Leonardo Arroyo Ubiratan Rosa, João Ribas da Costa, Hélio Vianna, Odilon Nogueira de Matos, Myriam Ellis, Ary Tupinambá Pereira, Laima Mesgravis, Ariosto Augusto de Oliveira e Rosemarie Érika Horch, um grande número, portanto, de historiadores que concordaram com a importância dos viajantes para a história do Brasil.



Os conteúdos de várias disciplinas dos currículos escolares no Brasil puderam ser escritos "... mediante os relatos de viajantes, que descortinaram as grandezas do país: rios majestosos, esplêndidas cataratas, luxuriante vegetação, solos ricos e férteis, jazidas minerais de incalculável valor ..." (Nunes. In *Caderno de Pesquisa*, maio, 1995:56).

Muitas destas produções de viajantes, bem como suas cartas, seus diários, foram traduzidas para o português e publicadas apenas neste século, tendo estado, até então, acessíveis a pouquíssimos pesquisadores que destes documentos fizeram leitura, interpretação, seleção e manipulação das informações, segundo os mais variados interesses.

Foi grande a importância destes viajantes em toda a história brasileira, muitos dos quais participaram do serviço público no Brasil, como por exemplo Jean Baptiste Debret (1816), que participou da fundação da Academia de Belas Artes, para isso lutando contra

um nacionalismo caipira que via com inveja estrangeiros ocuparem o lugar de brasileiros como se o interesse do país fosse somente 'dar lugares' e não utilizar os mais competentes em benefício da nação. (Moraes. In Debret, 1965: Nota biográfica da 1ª edição, 1940) .

Esta mesma importância seria argumento e motivação para Menezes (1982) defender a permanência de professores estrangeiros no ensino superior do Brasil ⁵² na atualidade . Para isso o autor recorreu aos grandes nomes estrangeiros que tanto contribuíram para a ciência brasileira.

⁵² Professores Estrangeiros no Brasil: Uma perspectiva histórica. *Revista Ciência Hoje* nº83 - agosto de 1992. Neste artigo o autor enfatiza a importância dos "homens de ciência" que acompanharam Maurício de Nassau.





Enquanto os desenhos de Hans Staden retratavam o que o viajante viu, outros ilustradores, com base em relatos, muitas vezes, sem compromisso com a realidade, misturavam o real e o fantástico, como ocorreu nestas ilustrações de *Historia Antipodum*, de Johann L. Gottfried, 1631. (Bloch, 1982:263).

Dentre estes, há grande número de protestantes professores, protestantes nominais, bem como aqueles que não professando nenhuma fé, ou sendo católicos, tiveram suas ações determinadas por uma educação e formação de cunho protestante. Com base nas relações existentes de viajantes que estiveram no Brasil-Colônia não foi possível saber quais deles eram de formação protestante, pois estas informações não são apresentadas.

O *Ratio Studiorum*, método de ensino dos jesuítas, que orientava, referindo-se a Averróis que: "...se alguma cousa boa dele houver de citar, cite-a sem encômios e, quando possível, mostre que hauriu em outra fonte." (Gadotti, 1994:73), no século XIX ainda era seguido pelos colégios católicos como, por exemplo, o Colégio Patrocínio para meninas, de Itu, na província de São Paulo que "... seguia ... Ratio Studiorum ... faziam objeções ao novo..." (Ribeiro, 1996:70). Também em 1963, Theobaldo Miranda Santos o segue em suas *Noções de História da Educação* quando, não apresenta sequer um protestante na relação dos grandes educadores cristãos. Em 1967, Hélio Vianna o segue, quando informa que André de Thevet era padre franciscano mas não informa que Jean de Léry⁵³ era seminarista calvinista, ficando o leitor a ignorar, caso não vá à fonte, quem foi este grande contribuinte para a história do Brasil. Assim, pouco se encontra registrado na historiografia brasileira sobre os protestantes no Brasil, pois, seguindo esta tradição, os trabalhos não costumam apresentar com "encômios" os não católicos.

Sérgio Buarque de Holanda (1977) e Carlos H. Oberacker Jr. (1968) apresentam informações sobre a fé de alguns destes protestantes de

⁵³ Thevet e Léry escreveram sobre a França Antártica e suas obras já foram citadas. Não tive acesso à obra de Thevet, apenas a citações por outros autores.

importância para a ciência no Brasil-Colônia. Outras informações, porém tiveram que ser buscadas e concluídas através do confronto de dados.

Eis alguns dos muitos protestantes que estiveram na colônia e que contribuíram com a ciência, sobre quem pude obter informações:

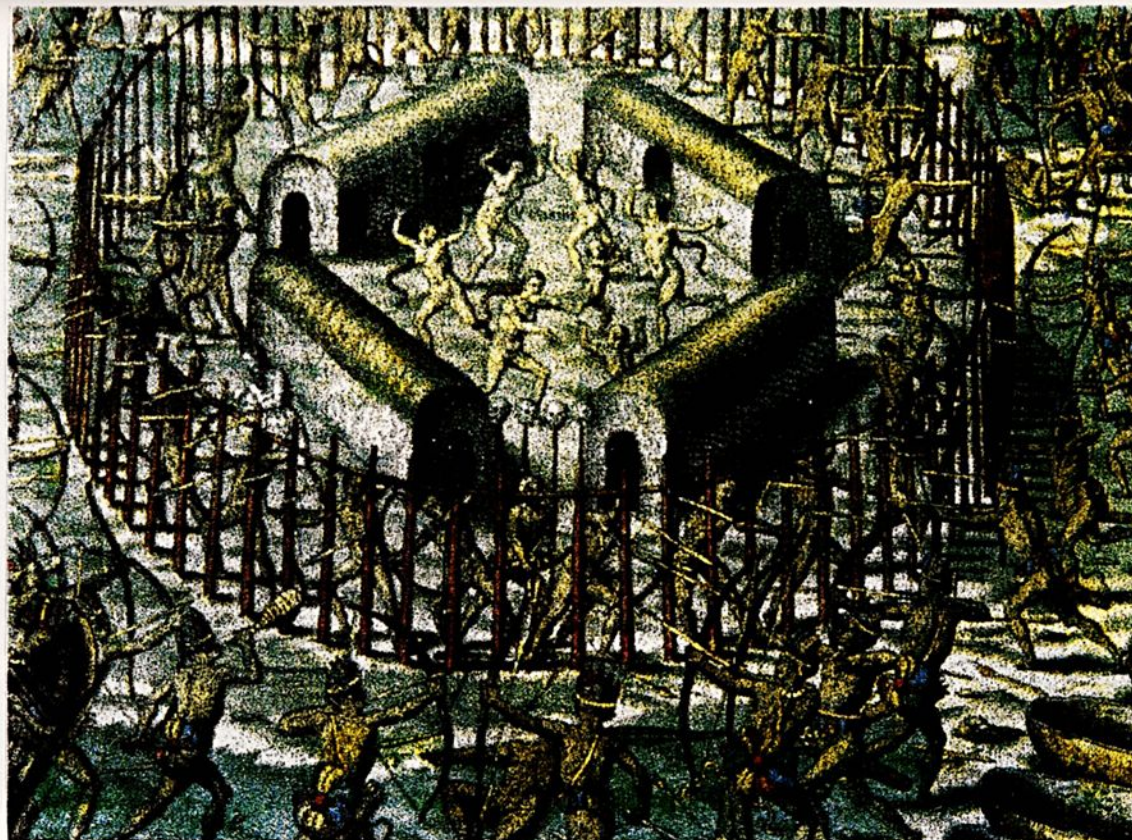
4.1. Hans Staden

Hans Staden, alemão luterano, nasceu em Homberg em 1510. Desejoso de conhecer as terras americanas recém-descobertas, viajou para Portugal e empregou-se como artilheiro num navio que vinha para o Brasil, sob o comando do Capitão Penteado, para combater os contrabandistas franceses. Nesta viagem conheceu a região nordeste, passando por dificuldades nos mares e lutando contra os índios em Pernambuco. Seus relatos sobre esta viagem foram imprescindíveis para se contar a história destes primeiros anos do Brasil e importantes informações sobre costumes destes indígenas. Voltando a Lisboa, ingressou em outra tripulação com destino ao Brasil. Em razão de um naufrágio foram parar em São Vicente. Nesta região exerceu a função de artilheiro, em Bertioga. Conforme narra em seu livro, *Viagem ao Brasil*, indo ao mato para encontrar-se com seu escravo *carijó* que caçava, foi capturado pelos Tupinambá que o confundiram com um dos portugueses, inimigos que haviam imolado muitos dos seus irmãos.

Durante o período de cativeiro, Hans Staden procurava convencer os nativos de que não era português, um *Perô*, a quem os Tupinambá odiavam, e sim um francês, ou *Mair*, com quem tinham boas relações. A primeira oportunidade de escapar do cativeiro seria a chegada de um francês que o



Logo que Hans Staden chegou ao Brasil como artilheiro da frota do capitão Penteadado(28-01-1549), teve que ajudar Duarte Coelho, na Capitania de Pernambuco, a enfrentar os índios que haviam cercado o povoado de Iguaçu. O combate aos Caeté (cerca de oito mil) foi vivido por Staden e retratado em seu livro. A riqueza de detalhes indica a dedicação do autor em representar no desenho tudo o que viu e viveu: em uma maloca, homens vestidos e com armas de fogo – derrota dos índios; em outras três, os pedaços de carne humana no fogo – brancos capturados, sendo preparados para o rito antropofágico. Apesar das desvantagens quanto ao armamento, a estratégia indígena é representada pela árvore que derrubaram sobre a saída do rio para o mar, impedindo a passagem dos brancos. Os castelos no continente e na ilha de Itamaracá, retratam não as casas dos colonizadores, que não eram assim, mas representam o território de domínio europeu. No detalhe, retrato de Hans Staden (Scatammachia, 1994:41).



Staden procurou retratar em seus desenhos, com os recursos de que dispunha, tudo que viveu e observou enquanto esteve no Brasil (à esquerda). Com recursos atuais aplicados em seus desenhos, Paulo Manzi conseguiu estes resultados (à direita). Tribos que viviam no litoral (as canoas) construíam suas casas de modo peculiar. Durante as guerras, enquanto iam enfrentar o inimigo, as mulheres ficavam no centro da maloca protegidas. A organização pode ser observada: um dos índios tem uma espécie de trombeta na boca indicando o sinal de atacar (canto inferior direito) .



Cenas das gravações do filme *Hans Staden*, com roteiro baseado *Viagem ao Brasil*. Sua estréia fará parte das comemorações dos 500 anos do descobrimento. Com financiamento português e espanhol, o filme dirigido por Luiz Alberto Pereira é uma co-produção com o português Jorge Neves. (O Estado de São Paulo, 27, out., 1998: D-4)

reconhecesse como irmão. Esta oportunidade, no entanto, foi uma grande decepção para ele, pois o primeiro francês que chegou e a quem pediu ajuda não o atendeu. Disse ao chefe Tupinambá que Hans Staden não era francês e sim português e se foi. Na segunda oportunidade, em contato com navios franceses que negociavam com os indígenas, houve uma tentativa de salvá-lo mas a situação não permitiu. Se o levassem, poriam em risco toda a tripulação. Presenciou o rito antropofágico com outros prisioneiros que estavam sendo sacrificados. O próprio Hans Staden se livrou de ser devorado muitas vezes por sua sabedoria no trato com o líder Tupinambá. Em seu livro, atribuiu todos os livramentos ao seu Deus em quem confiava, a quem clamava e a quem louvava.

Dentre as dificuldades e tristezas pelas quais passou durante os nove meses de cativo, contou que uma vez ficou muito aborrecido porque os nativos tiraram, para fazer lenha, a cruz que ele havia fincado ao lado de sua cabana. Era um período de chuvas que preocupava os Tupinambá, pois, se não houvesse estio, suas roças seriam inundadas. Hans Staden, para mostrar que seu Deus era poderoso, propôs aos índios que lhe restituissem a cruz que ele pediria a para a chuva cessar. A cruz foi restituída e a chuva cessou, e, segundo o próprio Staden, nesta oportunidade pôde falar mais sobre o seu Deus, aos índios.

Se houve a conversão de alguns destes índios à fé luterana não há registros, pois o viajante, que não era propriamente um missionário, logo que foi liberto voltou à Alemanha, onde publicou seus relatos, nada informando sobre adesões.

Em todo o texto do livro de Staden, é constante a linguagem típica do protestante, sem que tenha mencionado, porém, em nenhum momento, que

fosse luterano ou calvinista. Ao final do livro, uma das orações que fez enquanto estava em poder dos selvagens é transcrita:

Oh, Tu, Deus Todo Poderoso, que fizeste o céu e a terra; tu, Deus dos nossos antepassados, Abraão, Isaac e Jacob; tu, que tão poderosamente conduziste o teu povo de Israel da mão de seus inimigos através do Mar Vermelho. A ti, que eterno poder tens, peço que me livres das mãos dêstes bárbaros, que não te conhecem, em nome de Jesus Cristo teu amado filho que livrou os pecadores da prisão eterna. Porém, Senhor, se é tua vontade que eu sofra, que hei de sofrer morte tão cruel das mãos dêstes povos que não te conhecem e que dizem, quando lhes falo de ti, que tu não tens poder de me tirar de suas mãos; então fortalece-me no último momento, quando realizarem os seus desígnios sobre mim, para que eu não duvide da tua clemência. Se tenho de sofrer tanto desgraça, dá-me ao depois repouso e me preserva do mal que horrorizou a todos os nossos antepassados. Mas, Senhor, tu podes bem livrar-me do seu poder; livra-me, eu sei que tu me podes auxiliar, e, quando tu me tiveres livrado, não o quero atribuir a felicidade, senão unicamente à mão poderosa que me auxiliou, porque agora nenhum poder de homem pode me valer. E quando me tiveres livrado de seu poder, quero louvar a tua Graça e dá-la a conhecer a tôdas as nações aonde eu chegar. Amém.(Staden, 1968:208-9).

Hans Staden expôs, com todos os detalhes, o que ocorreu com os prisioneiros que foram sacrificados, desde o início até ao final de cada ritual. Estes trechos de sua narrativa tornar-se-iam clássicos em livros didáticos que tratam dos ritos antropofágicos dos indígenas.

O autor descreveu também como eram os utensílios e ferramentas usados pelos indígenas, como faziam a pesca, como plantavam, descreveu os animais que viu como bem observaram muitos historiadores que o consultaram :

Em nosso assunto se mostra documento precioso, no registrar pela primeira vez vários exemplos da fauna local, entre os quais o bicho-de-pé, que os índios chamavam *tunga*, e os rutilantes guarás ... São ainda do maior interesse as informações que ali se nos deram sobre os cardumes de tainhas, *paratis* dos índios, que subiam cada ano o baixo curso dos rios para desovar; assim as referências aos morcegos hematófagos, aos porcos-do-mato (*teyguaçu*) à capivara e ao *buriqui*, como era chamado pelos índios êsse gigante dos nossos macacos.(Pinto. In Holanda, 1977:162).

Sua contribuição, portanto, se apresenta em várias áreas da ciência: História, Geografia, Antropologia, Biologia, e até na Literatura . Dentre as

revistas do início do movimento modernista no Brasil, surgiu a *Revista de Antropologia*. Fundada por Oswald de Andrade em 1928, tinha em sua capa o recorte de uma ilustração de Hans Staden: prisioneiros brancos sendo levados amarrados e nus, conforme também ocorreu com o viajante, e assistindo ao ritual de antropofagia realizado com outro prisioneiro, que sendo esquartejado e assado na fogueira, ia sendo devorado pelos selvagens. Na Literatura Infantil, também tem o seu lugar: *Aventuras de Hans Staden*, de Monteiro Lobato (1997).

Souto Maior(1969) reconhece Hans Staden juntamente com Jean de Léry como responsáveis por informações sobre “... aspéctos importantíssimos da vida dos nossos índios ...” (p.40) e apresenta suas contribuições no mesmo nível dos “...modernos estudos de antropologia cultural ...” (p.40).

4.2. Jean de Léry (1534 - 1611)

Jean de Léry nasceu em La Margelle, vizinhanças de Sait-Seine de Bourgogne, França. Seus pais eram adeptos das idéias reformistas. Aos dezoito anos já estava em Genebra seguindo os cursos de teologia e prédica conduzidos por Calvino

Aos vinte e um anos, ainda estudante de teologia, partiu para o Brasil, por indicação de Calvino que atendia a um pedido de Villegaignon feito por carta e também por ser seu desejo conhecer o Novo Mundo. Participaram desta expedição catorze genebrinos, entre os quais os pastores Richier e Chartier.

Em seu livro *Viagem ao Brasil*, publicado em 1578, Léry relatou os fatos ocorridos na França Antártica , expôs as atitudes de Villegaignon e



Cena dos índios em ritual de dança e batalha entre índios, sendo um dos lados aliado dos franceses. Gravuras coloridas elaboradas a partir dos desenhos de Jean de Léry (Scatamacchia 1994:24 e 25)



analisou seu caráter, contribuição imprescindível para se contar este capítulo da história do Brasil, pois, sem ela, haveria apenas as informações do padre francês André Thevet e a versão portuguesa dos jesuítas e governo colonial.

São valiosas também as observações sobre a fauna e a flora que constam do seu livro, referências ao quati, às araras vermelhas e amarelas, aos beija-flores, aos macacos, aos papagaios. Sérgio Buarque de Holanda (1977) baseou-se em sua obra e a ele fez elogios:

só através de Léry... se trará conhecimento com muito daquilo que a fauna neotrópica apresenta de mais característica, ou sejam, entre os mamíferos, os tatus, a preguiça (*ai*, dos índios), os veados (*seouassou*), o sagui, o sarigüê, a cutia (*agouti*) e, entre as aves, o mutum, os jacus (*iacoupen*) e a jacutinga (*iacoutin*). (Holanda, 1977:162-3).

Jean de Léry conhecia escritos acerca das terras americanas feitos por cosmógrafos e historiadores, o que lhe aguçara também o desejo de participar da expedição. Durante a viagem observou e descreveu detalhadamente alguns peixes e baleias.

Os peixes apanhados eram, dourados, lixas e outras cujos nomes ignorávamos, a exceção, dos que os marinheiros denominam sardas, de corpo tão pequeno que parece juntar-se a cabeça à cauda, sendo esta entretanto proporcionalmente larga e imitando aquela, um capacete de crista de forma bastante estranha. (Léry, 1972:31).

É notável também a maneira detalhada com que descreveu as variedades de golfinhos, o sabor da carne, a semelhança com o porco após aberto e retiradas as vísceras. Sua descrição é um ensaio da classificação deste animal aquático como mamífero:

O fígado tem o mesmo gosto, mas a carne fresca é muito adocicada e pouco saborosa. Quanto ao toicinho... apenas uma polegada de gordura ...ninguém se engane portanto quando os

negociantes e peixeiros de Paris e alhures apregoarem ser o seu toicinho da Quaresma, com mais de quatro dedos de espessura, toicinho do golfinho ...como no ventre de alguns dêsses peixes acharam-se filhotes ... creio que os golfinhos geram fetos... não os reproduzem por meio de ovos como quase todos os outros peixes. (Léry 1972:60-1) .

O toucinho vendido a alto preço durante a quaresma como se fosse de golfinho (que era considerado peixe), na verdade era, segundo o viajante, de baleia. É admirável que em meio a todas as dificuldades pelas quais passavam em alto mar se dedicasse a estas análises e ao seu registro.

As descrições que fez dos índios, dos enfeites que usavam, são minuciosas, como foi atenta também sua observação daqueles que vira pela primeira vez. Descreveu as várias tribos com as quais teve contato, levando o leitor a concluir que não eram todos os destas terras iguais aos descritos por Caminha, tanto em aparência quanto em costumes, e na maneira de se relacionarem com estrangeiros. Tendo convivido com os índios em suas aldeias enquanto aguardava um navio para voltar à Europa, pôde observar os ritos praticados pelos Tupinambá, e os relatou sob o ponto de vista de um ser humano que observa outro ser humano. Sem se ater à classificação de suas práticas como heréticas, busca de tudo abstrair a essência do homem.

Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero, de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha idéia da existência de Deus, quando considero os nossos Tupinambás, vejo-me algo embaraçado em dar-lhe razão ... Entretanto, ainda alguma luz atravessa as trevas de sua ignorância. Acreditam não só na imortalidade da alma, mas ainda que ... vão dançar em lindos jardins com as almas de seus avós. (Léry 1972:157-159) .

Jean de Léry, detalhista, transcreveu em partituras a melodia das canções que os índios entoavam nos rituais e nas danças, as quais também descreveu com detalhes. São suas informações fontes em que se baseiam os grandes historiadores, para haurir conhecimento de vários fatos sob outro ponto de

vista que não o dos jesuítas, que apresentaram uma visão parcial dos fatos, que os observou como participantes e principais interessados.

4.3. A ciência no período nassoviano.

O período em que holandeses permaneceram em Pernambuco foi a época em que mais interesse houve pelo estudo científico do Brasil-Colônia. O contingente de cientistas e artistas que vieram, acompanhando Maurício de Nassau só se repetiria no início século XIX, com a vinda de D. Leopoldina de Habsburgo, esposa de D. Pedro I.

O calvinismo nos Países Baixos, após a independência da Espanha, havia se tornado um fator de unificação, um traço comum a toda a nação. Os ideais de liberdade individual, de cidadania, de direitos políticos de que todos estavam impregnados se identificavam com a religião calvinista, vitoriosa sobre o catolicismo da Espanha.

Deste modo, quando, em 1635, os holandeses invadiram a região produtiva do Brasil, foi este homem que para cá veio: o protestante. Este traço seria comum a todos os sábios e artistas que acompanharam Maurício de Nassau. Pode-se dizer que não só os feitos de Nassau e dos sábios, mas a presença de todos os holandeses protestantes contribuíram grandemente para a cultura, para a ciência e para a política brasileira.

Elias Herckmans, Rudolf Baron, o próprio Maurício de Nassau, Guilherme Pies, Jorge Markgraf, Joannes de Laét, Kommerstein, Henrique Cralitz, André Drewisch Longesaltensis, Pedro Post, Haarlem, Frans Post, Alberto Van Eckhout de Bruges, Zacarias Wagner, Francisco Plante, Joan Nieuhof são

¹⁴ A Universidade de Utrecht era o berço do Calvinismo e o órgão irradiador das escritas de Calvin.



alguns dos protestantes que se dedicaram a observar, anotar, analisar e registrar em obras escritas ou pictóricas o Brasil-Colônia no período nassoviano. Muitas destas obras escritas foram posteriormente traduzidas para o português, sendo fecunda fonte de conhecimento. Outras, ainda não traduzidas, também cumprem seu importante papel sempre que pesquisadores destas fontes vão beber.

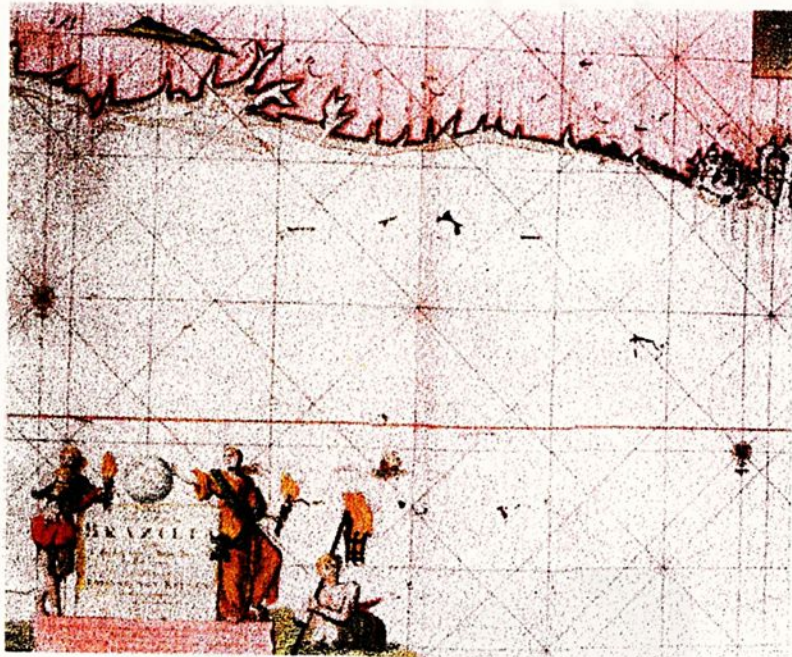
4.3.1. *Maurício de Nassau (1604-1679)*

A Holanda, que, através da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais (WIC), invadiu o Brasil, tinha os mesmos interesses que Portugal: o lucro. As ações, no entanto, durante o período em que estiveram os holandeses na colônia, notadamente o período sob o governo do Príncipe de Nassau, não se restringiram à exploração, mas resultaram no desenvolvimento da região ocupada. Maurício de Nassau, além de trazer para a colônia grande contingente de sábios e artistas, ele próprio realizou estudos. Sua primorosa formação na escola superior de Herborn e nas universidades de Basileia e Genebra ⁵⁴ era o que de melhor havia no seu tempo. Essa primorosa formação seria refletida no seu interesse especial pelo Brasil.

Que imensa tristeza não sente o naturalista que dêsse inevitável tesouro nada ficou, nem essa semente esplêndida do amor pela nossa vida pode frutificar neste país, que por possuir das mais opulentas naturezas do mundo, tem demonstrado o maior desprezo pela mesma ... (Mello-Leitão, 1941:207).

Apesar da destruição que, após a saída holandesa, Recife sofreu por parte dos portugueses, buscando apagar os vestígios de período tão próspero, ficou para a posteridade volumosa documentação que testemunha as realizações de Nassau. Seu governo se desenvolveu dentro de método ultra-moderno,

⁵⁴ A Universidade de Genebra era o berço do Calvinismo e o órgão irradiador dos escritos de Calvino.



Trecho do litoral nordestino, desde a baía de São Marcos até a costa da Capitania da Bahia. Mapa do século XVIII, acervo do Serviço de Operações Cartográficas do Exército, Rio de Janeiro (Bloch, 1982:2205,v.7)



Gravuras de Frans Post.
Aspectos da invasão holandesa.
MASP (Acima) e Museu
do Estado, Recife (ao lado).
(Bloch, 1982:650,v.3)



Pássaros, desenhos de

Eckhout , retratando

a fauna brasileira .

Encontram-se no

Museu Etnográfico

de Copenhague –

Dinamarca. (Bloch,

1982:1488. v.5)



tornando-se objeto de admiração, fonte referencial política e objeto de estudos posteriores. Foi “... o primeiro estadista no Brasil que admitiu o bem-estar da terra e do povo como diretriz do seu proceder ...” (Oberacker, 1968:93).

Parece ter chegado ao Brasil não apenas para explorar a terra e seus moradores e retornar à Europa, mas para “... uma missão cultural, para o reconhecimento do país, arrancá-lo do estado primitivo ... fazer o centro irradiador das ciências e das artes do Novo Mundo.” (Oberacker, 1968:94) e foi o que suas ações neste sentido vieram demonstrar.

O primeiro censo no Brasil foi realizado por Maurício de Nassau em 1637 e outro semelhante só aconteceria em 1872. Muitos estudos nos diversos campos da ciência puderam ser realizados graças a estes registros.

Uma granja modelo para fins instrutivos foi organizada por ele próxima a sua residência de verão. Trouxe, para dirigi-la, três experientes protestantes menonitas⁵⁵ suíços que se dedicavam à agricultura. Abrão Esaú, o agricultor; Isac Kaufmann, o técnico em pecuária e Davi Spielmann, o inspetor de engenho, foram os primeiros técnicos a fomentarem a exploração com culturas diversificadas. O projeto visava à orientação e incentivo aos agricultores para que, além do cultivo da cana, se dedicassem à cultura de subsistência, para que não dependessem mais da importação de alimentos. A dificuldade em convencê-los das vantagens desta diversificação impediu que o êxito esperado fosse alcançado, tão arraigado que estava o modelo explorador português que só permitia a cultura daquilo que não pudesse ser importado, dando lucro à Coroa e mantendo a dependência da colônia. É certo, porém, que muitos aprenderam as técnicas

⁵⁵ Trabalhar na agricultura com dedicação e sabedoria era princípio religioso para os menonitas. E ainda é atualmente.

introduzidas pelos menonitas, pois o cultivo de hortaliças inexistia na colônia anteriormente.

Os jardins construídos por Maurício de Nassau ao redor do palácio do governo, com tanques e viveiros para todos os representantes da fauna e da flora que pôde conseguir, constituíram-se no primeiro jardim botânico e zoológico das Américas. Eram em moldes que depois de três séculos ainda não foram repetidos (Mello-Leitão, 1941). Eram os jardins abertos ao público, que os visitava constantemente, proporcionando à população pernambucana, bem como aos que por Recife passavam, fascinantes conhecimentos sobre a fauna e a flora brasileira. Também estudiosos vinham aos jardins analisar e catalogar plantas e animais. O próprio Maurício de Nassau também fazia estudos das espécies de seus jardins.

Com a expulsão dos holandeses, os registros, bem como as amostras de animais e plantas enviados à Holanda,⁵⁶ foram compor jardins, museus e arquivos europeus.

4.3.2 Elias Herckmans

O interesse de Nassau pelas populações indígenas também era grande. Assim, por ordem dele, Elias Herckmans (1641), administrador da Paraíba, realizou uma exploração na própria Paraíba e Rio Grande do Norte, através da qual pôde conhecer profundamente os índios Tapuia e Cariri. Deixou registrado um estudo sobre estes indígenas que posteriormente a Revista do Instituto Archeológico e Geographico de Pernambuco (nº 31) publicou, numa

⁵⁶ Maurício de Nassau tinha em seu castelo uma coleção de adornos dos índios, utensílios, armas. Foi a primeira do gênero no Brasil e, mesmo depois de levada para a Europa onde doaria à Universidade de Leiden, tem sido fonte para estudo dos costumes aborígenes.

⁵⁷ Os 12 volumes foram publicados em 1648 na Holanda.



tradução de José Higino. Também Rudolf Baron deixou um relatório sobre os Tapuia, publicado em Paris em 1651, descrevendo usos e costumes destes índios.

4.3.3 Jorge Markgraf (1610-1644)

Nascido em Liebstadt, Saxônica, filho de mestre-escola, tinha conhecimento de matemática, botânica, química, medicina, astronomia, além de aptidão para a música e a pintura. Estudou em diversas universidades da Europa, entre elas Rostock e Leiden. Trazido para o Brasil por Maurício de Nassau em 1638, realizou estudos astronômicos do céu brasileiro através de um observatório, construído pelo Príncipe de Nassau em uma torre do seu castelo. Realizou também estudos de botânica e zoologia, viajando pelo sertão desconhecido do Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, nos quais "... juntou o sábio valiosos elementos geográficos, botânicos, zoológicos e etnográficos ..." (Oberacker 1968:103). Chegou a descrever em seus trabalhos 301 famílias de plantas, 368 famílias de animais e 429 gravuras. Deixou também importantes registros para estudos lingüísticos, pois nas suas gravuras registrou a nomenclatura em português, holandês e nas línguas indígenas.

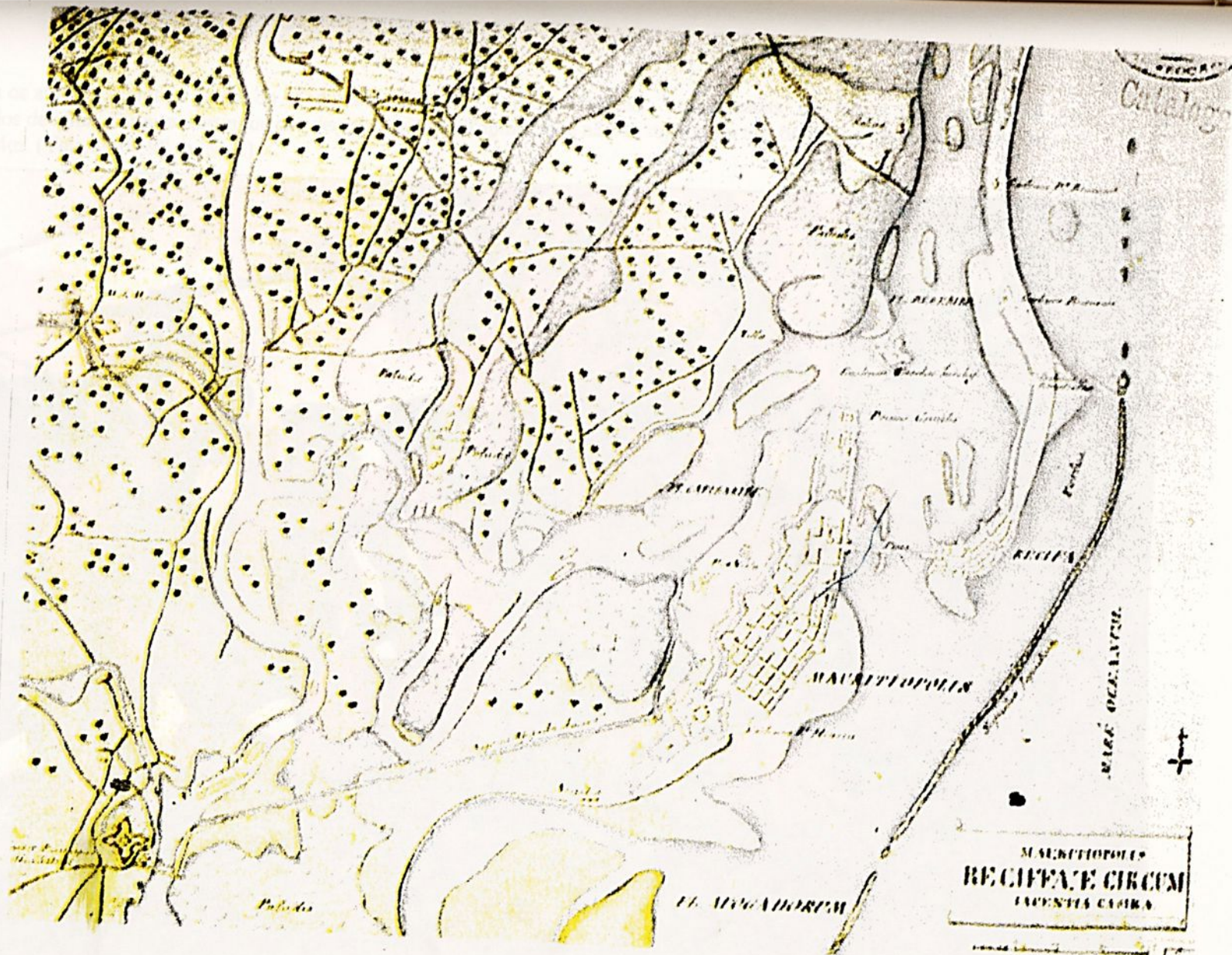
Considerado o pai das Ciências Naturais do Novo Mundo, teve muito da sua produção publicada em uma obra de 12 volumes⁵⁷ (sete com seus escritos), em latim, organizada por Joannes de Laët e Guilherme Pies, entre eles *História Naturalis Brasiliae*. Esta obra científica foi fundamental até o século XIX

⁵⁷ Os 12 volumes foram publicados em 1648 na Holanda.



Planta de Recife,
executada por cartógrafos
holandeses a pedido de
Maurício de Nassau,
pertencente ao acervo do
Serviço de Operações
Cartográficas do Exército,
Rio de Janeiro.

(Bloch, 1982:2498,v.8).



Albert Eckhout retratou os animais, plantas e gentes do novo mundo. Foram as primeiras imagens "humanizadas" dos índios, que, segundo os europeus eram destituídos de alma. O pintor distingue dos demais povos os Tapuia, que não se sujeitaram aos brancos e eram canibais, neste painel de 1,68m por 2,94m. (Veja, 30.09.98, p.151-2).



e na época foi a maior realização científica, tanto para o Brasil como para o mundo.

Em 1942, uma tradução de *História Naturalis* feita pelo Monsenhor Dr. Procópio Magalhães foi publicada por A. d'E. Taunay através da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. A própria trajetória da obra de Marckgraf vem atestar a importância para a ciência que foi o trabalho deste protestante.

Markgraf contribuiu muito também com excelentes mapas das terras conquistadas pelos holandeses, a *Brasiliae Geographica & Hydrographica Tabela* de 1643.

As cartas de Markgraf publicadas nas obras de Gaspar van Barlaeus, segundo as palavras do Barão do Rio Branco “não passam de fragmentos de uma magnífica carta, hoje raríssima” ... Escreve ainda ... “Triste é dizê-lo: ainda hoje, quem quer estudar a zona marítima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mapa do ilustre Markgraf valiosas indicações geográficas, que debalde procuraria nas cartas brasileiras, mesmo as mais recentes, tôdas levantadas em escala muito menor”. (Rio Branco “Efemérides”, pág. 431). Kadletz “Johann Moritz” opina sobre os trabalhos geo-cartográficos da época: Algumas centenas de cartas foram desenhadas e gravadas. É um trabalho admirável, realizado em Pernambuco, no setor da geografia e talvez não haja país novo algum sobre o qual, na época, existisse tão grande cópia de elementos de real valia, quer geográficos, quer referentes às ciências naturais, ou ainda etnográficos, como aqueles primorosamente organizados e publicados na Nova Holanda. (Oberacker, 1968:105-6).

4.3.4. Guilherme Pies (1611-1678)

Natural de Leiden, filho de alemães (seu pai era músico de igreja), estudou medicina em sua cidade natal e, em Caen, França formou-se aos 22 anos. Veio para o Brasil em 1637 com a função de médico particular de Maurício de Nassau. Foi também grande colaborador de Markgraf em suas



pesquisas. Estudou pioneiramente as doenças tropicais brasileiras: as causas, as formas de combate, as ervas curativas usadas pelos índios e os antidotos. Sua produção está presente nos quatro primeiros volumes da famosa obra que organizou com Joannes de Laët, intitulados *Medicina Brasiliensi*. Sua produção seria a base para os estudos das propriedades terapêuticas da flora brasileira. Realizou também estudos sobre as condições geográficas e climáticas e sobre os vegetais comestíveis.

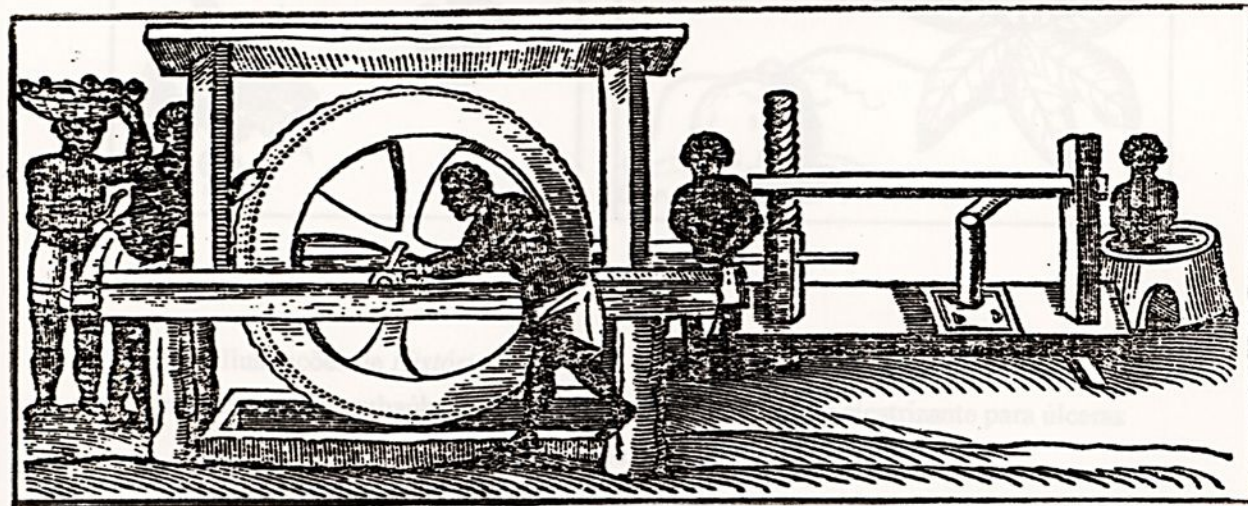
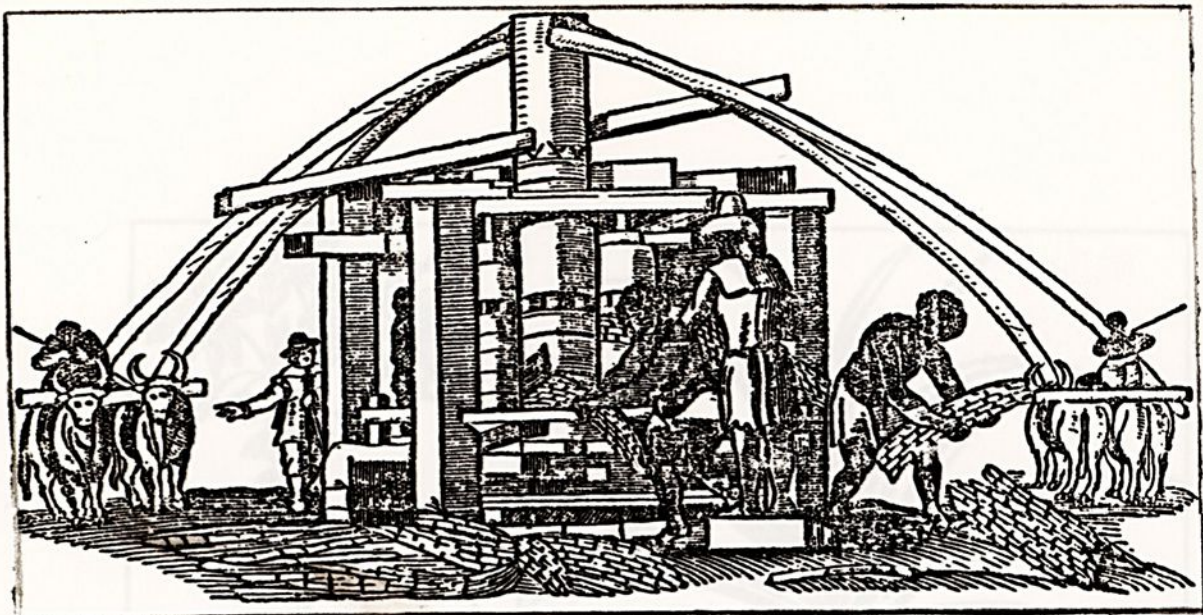
Em 1658 foi publicada uma revisão de sua obra sob o título *De Indiae utriusque re naturali et medicae*. A Academia Real das Ciências de Berlin realizou uma análise crítica sobre a obra de Markgraf e Pies (Piso) a qual foi publicada em português, com tradução de Olivério Pinto, intitulada *Estudo crítico dos trabalhos de Marcgrave e Pies sobre a história natural do Brasil à luz dos desenhos originais*. Faz parte da coleção *Brasiliensia Documenta*

Encontrei também uma publicação feita no Brasil em 1948, em comemoração ao primeiro centenário do Museu Paulista, tradução de Alexandre Correia e edição da Companhia Editora Nacional. Intitulada *História Natural do Brasil Ilustrada*, apresenta, além do texto traduzido, o original em latim e biografia de Pies. As referências que Pies faz a outros escritores e a outros contextos ao descrever as doenças, os venenos, as plantas medicinais e antidotos, as várias utilizações das folhas, frutos e raízes permitem ao leitor concluir a vasta cultura deste médico. Muito mais poderia ter contribuído para o Brasil e para toda humanidade se as circunstâncias não o tivessem afastado do Brasil, pois tudo que pôde conhecer, nos anos em que esteve na colônia, divulgou em latim, a língua

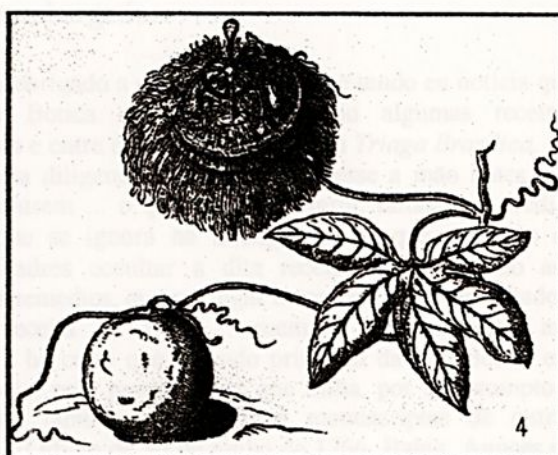
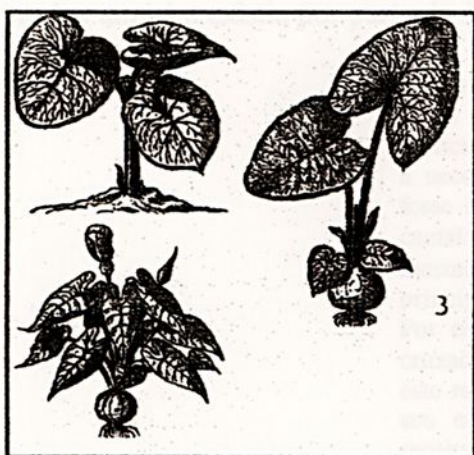
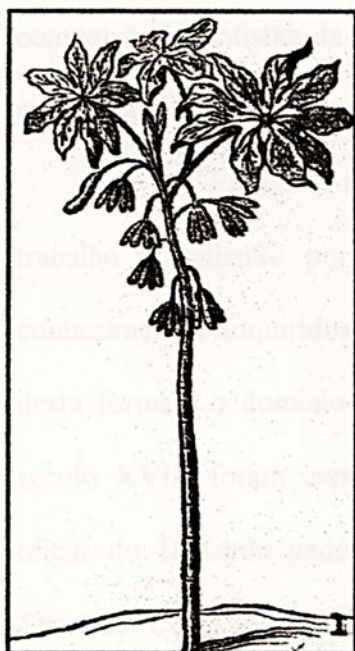
animais, mas também as doenças engenhos e costumes dos indígenas, e ilustrados com mais de quinhentas figuras. Em Leida na Holanda. Em casa de Francisco Hæckio. Em Amsterdã: na casa de Lud. Elzevir, 1648. (PISO, Guilherme. História Natural do Brasil Ilustrada. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1948. XI)



Capa da edição original da obra de Guilherme Piso: *História Natural do Brasil-Auspicio e Benefício do Ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau*. Governador supremo dessa Província e Mar na qual se descrevem, não só as plantas e os animais, mas também as doenças engenhos e costumes dos indígenas, e ilustrados com mais de quinhentas figuras. Em Leida na Holanda: Em casa de Francisco Hückio. Em Amsterdã: na casa de Lud Elzevir, 1648. (PISO, Guilherme. *História Natural do Brasil Ilustrada*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1948: XI).



Ilustrações de Guilherme Piso , em *História Natural do Brasil Ilustrada*: Processo de moagem da cana-de-açúcar por tração animal; processo de cozimento do caldo para obtenção do melado(figura empregada por Roberto C. Simonsen , 1967 para ilustrar *História Econômica do Brasil*); fabrico da farinha de mandioca .



Ilustrações de *História Natural do Brasil Ilustrada*, de Guilherme Pies.

Imbaúba (1) ou umbaúba (*embaiba*) tem frutos com poder cicatrizante para úlceras externas e “fluxos quentes do ventre”;

Abacaxi (*ananas*) (2), fruto doce e succulento, quando comido em excesso “belisca” a língua, reconstitui estômago enjoado, é antídoto para o veneno da mandioca.

Taioba (3) ou inhame (*tajaoba*), tipo tipo de couve, algumas com folhas e raízes comestíveis, outras, só as raízes; cataplasma das raízes alivia dores reumáticas.

Maracujá (4) (*maracuja*), aroma agradável, o suco dá alívio aos estados febris e acalma dores de estômago.

comum aos cientistas da época, para que os conhecimentos se propagassem no mundo ocidental de então.

Enquanto isso , os Jesuítas , que tiveram total liberdade para fazer trabalho semelhante por mais de duzentos anos , ao invés de divulgarem conhecimentos adquiridos , alguns deles os mantinham em segredo , assegurando, desta forma , o domínio sobre as pessoas que deles necessitassem. Quando no século XVIII foram expulsos e tiveram seus bens seqüestrados , segundo um ofício do Desembargador Francisco Antonio Berquó da Silveira Pereira para Thomé J. Côrte Real , além dos bens , eles mantinham receitas de medicamentos , as quais guardavam em segredo. A preocupação em não torná-las conhecidas por todos também existia por parte do Desembargador:

Agora sou obrigado a dizer a V.Ex ... que tendo eu notícia que havia na Botica do mesmo Collegio algumas receitas particulares e entre ellas a do *Antidoto* ou *Triaga Brazilica*, fiz a necessaria diligencia para que me viesse a mão antes que fosse de outrem ... o que não se evitaria, faltando a predita cautela, que se ignora na intelligencia de que poderão os mesmos Padres occultar a dita receita, como fizerão aos principaes remedios, que em lugar incompetente forão achados. Por esta receita ... haverá ... quem dê tres ou quatro mil cruzados e he certo que o fundo principal da dita Botica era este remedio, pelo grande gasto que tinha, por ser prompto o seu effeito, também achei outros manuscriptos de outras receitas ... (Officio de 30 de junho de 1766, Bahia. Annaes da Bibliotheca Nacional, 1904:401 v. 3).

4.3.5 Zacarias Wagner (1614-1668)

Natural de Dresda, filho de juiz de paz, chegou a Pernambuco em 1634 como soldado. Como tinha excelente letra, foi nomeado calígrafo da Fortaleza Ernestus e depois Maurício de Nassau o nomeou seu despenseiro.

Sua contribuição, no entanto, se deve ao seu interesse por registrar suas aventuras tropicais sem pretensões científicas , mas para relatá-las aos



Índia tupi com criança. desenho de Eckhout (1641), reproduzido no catálogo da exposição do Museu Nacional da Dinamarca, por ocasião da comemoração do 300º aniversário da morte Maurício de Nassau – 1979. (Krommen, 1997:253).

¹ *Nov. des Indes, Antiquités et Géographie et Topographie*, vol. 31, 17. Amsterdam, de 1641, de Zacharias Wagener.

Além de Leroy de Almeida há no Museu de História e Etnologia, sob o nome de *Índia tupi com criança*, uma reprodução colorida do mesmo desenho de 1641, que se encontra no *Journal des Indes Orientales et Occidentales des Hollandais, ou Europe, Asia, Afrique et Indes*, pelo Senhor Zacharias Wagener, sob o nome de *Índia tupi com criança*, e a própria gravura.

amigos. Foi o primeiro pintor de assuntos brasileiros. Dedicava-se não às paisagens, mas aos animais, vegetais e também à população nativa, índios, negros, mestiços e portugueses, como moravam, como viviam.

Seu *Livro de Animais* contém 110 croquis e desenhos em aquarela onde retrata peixes, aves, quadrúpedes, vermes, tubérculos, frutos e árvores encontradas no Brasil e desconhecidos, então, em terras alemãs. São desenhos simples mas minuciosos e com fidelidade às cores. Junto a cada desenho há o nome e uma curta descrição feita pelo autor.

O trabalho original de Wagner encontra-se no Museu Estadual de Arte de Dresda. Em 1904, Alfredo de Carvalho traduziu esta interessante obra para o português e, em 1964 foi publicada por Edgard Cerqueira Falcão na coleção *Brasiliensia Documenta*, com o texto em alemão e em português, com introdução, biografia e comentários zoológicos, botânicos e etnológicos feitos por especialistas⁵⁸.

4.3.6 Joan Nieuhof (1618)

Outra importante fonte para a historiografia brasileira foi *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, de Nieuhof, publicada em holandês (1682), inglês (1703), alemão (1773) e em português (1942). Este protestante nascido em Uelsen, 1618, foi funcionário da Companhia da Índias Ocidentais, permaneceu no Brasil após a saída de Maurício de Nassau e foi

⁵⁸ Rev. do Inst. Archeologico e Geographico e Penambucano, vol. XI, O *Zoobiblion*, de 1904, de Zacarias Wagner.

Além do *Livro de Animais* há no Museu de Dresda a *Pequena descrição das viagens e feitos gloriosamente realizados outrora no decorrer de 35 anos quase todos a serviço das Companhias das Índias Oriental e Ocidental na Holanda, na Europa, Ásia, África e América pelo Senhor Zacarias Wagner*, relatados e extraídos de seu diário a próprio punho.

testemunha de todos os acontecimentos que culminaram com a saída definitiva dos holandeses. Seus relatos foram imprescindíveis para que este capítulo da história do Brasil fosse escrito. Além de relatar fatos, forneceu outras informações sobre a terra, como, por exemplo, o clima do Brasil, elaborando conclusões sobre as relações entre as condições climáticas e as doenças tropicais.

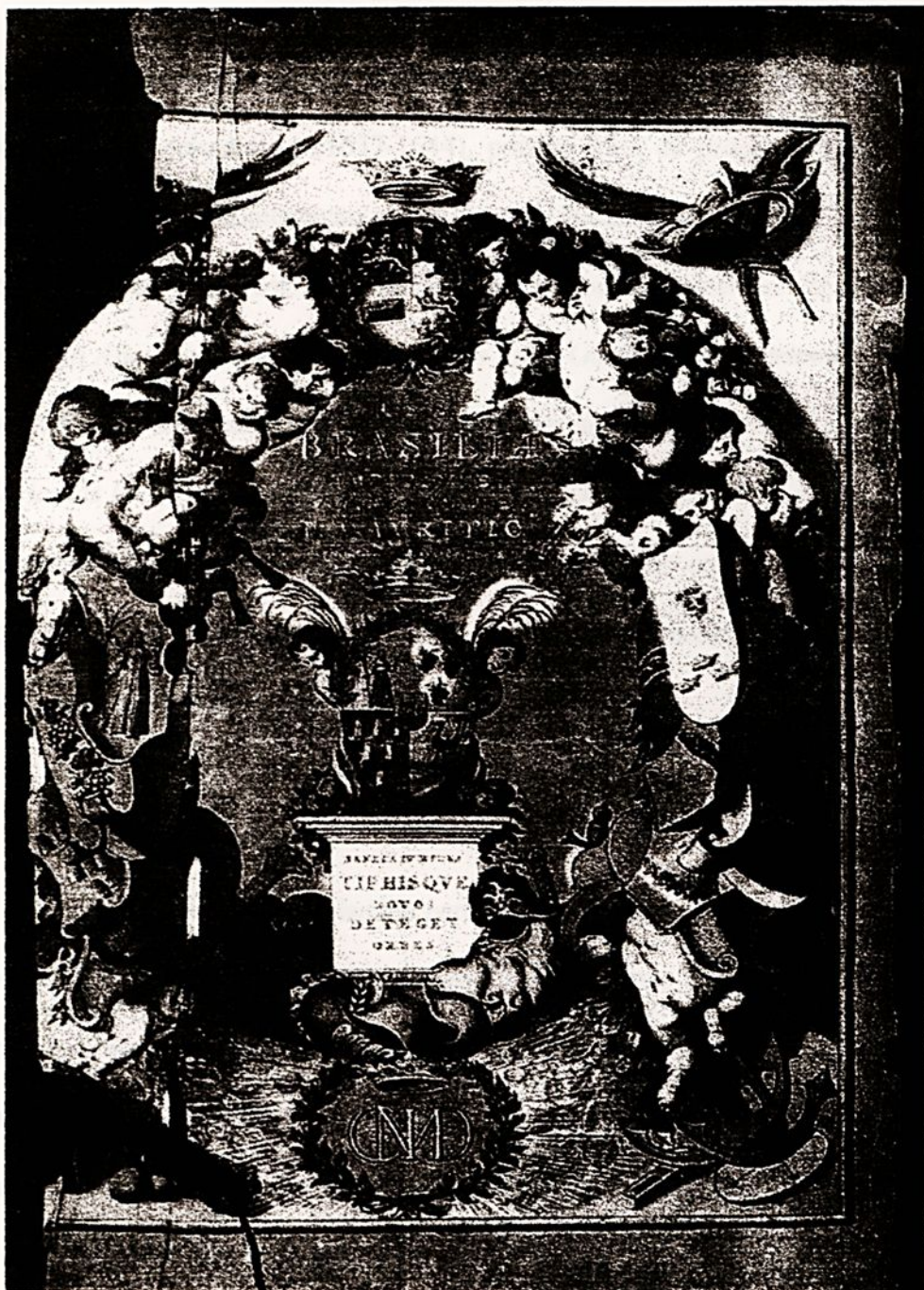
Dispõe ainda o Brasil de clima saluberrimo. Pôsto que situado entre a linha equinocial e o Trópico de Capricornio, sujeito, portanto, à canícula abrasadora dessas latitudes, o calor é aí consideravelmente amenizado pelos ventos de Leste, que sopram do mar e não encontram em seu caminho, montanhas ou ilhas que os barrem. Por isso, talvez, raramente se encontram, no Brasil, as moléstias que assolam Angola, ... As epidemias são desconhecidas no Brasil ... Entretanto, não está isento de febres ... causadas pelo calor e pela umidade bem como pela excessiva ingestão de frutas cruas. (Nieuhof, 1942:68).

José Honório Rodrigues, na introdução de *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil* (1942), caracteriza este trabalho de Nieuhof como um manancial para conhecimento do período holandês dos mais importantes. É fato, portanto, que a contribuição do protestante Nieuhof para a História, Geografia e Ciências Naturais do Brasil, com informações sobre vegetais, mel silvestre e o uso feito deles pelos indígenas, é preciosa.

4.3.7 Gaspar Van Bearle⁵⁹ (1584-1648)

Historiador nascido em Antuérpia, era médico, foi professor de lógica na Universidade de Leiden. Barlaeus era calvinista professo e divulgador de sua fé. Foi contratado por Maurício de Nassau para escrever a história de sua administração. A grandiosidade de sua produção, embora não tenha estado no

⁵⁹ A grafia do nome deste historiador aparece de várias maneiras, decorrência da adaptação de cada autor à sua língua: Barlaeus, Bearleus, Barleu. Prevaleceu *Barlaeus*.



Frontispício do livro de Gaspar Barlaeus, *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil e Noutras Partes sob o Governo do Ilustrissimo João Mauricio Conde de Nassau*, que está sendo restaurado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro com recursos do Banco Real, atualmente controlado pelo grupo holandês ABN. São 60 mil reais para recuperação de 392 páginas do livro publicado em 1647, em Amsterdã, em latim, com 57 ilustrações, 27 delas de Frans Post, e mapas de Marcgraf. (Folha de São Paulo, 10 de abril de 1999:4-8).

Brasil, é tal que se tornou leitura obrigatória para pesquisadores que desejaram conhecer o Brasil seiscentista (1637-1644), pois se trata de produção realizada com acesso a toda a documentação que o governo Nassoviano possuía e ilustrada com desenhos de Frans Post. Sua *História dos Feitos Recentemente Praticados durante Oito Anos no Brasil e noutras partes sob o Governo do Ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, tenente-coronel de Cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange* foi escrita e publicada originalmente em latim, em Amsterdã em 1647 e depois em alemão (1659), holandês (1923) e português (1940), com tradução e comentários de Cláudio Brandão, pelo Ministério da Educação e Saúde.

4.3.8 Frans Post (1612 - 1680)

Paisagista, este holandês participou com suas ilustrações de várias produções científicas do período Nassoviano⁶⁰. Ele e outro pintor, Alberto Van Eckhout "... não se limitaram a fixar a paisagem brasileira, mas também o povo, as suas usanças e costumes." (Oberacker, 1968:106). Post, que foi discípulo de Antônio van Dyck, e Eckhout, que teria sido discípulo de Rembrandt, produziram obras sobre o Brasil, em óleo, que se tornaram famosas e fazem parte da coleção da Biblioteca de Berlim. Esta coleção "... compreende quadros a óleo de 357 peixes, 303 aves e 245 outros, de animais e pessoas." (Oberacker, 1968:106).

⁶⁰ No carnaval de 1999, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, campeã no Rio de Janeiro, apresentou o samba-enredo *Brasil, mostra a sua Cara em ... Theatrum Rerum Naturalim Brasiliae* e recorreu às gravuras de Post como fonte de inspiração para as fantasias e carros alegóricos. O Brasil mostrado por Post foi a cara do Brasil que a escola mostrou.

Os arredores de
Olinda, pintura
de Albert
Eckhout.
Coleção F.
Müller.
Amsterdã
(Bloch, 1982:
1488, v.5)





A Mameluca, de Albert Eckhout. Encontra-se no Museu Nacional de Copenhague e tem cópia mandada fazer por D. Pedro II para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Bloch, 1982:257)

4.3.9 Joannes de Laët (1582-1649)

Nascido em Antuérpia, Laët foi diretor da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais. Seu cargo lhe possibilitou consulta a documentos oficiais para realização de seus trabalhos historiográficos. Além de publicar com Guilherme Pies, em 1644, a obra de 12 volumes, incluindo trabalhos de outros pesquisadores, este calvinista convicto realizou extensa produção. Escreveu *História do Novo Mundo*, cujos capítulos 14 e 15 referem-se ao Brasil, publicada em 1625 em holandês; em 1633, em latim, e, em 1640, em francês.

Sua mais importante obra, fonte de estudo do período holandês no Brasil, é *História ou Anaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até o fim do ano de 1636*. Trata-se de uma descrição detalhada dos fatos com transcrição de documentos importantes como, por exemplo, o *Breve discurso de Maurício de Nassau*, em que convida para retornar os colonos que haviam fugido quando as regiões foram invadidas por holandeses, e a circular enviada a Jerônimo de Albuquerque após a invasão. Publicada em holandês em 1644, foi traduzida para o português por José Higino, Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, sendo publicada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* em 1916.

Além destes, muitos outros protestantes que no Brasil estiveram no período nassoviano contribuíram para a ciência. Merecem ser citados os geômetras e engenheiros que fizeram o levantamento e medição do litoral nordestino com base científica, estudaram também a superfície do solo do sertão no qual se embrenharam. São eles Kommerstein, Bueren e André Drewisch

Longesaltensis. Não encontrei registros sobre suas origens, mas seus nomes indicam origem nórdica. Também há falta de informações sobre a religião que professavam estes e muitos outros colaboradores de Maurício de Nassau. O fato de a religião não ser mencionada na história tradicional é interpretado por mim como um indício de que não eram católicos.

Muitos fatos que compõem a história do Brasil também puderam ser conhecidos graças a registros deixados pela administração de Maurício de Nassau. Alguns soldados que também deixaram registradas em seus diários suas passagens pelo Brasil contribuíram para a historiografia brasileira.

Toda a produção científica e artística que se realizou durante o Brasil-Holandês pôde se tornar conhecida e assumir tanta importância em virtude do verdadeiro mecenas que foi o protestante Maurício de Nassau, contribuindo e incentivando não só a produção, mas também a divulgação de tudo que se produziu.

4.4. Período Joanino

A chegada da Corte de D. João VI ⁶¹ ao Brasil, em 1809, proporcionou condições facilitadoras para que maior número de estrangeiros entrassem oficialmente no país, muitos dos quais vieram fazendo parte da corte. Com o casamento de D. Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina de Habsburgo em 1817, a entrada de cientistas se intensificou. Muitos sábios e artistas vieram da Áustria e outras regiões da Europa, acompanhando a princesa para retratar

⁶¹ O tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação com a Inglaterra (1810) abriu oportunidade para estrangeiros. Também em 1810 vieram alguns suecos para trabalhar na usina siderúrgica de Ipanema, São Paulo (Ribeiro :1973), provavelmente protestantes luteranos.



artisticamente, estudar a fauna, a flora, descrever geograficamente aquele que a imperatriz adotou como o seu país.

Este foi um período de grande avanço para as ciências no Brasil, comparável ao período nassoviano, pois a iniciativa portuguesa de exploração, continuava sendo voltada apenas para o aproveitamento econômico da colônia, enquanto fornecedora de ouro e matérias primas. Não interessava a investigação científica ao governo português, como se pode comprovar em várias ocasiões da história.

A princesa Leopoldina, uma católica, pela sua educação e cultura, que muito excedia à do príncipe D. Pedro, era respeitada por D. João VI que a tinha como verdadeira conselheira. “Com muita dedicação colecionava coisas referentes às ciências naturais, sobretudo à mineração”⁶². No setor da flora, da fauna e da mineralogia adquirira apreciáveis conhecimentos ...” (Oberacker, 1968:182) e seus projetos nestes setores iam sendo concretizados por seu sogro.

Dentre os cientistas que realizaram trabalhos no Brasil, neste final do período colonial, alguns, comprovadamente, eram de formação protestante.

4.4.2. Johann Baptist Von Spix (1781-1826)

4.4.1 Frederico Luís Guilherme Varnhagen (1783-1842)

Nascido em Wittenberg, Alemanha, filho de um pastor protestante, Varnhagen recebeu sólida educação e tornou-se especialista em minas e siderurgia. Assinou, em 1806, contrato de dez anos com o governo português para montar uma siderurgia em Portugal. Com a vinda da corte, em

⁶² Após a morte da madrasta e na iminência do casamento da irmã, o pai, para alegrá-la “... brincando, certo dia em fins de junho de 1816, chegou a prometer-lhe que a nomearia ‘mineralogista da corte’, caso não casasse.” (Oberacker, 1973:53), o que indica que seus conhecimentos em mineralogia eram realmente profundos.

1808, para o Brasil, Varnhagen acompanhou-a, para cumprir seu contrato e realizou estudos de jazidas de ferro em São Paulo, e Sorocaba. Além de localizar e analisar as jazidas, fez experiências sobre a exploração das mesmas.

Fundou uma sociedade anônima para exploração mineral e, em 1818, inaugurou o primeiro auto-forno, fazendo funcionar a primeira usina de indústria pesada em todo o Brasil, a *Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema*⁶³.

A iniciação à pesquisa mineral e ao fabrico de toda sorte de manufatura em ferro, até então importada⁶⁴, foi a grande contribuição deste protestante que voltou à Europa em 1821. Deixou pessoal treinado para prosseguir em pesquisas após sua saída, que, inicialmente, seria apenas um período de férias, mas, por desentendimentos com os Andradas, não mais voltou ao Brasil. Seu filho, Francisco Adolfo Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, nascido em São Paulo (1816), se destacaria na vida intelectual brasileira, sendo considerado por sua obra historiográfica, *O Pai da História do Brasil*⁶⁵.

4.4.2. Johann Baptist Von Spix (1781-1826)

Nascido em Hochstadt, Baviera, Alemanha, Spix estudou Teologia nos seminários de Bamberg e Wurzburg. Estando no seminário, decidiu estudar Medicina e depois Ciências Naturais em Paris e Munique. Prestou serviços científicos ao governo bávaro em viagens científicas à França, Suíça, Itália e pelo

⁶³ Embora o técnico fosse de formação protestante, a fábrica que levou nome de santo (São João) pertencia ao estado. Sem esquecer que João era também o nome do príncipe regente, justificando o nome escolhido para a fábrica.

⁶⁴ Experiência em siderurgia ocorreu, anteriormente, apenas durante a invasão holandesa em Pernambuco.

⁶⁵ Não encontrei registros sobre a formação intelectual e religiosa deste historiador no que se refere à influência protestante, ela é, no entanto, incontestável, pelo menos na educação informal.

Mediterrâneo. Foi nomeado membro da Academia Bávara de Ciências em 1811 e, em 1817, veio para o Brasil, na comitiva de D. Leopoldina, ficando até 1820.

Este cientista de 26 anos e seu companheiro Karl Friedrich Philipp Von Martius, de 23 (não encontrei registros sobre sua fé), chegaram ao Brasil e permaneceram nas imediações da corte por seis meses. Partiram, então, em viagem pelos sertões, anotando e coletando amostras para a grande produção científica que realizariam. Anotaram também detalhes sobre os métodos da viagem, descrição dos terrenos, forma de viver nas vilas por onde passavam, uso de plantas medicinais pelo povo das vilas e aldeias indígenas e o estado de atraso do Brasil no sertão.

A viagem foi iniciada (09/01/1818) com direção a São Paulo. Prosseguiriam, a cavalo, para Minas Gerais em companhia do Barão Von Eschwege. Atravessaram Ouro Preto, Diamantina, navegaram o Rio São Francisco, chegando à Bahia. Atravessaram Pernambuco, Piauí e Maranhão e, de São Luís, navegaram para Belém, subindo pelo Rio Amazonas até o Solimões.

Aqui se separaram ... Spix subia o Rio Solimões ... atingindo até a fronteira peruana ... Martius pelo Rio Japurá, chegando aos limites da atual Colômbia. Reuniram-se novamente no Rio Negro, indo ambos pelo Rio Madeira acima, fazendo nas suas margens, observações etnológicas. (Oberacker 1968:260).

Retornando a Belém, os dois seguiram viagem a 15 de junho de 1820, de volta à Europa.

Foi grande o proveito científico de suas anotações. Quando Spix, prematuramente, faleceu em 13 de março de 1826, vítima de moléstias contraídas em sua viagem pelos trópicos, havia escrito seis obras tendo por base suas observações no Brasil. Entre eles destacam-se *História e crítica dos sistemas de*

zoologia e *O desenvolvimento do Brasil desde o descobrimento até nossa época*.

Sua principal obra, com Martius, *Viagem através do Brasil nos anos de 1817 a 1820*, realizada por ordem do Rei da Baviera, Maximiliano José I, foi completada apenas por Martius. Foi publicada em alemão, em Munique, de 1823 a 1831. Uma versão em inglês, *Travels in Brasil*, foi publicada em Londres em 1824. Em português, foram publicados primeiramente alguns capítulos que se referem à Bahia e a São Paulo, traduzidos por Pirajá da Silva e Paulo Wolf, pela Cia. Editora Nacional sob o título *Através da Bahia*. A tradução completa seria realizada por Lúcia Furquim Lahmeyer e anotada por Basílio de Magalhães.

Só em 1938, por ocasião da comemoração do centenário de sua fundação, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fez editar a tradução completa sob o título *Viagem ao Brasil*, a qual foi reeditada em 1961, pelas Edições Melhoramentos em São Paulo... Também as gravuras foram reeditadas no Brasil, em 1940, por H. Baldus, numa edição especial do Departamento de Cultura de São Paulo. (Oberacker 1968:260-1).

O material deixado por Spix foi explorado depois por Luís Agassis e Steindacher, numa tentativa de aproveitar ao máximo, cientificamente, tão ricas amostras e anotações, contribuições para a botânica, zoologia, mineralogia e etnologia.

As magistrais publicações de Martius, pelas quais foi considerando um dos maiores valores em sua especialidade, são também, na verdade, co-autoria de Spix, principalmente as descrições dos mamíferos, aves e anfíbios, visto que fizeram, em parceria, toda a coleta de materiais. Martius viveu até 1868.

⁴² A respeito do preconceito sofrido por protestantes nos séculos XIX e XX há informações de LEONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro: Estudo de ecologia e história social*, São Paulo: ANEL, 1963.



5. CONTRIBUIÇÕES DE PROTESTANTES À EDUCAÇÃO NO BRASIL-COLÔNIA

5.1 Contribuições diretas

Até aqui apresentei uma série de informações que comprovam a contribuição de protestantes, no período colonial, para a educação no sentido de transmissão cultural espontânea, de uma geração a outra das mais variadas formas. A contribuição de protestantes para a educação escolar, formal, foi bem mais difícil de acontecer. Num período em que a presença de protestantes era clandestina, seria praticamente impossível estabelecer-se uma escola de confissão não católica. Mesmo no século XIX, quando oficialmente o protestante era tolerado, a manutenção destas instituições era dificultada por uma série de restrições legais e pelo preconceito cultural por parte da população ⁶⁶.

Apesar de todas as circunstâncias desfavoráveis, houve escolas formalmente estabelecidas durante o domínio holandês e escolas clandestinas, informais, também funcionaram em outros períodos.

Anchieta (1988), em carta ao Padre Geral, de S. Vicente, a 1 de Junho de 1560, informou que quatro franceses que estiveram com os Tamoios

eram hereges, aos quais mandou João Calvino dois que lhe chamam Ministros, para lhes ensinar o que haviam de ter e crer ... Neste mesmo tempo um deles ensinava as artes liberais, grego e hebraico, e era mui versado na Sagrada Escritura...(Anchieta 1988:167)

e mais adiante afirmou que os ensinamentos eram assimilados por muitos que

“... ao paladar do povo ignorante ... pareciam mesmo doces ... E ... pouco a pouco

⁶⁶ A respeito do preconceito sofrido por protestantes nos séculos XIX e XX há informações em LEONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro: Estudo de eclesiologia e história social*, São Paulo: ASTE, 1963.

grassava nos corações incautos da imperita multidão, sem haver a menor resistência.”(Anchieta ,1988:167). Tratou-se de uma experiência de catequização à fé calvinista que pressupõe leitura dos livros sagrados. Foi ,portanto ,uma experiência também de ensino, de alfabetização, ainda que não tenham, verdadeiramente, conseguido prosélitos.

Em confissão ao Tribunal do Santo Officio na Bahia, em 17 de janeiro de 1592, Pero de Villa Nova informou que freqüentou escolas luteranas no Rio de Janeiro, em 1557, quando veio da França. Eis outro registro de experiência de ensino realizado pelos franceses no período em que muitos deles estiveram no sul do Brasil. Houve ensino não só a índios, portanto, mas também a europeus. Pero Villa Nova entre eles permaneceu por 11 meses, aprendendo a ler, escrever e sendo catequizado. Na Bahia propagou o que aprendera. Ao Santo Officio disse que quando contava o que vira e ouvira, o fazia para “ ... referir e denunciar os erros dos luteranos, mas não per modo de os affimar nem os ensinar, nem de os dizer como cousa boa nem que elle tal consentisse nem aprovasse.”(Primeira Visitação do Santo Officio às partes do Brasil: Confissões da Bahia 1591-593, 1923:117). Confessou verbalmente, portanto, que realizava a divulgação do que aprendera. A coincidência de local e época indica que Anchieta a Pero Villa Nova falavam das mesmas escolas.

Se houve necessidade de terem sido organizadas escolas, isso indica que eram vários os alunos, o que tornava inviável o ensino individual. Como os franceses freqüentaram muito o litoral sul no século XVI, concluo que ainda que o ensino se desse em pequenos grupos, ao final, podem ter sido muitos os que usufruíram da educação ofertada pelos franceses calvinistas.

Durante o domínio holandês (1630-1654), desde o Pernambuco até o Maranhão, foram muitas as experiências educacionais, alcançando pessoas de todas origens presentes na colônia. Houve frentes de trabalho protestante anglicanas, luteranas e calvinistas, organizadas por ingleses, holandeses e franceses que se ocupavam da catequese e também da instrução.

Incomodados com as manifestações religiosas africanas, os sínodos conseguiram que o governador, Maurício de Nassau, proibisse o trabalho dos escravos aos domingos. Obrigando-os a irem à igreja nestes dias, os ministros iam procurando inculcar-lhes a doutrina calvinista.

Wätjen (1938) informa que os pastores enviados para Nova Holanda deviam saber, além de sua língua materna, o português, para se comunicarem com os colonos e o inglês, para se comunicarem com o elevado número de soldados de nacionalidade britânica. A partir de 1635 ficou resolvido “... manter permanentemente de oito a nove clérigos protestantes no serviço divino no Brasil Norte, e organizar a *diffusão da instrução* (grifo meu) nas diferentes Capitanias.” (Wätjen, 1938:345).

Embora houvesse liberdade religiosa (por crerem que a fé era um dom de Deus, que não pode ser imposto), pregadores fanáticos amaldiçoavam, do alto do púlpito, os clérigos romanos e procuravam, ardentemente, convencer o povo. Com este interesse também é que se promovia a alfabetização. Ler a Bíblia era condição fundamental para que estes conhecessem a doutrina reformada e abandonassem a romana.

¹² Também os casamentos de escravos eram registrados e proibida a separação de filhos e de pais e filhos pequenos em caso de serem vendidos.

Foram criadas paróquias protestantes em todas as capitanias e em praças afastadas da metrópole. Em reunião sinodal de 1637 acordaram que devia ser celebrada a

santa Eucharistia nas Igrejas da região holandesa, de cuidar da fundação de escolas e do seu provimento com professores holandeses e portugueses (grifo meu). Todos também se acordaram em que a conversão dos Portugueses Índios e Negros devia ser encaminhada com o devido vagar. (Wätjen, 1938:348).

A disciplina rigorosa, a propagação dos livros, registros de casamentos ⁶⁷, nascimentos e óbitos, uma adequada aplicação das verbas destinadas aos sínodos, a participação da comunidade nas celebrações, o trabalho dedicado de pregadores e visitadores de enfermos, tudo isso contribuiu para o crescimento do culto reformado e o pré-requisito para ele: ensino da leitura.

Na reunião sinodal brasileira de 1638, a pauta principal foi a evangelização dos indígenas. Foram enviados o pregador David van Doorenslaer e mais dois pastores auxiliares para as aldeias indígenas. Lá, segundo Wätjen, pregaram os princípios fundamentais da confissão reformada, educou-os na obediência cristã e ensinou “... a ler e escrever velhos e jovens ...” (Wätjen, 1938, 350).

Depois de catorze meses de trabalho, Doorenslaer afirmou, em relatório, que o serviço missionário progredira e que principalmente as crianças obtinham grande sucesso no ensino ministrado pelos preceptores Dionysius e Kempius. No mesmo relatório solicitou mais missionários para o trabalho entre as tribos belicosas. O conselho enviou o voluntário Johanes Eduardus e, para

⁶⁷ Também os casamentos de escravos eram registrados e proibida a separação de casais e de pais e filhos pequenos em caso de serem vendidos.

incrementar a instrução, mandou imprimir cartilhas e catecismos em holandês, português e na língua dos indígenas.

Também foi enviado um jovem ministro inglês à Universidade de Leyden onde se dedicou à tradução das "... Santas escripturas para a lingua brasilica de modo que os indios as podiam ler e entender." (LESSA, 1937:210). Segundo Lessa, alguns índios eram tão bem instruídos na doutrina e alfabetizados que passavam a ser instrutores juntamente com os missionários.

Também alguns negros receberam instrução. O Sínodo de 1644 decidiu que um mestre-escola seria contratado pelo Supremo Conselho para ensinar gratuitamente os filhos dos negros dos empregados da Companhia.

Com a expulsão dos holandeses "... caímos na mesma rotina e na mesma uniformidade católica e a vida intelectual da colônia se extingue para não mais, tão cedo, dar sinal de vida." (Rodrigues & Ribeiro 1940: 331). Oficialmente, isto de fato ocorreu, porém a doutrina calvinista e seu método de transmissão, que têm como elemento imprescindível a alfabetização, sobreviveria por muito tempo.

Vieira ... recolheu dos índios calvinistas duas expressões que mostram como eles permaneceram fiéis à doutrina que lhes fôra ensinada: *Morandubas Abarés* — patranhas de padre; igreja de moanga — igreja falsa. (Rodrigues & Ribeiro, 1940:233).

Estes fatos apresentados, a adesão à fé reformada (pelo menos aparente), a alfabetização, a posse de livros calvinistas, permitem-me levantar a hipótese de que tais índios teriam alfabetizado, tendo os catecismos como livro-texto, as gerações seguintes. Pesquisas em documentação de arquivos locais poderiam apresentar comprovações de tal hipótese. Talvez sejam encontradas informações de que os descendentes dos nativos instruídos pelos holandeses

dominaram a escrita, ou talvez haja documentos por eles redigidos, apresentando padrão de linguagem escrita típica de protestantes, como no falar observou Vieira.

Buscando apresentar uma visão global do domínio holandês no Ceará, Rita Krommen (1997), com base no diário de Mathias Beck, o responsável pela segunda ocupação holandesa daquela região (1649-1654), dá notícias da propagação da fé reformada e do ensino entre indígenas cearenses. "Num setor especial da cultura, a religião, a influência que os holandeses exerceram sobre os nativos foi muito grande." (1997:111).

A alfabetização e, notadamente, o desenvolvimento da leitura, pressuposto necessário à divulgação da fé reformada, estava inserida em toda ação proselitista protestante, ainda que, ao final, a adesão à fé não se concretizasse.

Mesmo depois da rendição holandesa, os jesuítas não puderam pôr em prática seu sistema de educação, pois havia por toda parte um assistente e um consolador de enfermos protestantes que iam de aldeia em aldeia.

Quando a rendição aconteceu, em 1654, os índios fugiram para o interior do Ceará e muitos se mantiveram fiéis aos holandeses e à religião reformada. Entre estes índios estava Antônio Paraupaba, que dominava a língua holandesa falada e escrita, foi governador dos índios do Rio Grande em 1645 e era, segundo Krommen, fiel adepto da Igreja Reformada. Seus homens não entendiam o abandono holandês, conseqüente da rendição, e a queda nas mãos portuguesas. Refugiados em Ibiapaba, Paraupaba pediu ajuda aos holandeses, dando um prazo de pelo menos dois anos em que se manteriam fiéis ao Estado Holandês e à religião, conforme trecho de sua carta transcrita por Krommem:

para asseverar a V.Exas. em nome daquellas infelizes almas, não sómente a constância da sua fidelidade, como também que procurarão a sua subsistência pelo espaço de dous annos e

mesmo mais nos sertões, no meio de animais ferozes, conservando-se à disposição deste Estado e fiel à Religião Reformada que aprederam e praticam. (In Krommen, 1997:112).

O padre Vieira atestou que, por nove meses, tentou, em 1655, fazer contato com estes índios da Serra de Ibiapaba, sem obter respostas. Enviou um missionário que não conseguiu dar cabo a sua missão. Enviou o segundo, que trouxe uma resposta escrita. Tanto o conteúdo da carta quanto o papel fino e o lacre da Índia que os índios possuíam deixaram os portugueses surpresos. “Compreenderam então por que motivo ainda os índios se entendiam tão bem com os holandeses, pois receberam deles valiosos presentes.” (Krommen, 1997:113).

Foram enviados por padre Vieira outros dois missionários, que chegaram a Ibiapaba, mas os índios fugiram em massa. Vieira, ao descrever a situação da Serra, a considerou *A Genebra de todos os sertões do Brasil*, pois, segundo ele, os índios que ali habitavam tinham nascido e crescido entre os holandeses, praticando a fé reformada sem nenhum conhecimento da doutrina romana.

Muitos deste índios, não apenas Antonio Paraupaba, que morreu em 1656 ou 1657, eram alfabetizados, liam os livros, catecismos calvinistas e tinham, como informa Krommen, o respeito dos demais. Mesmo quando cientes de que os holandeses não mais os socorreriam e se sujeitaram, convenientemente, ao governo português, continuavam desconfiados destes e tinham atitudes que indicavam estar firmados na fé reformada.

Estes fatos indicam a existência de escolas de catequese e de alfabetização no Ceará durante o curto período de domínio e, após ele, com mais insistência diante das atrocidades sofridas nas mãos portuguesas. Qual a dimensão

destas experiências educacionais? A falta de documentos nos impede de ter resposta, mas há material inédito e não traduzido, conforme afirmou o holandês C.M. Schullen, em 1968, ou mesmo arquivos cearenses não consultados que talvez possam responder a estes questionamentos:

Tendo em vista a grande variedade de material inédito em nossos arquivos, deve-se concluir que a última palavra sobre a história dos holandeses na América Latina não foi dita ainda, e que a investigação futura dessas fontes abrirá, sem dúvida, novas perspectivas. (In Krommen, 1997:121).

Também segundo Henriqueta Rosa F. Braga, com base em Mello Neto (1947) ⁶⁸, o trabalho dos protestantes junto aos nativos “... não se fêz em vão. Vários índios converteram-se e tornaram-se fervorosos crentes reformados.” (p.56). Como no proselitismo protestante o incentivo à alfabetização é característica inerente, conforme várias vezes aqui afirmei, é possível formular a hipótese de que se eram, de fato, reformados continuaram o trabalho de alfabetizar e propagar a fé no sertão cearense. Aqui está uma possibilidade para investigações. Se a afirmação de que se tornaram reformados foi com base apenas na aparente conversão, ainda assim a alfabetização pode ter ocorrido e por meio da investigação de documentos talvez ainda possa ser comprovada.

5.2. Os ingleses protestantes e a educação no Brasil-Colônia

Ao longo da história do Brasil, os ingleses, de alguma forma, tiveram contato com o país. Alguns deles que figuram na história conhecida

⁶⁸ Não consegui, até o momento, ter acesso à importante obra deste autor, José Antonio Gonsalves de Mello Neto, *Tempos Flamengos*. Com base nela, certamente teria informações importantes para meu trabalho.

tradicionalmente são os que tiveram alguma participação no governo, ou que representaram o governo britânico, ou ainda que após viagens pelo Brasil publicaram seus relatos. É fato, portanto, que por alguma razão, geralmente por interesses do próprio governo português, estes ingleses, em sua maioria anglicanos ou calvinistas, quebraram a resistência a estrangeiros e protestantes.

Além da forte influência dos ingleses no comércio, na economia, como a história tradicional bem apresenta, houve também influências, ainda que menores, na educação.

Esta contribuição para a educação no Brasil vinda de protestantes ingleses que aqui procuro apresentar não se trata de educação religiosa, da conquista de adeptos para uma fé protestante, mas de ações de protestantes que contribuíram com a transmissão da cultura, proporcionando a ampliação da cultura científica da juventude brasileira daquele período, ofertando, através da instrumentalização (competência de leitura em língua inglesa), o acesso à grande produção de conhecimento publicada em inglês. Aprofundamento em pesquisas sobre as relações sociais entre brasileiros e os ingleses protestantes que no Brasil viveram poderá dar a dimensão destes intercâmbios, até que ponto o *modus vivendi* do inglês protestante influenciou a formação dos brasileiros com quem conviveram e, mormente, daqueles que os tiveram como professores.

Dentre estes protestantes ingleses, que de alguma forma contribuíram com o Brasil, está Robert Southey (1774-1843). Embora nunca tenha estado no Brasil, com sua produção *História do Brasil*, além de contribuir grandemente com esta ciência e esta disciplina, como já mencionei neste trabalho, contribuiu indiretamente, influenciando outros historiadores brasileiros com seu

estilo, os chamados de *elegantemente anglófilos em seus métodos de fazer ou de escrever história* (FREYRE, 1977) , entre eles, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Eduardo Prado.

Até a independência, foram cerca de três mil os brasileiros que estudaram no exterior. Muitos deles se formaram na Inglaterra, em colégios e universidades protestantes, principalmente no início do século XIX, com a situação favorecida politicamente por D. João VI. Tratou-se, portanto, de uma contribuição inglesa protestante na formação de brasileiros, através destas instituições.

Em 27 de junho de 1810, o Doutor Gardner, médico, químico e filósofo realizou, *Leituras* no Rio de Janeiro, com grande auditório no qual estava D. João VI. Em 27 de junho de 1811 agradeceu, pela *Gazeta do Rio de Janeiro*, aos senhores que o homenagearam assistindo às suas últimas *Leituras* e convidou o público para todas as quintas-feiras visitar seu *Laboratorio Chimico*.

Interpreto estes registros sobre o Dr. Gardner, que Gilberto Freyre encontrou nos arquivos da referida gazeta, como uma contribuição deste protestante para a educação no período colonial. Interpreto também estes documentos de 1810 e 1811 como indícios de algo que já vinha ocorrendo antes: a divulgação dos estudos do Dr. Gardner, porém sem a ostentação possível após 1810. Isso pode explicar ter havido público assíduo nestas duas conferências.

Há também registros de ingleses anunciando venda de tecidos em vários jornais desde 1808, antes do tratado comercial e abertura dos portos, e intensificação deste comércio através de anúncios após 1810, o que indica a

presença de grande contingente de ingleses no Brasil, não só no Rio de Janeiro, mas também em outras províncias, mesmo em tempos coloniais.

Com a chegada da família real ao Brasil, a situação dos ingleses para entrada e permanência foi facilitada e se oficializou com o tratado de 1810. Já em 1809, no entanto, começaram a ser publicados anúncios de professoras de inglês e governantas. Na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 8 de fevereiro de 1809 é publicado o anúncio:

Professora inglesa

Na Rua dos Ourives nº 27 mora uma Ingleza com casa de educação para meninas que queirão aprender a lêr, escrever, contar e falar Inglez e Portuguez, cozer e bordar, etc. (In Freyre, 1977:201).

A ousadia da professora indica que havia aceitação por parte da população, ainda que houvesse também muitas pessoas contrárias. Se a aceitação era conhecida pela professora, isto indica que aulas com professoras inglesas, mesmo clandestinamente, já eram muito procuradas. A procura destas aulas é comprovada também pelo anúncio deste pai, de 1830.

Deseja-se saber se nesta Corte existe alguma aula Ingleza, cujo mestre seja também Inglez; pede-se o favor de annunciar a sua moradia por este Jornal, a fim de se hir tratar do ensino de hum menino que já aprende a hum anno o mesmo idioma. (Jornal do Commercio, 21 de janeiro. In Freyre, 1977:205).

O ensino no Brasil até então, oficialmente confessional católico, seguia a tradição jesuítica, que se manteve, apesar das mudanças no período pombalino. Dentre as características desta tradição estava a valorização da língua e literatura latina, em detrimento de línguas estrangeiras modernas como o inglês e o francês. Não havia interesse por parte da Igreja no cultivo destas línguas nos colégios brasileiros. Lord Macartney, de passagem pelo Rio de Janeiro no século XVIII, observou que nas livrarias não havia romances em inglês e “ Bem poucos

habitantes do país conheciam outro idioma senão o português: o que os impedia de ser pervertidos pelos escritos dos filósofos modernos.” (Freyre, 1977:119).

O ensino de inglês, por professores ingleses, cresceu apesar de a Igreja procurar reprimi-lo. Tanto que foi preciso introduzir o inglês também nos colégios católicos para atender aos interesses do público alvo. Em 20 de janeiro de 1811, a *Gazeta do Rio de Janeiro* publicou um anúncio de aulas de inglês, pelo Padre Felisberto Antônio de Figueiredo e Moura, no colégio semi-oficial, a Casa de Educação, que já ensinava Gramática Latina e Religião:

Nesta mesma Casa se acharão Professores para ensinar o Inglês, Aritmética, Pintura, Desenho e Rhetorica. Tudo pelo premio de 4 \$ por mez. (In Freyre, 1977:203).

Eram mudanças ocorrendo no ensino católico em razão das influências dos ingleses. Não há informações, nas fontes em que pesquisei, sobre a fé professada pelos vários professores que anunciavam, o que é perfeitamente coerente com as circunstâncias. Propagar sua confissão protestante só atrapalharia a adesão de alunos, em sua quase totalidade brasileiros católicos, já que os protestantes ingleses que moravam no Brasil, nesta época já tinham escolas especiais para seus filhos.

Gilberto Freyre observou que com a tolerância aos ingleses no Brasil, a Igreja parece ter dado mais ênfase ao culto a Maria e aos Santos, para fazer frente ao culto exclusivo a Cristo posto em relevo pelos protestantes: “Aspectos da religião ou do culto cristão houve que foram mais valorizados depois que se verificou o contacto entre o catolicismo brasileiro e o protestantismo britânico.” (Freyre, 1977:95). Estas informações são indicadores de que a influência inglesa acontecia em outras áreas, além do comércio.

É certo, também, afirmar que estes professores ingleses que publicavam anúncios, e que antes ensinavam sem fazer propaganda, foram protestantes que contribuíram com a educação no Brasil no final do período colonial. É este um caminho que poderão trilhar, outras pesquisas, dando-nos mais informações sobre estas ainda desconhecidas influências.

Quanto às governantas inglesas, a julgar pela ousadia de publicarem anúncios, também eram aceitas pela sociedade no final do século XVIII, quando ainda eram clandestinas. Pouco se pôde saber sobre elas, porém, em 1823, uma governanta inglesa fez história no Brasil. Pelas informações que existem sobre ela é possível concluir que as governantas anônimas também participaram, significativamente, da formação dos filhos das famílias com as quais trabalharam.

A governanta conhecida a que me refiro é Maria Grahah, que foi por quase dois anos governanta da Princesa D. Maria da Glória e amiga de sua mãe, a Imperatriz Leopoldina. Apesar do pouco tempo na função (15-3-1823 a 10-09-1825), participou decisivamente como preceptora, chegando a incomodar os demais da corte. Mesmo após sua saída do Brasil, manteve sempre correspondência com D. Leopoldina. Estas cartas se constituíram importantes documentos sobre o Primeiro Reinado e foram publicadas nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1940.

5.3. Contribuições indiretas

Enquanto, desde o século XVI, as luzes do Renascimento brilhavam na Europa, mormente nas regiões protestantes e em suas colônias, a Península

Ibérica e seus domínios americanos se mantiveram fechados a estas luzes até o século XVIII . Assim, o Brasil se manteve praticamente estéril às influência renascentistas exceto nos períodos holandês e pombalino:

Só com o advento da conquista holandesa, a unidade do espírito jesuítico fragmenta-se e surge então, pela primeira vez, com esplendor excepcional a província do Renascimento na América.

Foi, pois, a colônia holandesa, principalmente no período nassoviano, um quisto da Renascença.

É essa a observação, que separa, com nitidez, a colônia neerlandesa do resto do Brasil. (Rodrigues & Ribeiro, 1940:264) .

A Península Ibérica, dominada por governos absolutistas aliados aos Jesuítas, que rejeitaram o "... espírito crítico, ... privilegiaram o dogma, a conservação da tradição, a educação mais científica e moral do que humanista."(Gadotti, 1994:65), recebeu uma educação que tinha como objetivo "enfaixar as vontades" e uma educação dualista: conhecimento para uns — os colégios — e catequese e servidão para outros, sobrando para o povo apenas a última.

Para que o projeto jesuítico tivesse sucesso, uma série de mecanismos de repressão foi armada contra as idéias de renascentistas, que entre eles estavam muitos protestantes .A Reforma era como um braço religioso do Renascimento (Green, 1984).Não se podia correr o risco de entre renascentistas católicos infiltrarem-se alguns hereges protestantes.

A Reforma foi auxiliada, para alcançar êxito, pelas circunstâncias seculares, humanistas do Renascimento. Por um lado, " O acolhimento do texto literal da Bíblia pelos humanistas significou rejeição do método escolástico de interpretação que dominara durante tanto tempo a vida intelectual da Igreja." (Green , 1984:128), o que possibilitou o sucesso da liberdade de interpretação

pregada pelos reformadores. Por outro lado, os humanistas, religiosos ou não, encontraram na Igreja Reformada uma forte aliada contra a subordinação ao Sacro Império Romano e a favor do livre pensamento.

Diante de tão íntima relação entre Renascimento e Reforma, um decreto de Felipe II da Espanha, em 1559, proibiu espanhóis de freqüentarem universidades estrangeiras, exceto algumas “seguras” em áreas católicas. Este decreto real é um exemplo de atitudes anti - renascentistas, que ocorreriam também em Portugal pelas ações da Contra-Reforma, fazendo do jesuitismo “... o símbolo do obscurantismo retrógrado, anti-moderno, oposto, recalcitrante e ostensivamente, a todas as formas de modernização desta manifestação.” (Carvalho, 1952:19).

Assim, o Renascimento e a Reforma, passariam sem tocar a alma da península que conservava a “... herança espiritual daqueles tempos que chamam de a Idade das Trevas ...” (Morse, 1988:36), com as perseguições do Santo Ofício, fazendo com que “... os ‘espíritos ilustrados’ emigrassem de Portugal, formando então a famosa falange dos ‘estrangeirados’ nos diversos países europeus.” (Oliveira, 1973:9).

Apenas a partir do período pombalino é que algumas luzes do espírito crítico e renascentista e da Reforma⁶⁹, com duzentos anos de atraso, poderiam brilhar oficialmente em Portugal e no Brasil, tirando os lusitanos do obscurantismo.

O Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, que foi

⁶⁹ O Novo Testamento seria publicado em português apenas em 1681, em Amsterdam, versão de João Ferreira de Almeida. A Bíblia completa só seria publicada em 1753.

representar Portugal na Itália, como mediador de discórdias entre as cortes de Viena e Roma, lá teve contato com idéias iluministas ⁷⁰ que lhe possibilitaram olhar criticamente as ações dos jesuítas em Portugal, os responsáveis por sua educação. De volta a Portugal, em 1750, D. José I nomeou-o Ministro dos Negócios do Estrangeiro, depois gradativamente assumindo comando de Portugal ⁷¹.

Neste período, surgiu Luis Antonio Verney, um espírito ilustrado da própria Igreja que também viveu e estudou na Itália. Filho de Dionísio Verney, um francês, e Maria da Conceição Arnaut, portuguesa de ascendência também francesa, desde a tenra idade foi colocado aos cuidados de uma capelão para ensinar-lhe os primeiros rudimentos. Não interrompeu mais seus estudos até os 23 anos, concluindo o curso de Teologia da Universidade de Évora. Foi para a Itália, onde fez outra vez o Curso Teológico e Jurisprudência. Em 1742, foi, pelo papa, nomeado Arcediago da Sexta Cadeira na Catedral de Évora, cargo que assumiu em Roma mesmo, e também foi admitido na Arcádia Romana ⁷² com o criptônimo de Verenio Orgiano. Começou então a redigir um método novo de ensino através do qual a aprendizagem ocorreria mais racionalmente.

Lançou em 1746 suas idéias pedagógicas em *Verdadeiro Método de Estudar*. Eram idéias para uma reforma que abrangeria todo o sistema de educação em Portugal e seus domínios. Seu método era bem diferente daquele

⁷⁰ O Iluminismo foi um movimento cultural e intelectual do século XVIII herdeiro do humanismo do Renascimento e originado do racionalismo e do empirismo do século XVII. ROUNET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987. analisa aprofundada e criticamente este movimento.

⁷¹ Portugal estava endividado como nunca havia estado antes, quando D. João V morreu, em 1750, e o Marquês de Pombal, competente, mas ambicioso, foi estrategicamente ganhando poder enquanto tentava recuperar o equilíbrio e a ordem no país. Para reconstruir Lisboa que fora destruída pelo terremoto de 1755, recebeu mais poderes do rei.

⁷² Também o poeta árcade brasileiro Basílio da Gama foi membro da Arcadia Romana sob o pseudônimo de Termindo Sipílio. Semelhantemente a Verney, foi preso, acusado de jesuitismo e condenado ao degredo em Angola. Livra-se dessa, pena escrevendo um epitalâmio à filha do Marquês de Pombal. Em *O Uruguai* (1769) critica os Jesuítas, seus antigos mestres, e defende a política de Pombal, de quem viria a ser secretário. (Bosi, 1982).

empregado pelos jesuítas, em alguns aspectos, oposto mesmo. Eram cartas dirigidas aos Reverendíssimos Padres, para que, adotando seu método, pudessem alcançar “maiores felicidades, eles e toda a sua religião”.

Mesmo com a posição ocupada por Verney, teve grandes dificuldades para publicar sua obra. Contava, para a publicação, com a promessa de um auxílio financeiro de D. João V, também membro da Arcádia Romana. Tal promessa não se concretizou, segundo Verney, por culpa dos ministros.

Em 1756, o rei D José I, filho de D João V, repetiu a ordem de auxílio que também nunca se concretizaria. Verney, que resolvera publicar seu método em 1757, arcando com os custos, confiando no auxílio real que viria, endividou-se e pagou por esta dívida até o fim da vida.

Verney não conseguiu também que seu *Verdadeiro Método de Estudar* fosse introduzido nas escolas de Portugal, pois os exemplares que enviou ao rei, D. José I, através do Marquês de Pombal, nunca foram entregues ao monarca. Vivendo, em 1765-66, num injusto exílio a que Pombal o condenou, acusando-o de vender segredos de Estado aos jesuítas, soube que suas idéias de reforma pedagógica iam sendo postas em prática como parte das chamadas Reformas Pombalinas.

Com a morte de D. José I e a conseqüente queda do Marquês de Pombal, Verney, como tantos outros, requereu sua reabilitação. No prefácio do *Verdadeiro Método de Estudar*, vol. II, publicado em 1950 pela Livraria Sá da Costa, em Lisboa, são transcritas suas palavras sobre este processo.

Despedido que foi o Pombal, o novo governo reconheceu e publicou a minha inocência e me permitiu voltar para Roma. Deste modo ficou salva a minha honra mas os gravíssimos prejuízos de todo o gênero, que sofri e soffro, nunca me salvaram.(p. xvi).

O método de Verney se apresentava como um caminho para inserir Portugal no mundo europeu, em relação ao qual estava dois séculos atrasado. Tal era o atraso que Verney conta "... que os portugueses que viajavam para outros países se sentiam à parte num mundo totalmente desconhecido." (Oliveira , 1973:14) e "D. Luís da Cunha ... disse que quando saíra de Portugal, o maior trabalho que tivera, fora procurar esquecer-se de tudo o que tinha aprendido em Portugal para entender as coisas bem e falar com propósito".(Azevedo ,1963:537).

Como a educação em Portugal se encontrava ,predominantemente, nas mãos dos jesuítas, críticas ao ensino português significava crítica à Companhia de Jesus e, conseqüentemente, à Igreja. Buscar novas tendências educacionais européias e introduzi-las na educação portuguesa significaria, para a Companhia de Jesus, ficar vulnerável às mais variadas influências, inclusive às protestantes. Tal fato jamais seria permitido pelos inicianos, que contra isso lutavam desde a fundação da companhia.

De fato, o método de Verney ia mostrando o que, a seu ver, era inadequado no ensino sob a orientação dos jesuítas, os escolásticos portugueses, que sem ser um grupo monolítico, tinham em comum o ser desvinculado da realidade circundante, o obrigar os estudantes a estudos, anos a fio, tendo "... em vista prepará-los para disputas retóricas e de sentido puramente ornamental." (Paim 1967:39). Ia também apontando soluções, novas diretrizes, sugestões de métodos de estudo já utilizados em outras nações européias, fundamentados, através de Rollim, em Comênius,⁷³ um protestante, e outros pensadores que, a

⁷³ Jan Amos Comênius é considerado o maior pedagogo do século XVII. Pertencente à comunidade evangélica dos Irmãos Morávios, estudou na Universidade de Herborn e Heideberg. Foi o fundador da didática e tem seu nome figurado no mesmo nível dos de Rousseau e Pestalozzi. Teve influências do educador luterano Wolfgang Ratke (1571-1635) (Luzuriaga, 1963).

rigor, representavam fruto da Reforma, como Locke ⁷⁴ e Grocio ⁷⁵. Locke tinha sua nova metafísica

solidária da inteira liberdade do indivíduo em matéria religiosa. O inglês só não concede os benefícios da tolerância aos ateus e às religiões que exigem obediência a um príncipe estrangeiro. Menciona expressamente aos maometanos, mas tem em vista a Igreja. (Paim, 1967:42).

O que se tinha, em Verney, o *Barbadinho da Congregação de Itália*, era um *estrangeirado* católico, apresentando o moderno pensamento europeu com nuances inspiradas no livre pensamento da Reforma Protestante, o mais adequadamente possível maquilado, para que fosse aceito pelo ambiente português de tradição escolástica, o que jamais se concretizaria na Companhia de Jesus. Através das reformas pombalinas, no entanto, embora não se tenha dado os devidos créditos a Verney, houve uma educação inspirada nas idéias de Comênius e Locke ⁷⁶, dois protestantes.

As reformas pombalinas, após a expulsão dos jesuítas (1759), só chegaram ao Brasil depois de treze anos (1772) e sem conseguirem muitos resultados, pelas inúmeras dificuldades decorrentes da situação econômica e do sistema centralizado de administração. Também foi curto o período que este

⁷⁴ John Locke, nascido em 1632 estudou em Westminster e em Oxford. Estudou Medicina, Ciências Naturais e Filosofia. Teórico que inspirou os iluministas, de família anglicana com tendências puritanas, foi professor em Oxford. Negava a tese da existência de idéias inatas, defendidas por Descartes. Argumentava que a mente é uma página em branco quando se nasce e a experiência é que a vai preenchendo, através da sensação e da reflexão. Moralista, dá mais importância, na educação, à conduta e à ética, que à inteligência e ao conhecimento.

⁷⁵ Ilugo Grócio era protestante calvinista holandês, da ala dos chamados *libertinos evangélicos*, opostos aos calvinistas ortodoxos. Ficou conhecido por sua elaboração de conceitos sobre direito internacional e direito natural.

⁷⁶ Não se tratou de uma educação confessional, mas com princípios da didática moderna de Comênius, que se distingue do método jesuítico, entre outros pontos, no que diz respeito aos fins extraconfessionais da educação: "... o *saber*, que compreende o conhecimento de todas as coisas, artes e línguas; a *virtude*, ou bons costumes que inclui são só as boas maneiras como o domínio das paixões; e a *piedade* ou religião, isto é, de veneração interna pela qual a alma do homem se une ao Ser supremo." (Luzuriaga, 1963:139). Para ele a Escola, fábrica de homens, deve admitir a todos, pobres e ricos, nobres e plebeus, meninos e meninas: uma antecipação da idéia de escola democrática unificada.

ministro teve para levar adiante suas reformas, pois, com a morte de D. José I (1777), D. Maria I, sua sucessora, as interrompeu, aconselhada por seus ministros, numa política colonialista que impedia todas as iniciativas que objetivassem o progresso do Brasil ⁷⁷.

Nas inovações educacionais realizadas por Pombal, ou decorrentes de sua ações, podem ser observadas as influências diretas do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis Antonio Verney, conforme o próprio autor pôde observar. Embora seu nome não tenha aparecido "... a feição intelectual desse momento essencial da cultura luso-brasileira foi dada por Luís Antonio Verney." (*O nascimento da moderna pedagogia*: Verney, 1979: p.12, citado por Ribeiro 1997:104). O conhecimento e análise aprofundada do pensamento e proposta educacional de Comênius e um estudo comparado das propostas e ações educacionais de Marquês de Pombal, poderão dar a medida da influência indireta deste protestante na educação portuguesa e brasileira, neste período, através de Verney.

Em *Educação da Mulher no Brasil-Colônia*, Ribeiro (1997) apresenta duas iniciativas na educação feminina no Brasil que sofreram influências das idéias de Verney no período das reformas pombalinas. A primeira se encontra em *Cartas sobre a educação de Cora*, de 1849, de José Lino Coutinho.

O fato de iniciar a educação na infância enfatizando os exercícios físicos, não forçando a aprendizagem e incutindo

⁷⁷ Os *Subsídios Literários*, imposto criado por Pombal para manutenção da educação, apesar da grande sonegação conseguiu subsidiar 17 aulas de ler e escrever, 15 de Gramática Latina, seis de Retórica, três de Língua Grega, três de Filosofia. Também as ordens religiosas continuaram a prestar seus serviços. Em *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública*, Carvalho (1952) apresenta, com base em cartas de dois professores régios de Pernambuco, problemas relacionados com a aceitação dos novos professores e do novo método por parte dos alunos como fatos que contribuíram para também dificultar a implantação das reformas.

hábitos morais e amor à verdade, leva-me a supor que José Lino Coutinho moldou a educação de sua filha Cora nas idéias desse pensador. (Ribeiro 1997:119).

São evidências da influência verneiana, segundo Ribeiro, a orientação quanto aos objetivos e a forma de ensinar a dança, a ênfase dada à ortografia, a introdução das ciências naturais, geografia, astronomia, religião, noções de direito e trabalhos manuais. Estes últimos eram atividades que, no mundo católico ibérico, competiam apenas aos escravos, e era vergonhoso para a mulher branca fazê-los, mas estão presentes na educação utilitária protestante, conforme Weber (1967).⁷⁸

A segunda influência de Verney, apresentada por Ribeiro (1997) se encontra nos estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, para mulheres, na cidade de Olinda em Pernambuco, redigidos em 1798 pelo Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho⁷⁹. Ele também redigiu os estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça, de Olinda, a mais significativa representação das reformas pombalinas no Brasil. Foi uma iniciativa que, para se concretizar, exigiu uma luta ferrenha do Bispo D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho contra os ministros de D. Maria I, mas conseguiu êxito. Implantou novos estudos no Seminário com a finalidade principal de formar o

⁷⁸ “O fato de percentagens de católicos entre os estudantes e formados nos institutos de ensino superior ser geralmente inferior à proporção vigente na população total pode ser largamente explicado em termos de diferenças herdadas de riquezas. Mas também entre os próprios formados católicos, a percentagem dos oriundos de institutos modernos, especialmente dos de preparo para estudos técnicos e ocupações comerciais e industriais ... seja muito inferior à dos protestantes, enquanto ... poucos católicos estejam interessados na empresa capitalista ... Sabe-se que a fábrica obteve boa parte de sua mão-de-obra especializada entre os jovens artesãos; este fato, todavia, é muito mais verdadeiro para os diaristas protestantes que para os católicos”. (Weber, 1967:21-2). Gilberto Freyre, em *Ingleses no Brasil* (1977) informa que com a chegada de D. João VI, o considerável número de ingleses importadores de máquinas e instrumentos que substituíram escravos contribuiu para melhorar a figura do mecânico, do trabalhador que é capaz de manejar as máquinas. Ser mecânico era, até então, uma profissão considerada indigna pelos brasileiros.

⁷⁹ Bispo Coutinho, brasileiro, de São Salvador dos Campos de Goitacazes — Rio de Janeiro, estudou na Universidade de Coimbra, licenciando-se em cânones. Ali teve contato com as idéias iluministas vindo para o Brasil, na década de noventa, com o ideal de dedicar-se à educação da mocidade brasileira. (Oliveira, 1973).

clero episcopal. Em virtude da formação iluminista que deu aos jovens, formou não só clérigos, mas revolucionários que "... vieram a ser os heróis dos movimentos de emancipação política do Brasil em 1817, da própria independência do País e ainda do movimento de 1824. E foi por isso cognominado 'escola dos heróis'." (Oliveira-1973:54-5).

O seminário funcionou no prédio em que funcionava o Colégio Jesuíta. Teve seu estatuto aceito em 1798 e, em 10 de janeiro de 1800, as aulas foram iniciadas. Seu estatuto era baseado em *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis Antonio Verney, conforme Ribeiro (1997) pôde observar, através do estudo comparado.

Muitos brasileiros que estudaram em Coimbra no século XVIII também receberam naquela universidade, pela reforma pombalina, influência do método verneiano, e, indiretamente, de Comênius. Tomás Antônio Gonzaga, poeta árcade brasileiro e inconfidente, estudou em Coimbra, onde teve contato com autores protestantes, chegando a emitir opiniões sobre as idéias de direito natural, de Grocio. (PAIM, 1967).

São muitos também os brasileiros que no período colonial estudaram em universidades alemãs, inglesas (como aqui já mencionei), muitas delas de confissão protestante. José Bonifácio de Andrada e Silva, que recebeu a perífrase de *Patriarca da Independência* por sua participação no movimento de independência, foi estudar, em 1792, na Universidade de Freiberg, na Saxônia — Alemanha, uma escola protestante. Juntamente com ele, matriculou-se Manuel Ferreira da Camara Bittencourt. Eles foram escolhidos pelo governo português para aprofundarem seus conhecimentos em engenharia das minas em Freiberg,

onde foram discípulos de Werner, lá ficando por três anos. Diplomados, percorreram distritos mineiros e metalúrgicos da Europa durante dez anos. O Andrada voltou e lecionou na Universidade de Coimbra, na cadeira de Metalurgia, criada para ele. Bittencourt voltou ao Brasil e construiu em 1809, o primeiro forno no morro de Gaspar Lopes, em Minas Gerais.

Os brasileiros entrarão no caminho iniciado no paiz por Camara e Andrada, desde que derem de mão á pseudo ilustração, á imitação servil e á desastrosa mania do encyclopedismo das pretensões syntheticas e d'alta philosophia, entregando-se ao estudo dos factos como aquelles beneméritos brasileiros faziam. (Souza. In Rev. do Inst. e Geogr. de S. Paulo, 1911: 248 V.14)

Outros brasileiros realmente entrariam no caminho de Camara e Andrada. Em 1793, Fragoso de Siqueira seguiu, também, para Freiberg e foi discípulo de Werner. Em 1816, foi a vez de Paulino de Nola Oliveira e Souza, o último brasileiro a ser discípulo de Werner, que morreu em 1817.

Após a independência, o fluxo de brasileiros rumo a Freiberg só aumentou. Dr. Ennes de Souza registrou mais alguns deles, com base em um levantamento que ele mesmo fez quando ali estudou: em 1832, V. Brant e da Horta; em 1835, Egas Moniz Barreto d'Aragão; em 1836, Innocencio de Drummond; em 1841, Lourenço de Souza; em 1846, Guilherme de Schuch de Capanema; em 1858, José Carlos Mariani; em 1860, Joaquim de Souza Mursa; em 1863, Paulo de Araujo Porto Alegre; em 1876, Antonio Ennes de Souza; em 1877, Antonio de Bessa Pinto.

No Brasil, a abertura de uma escola por proprietários estrangeiros e protestantes, antes da independência, era legalmente impossível, e mesmo após a emancipação política, muito difícil até a República. Apesar disso, vários brasileiros, como os registros de Souza comprovam, saíram para freqüentar

escolas protestantes no exterior. A maioria deles voltaram ao Brasil e fizeram grandes trabalhos na metalurgia e em outras áreas. Muitos foram também professores. A influência indireta de protestantes, mais uma vez, se mostra significativa na formação do Brasil, desta vez na mineralogia e metalurgia, e também no ensino.

Outros levantamentos em outras universidades certamente nos apresentariam um número muito maior de brasileiros educados em escolas protestantes, os quais vieram contribuir com conhecimentos ali recebidos em vários setores no Brasil.

A leitura de obras de história do Brasil me levou à constatação de que foram, com efeito, em números bem menores as entradas de protestantes no Brasil – Colônia que na América do Norte. Isto se deve ao fato de ter havido um mecanismo de resistência e repressão organizado pelo Estado e a Igreja, tendo como seu agente principal a Companhia de Jesus.

Apesar das proibições, houve momentos em que contingentes de protestantes, quebrando as resistências, entraram, permaneceram algum tempo e marcaram sua presença com contribuições culturais e educacionais. Algumas vezes chegaram a ocupar, de acordo com os interesses governamentais, postos no governo colonial, como foi o caso de Monsieur Gronflet, no Pará, denunciado ao Santo Ofício em 1765.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de protestantes para a cultura e educação no Brasil colonial , bem como em outros períodos , podem ter sido muito maiores do que aquilo que se conhece .

Neste trabalho, procurei levantar o maior número que consegui de informações sobre a presença de protestantes no Brasil – Colônia e registros de suas contribuições culturais e educacionais .

O silêncio quase total sobre a presença de protestantes e suas ações educacionais na produção de história da educação brasileira , principalmente quando se refere ao período colonial , foi a razão da delimitação cronológica deste trabalho e também a razão da busca de informações em outras fontes bibliográficas além trabalhos de história da educação .

A leitura de obras de história do Brasil me levou à constatação de que foram , com efeito, em números bem menores as entradas de protestantes no Brasil – Colônia que na América do Norte . Isto se deve ao fato de ter havido um mecanismo de resistência e repressão organizado pelo Estado e a Igreja , tendo como seu agente principal a Companhia de Jesus .

Apesar das proibições, houve momentos em que contingentes de protestantes , quebrando as resistências , entraram , permaneceram algum tempo e marcaram sua presença com contribuições culturais e educacionais. Algumas vezes chegaram a ocupar, de acordo com os interesses governamentais, postos no governo colonial , como foi o caso de Monsieur Gronflet, no Pará , denunciado ao Santo Ofício em 1765 .

A existência de registros de estrangeiros protestantes que se casaram com brasileiras , os quais apresentei neste trabalho , é um indício de que houve, informalmente , no seio da família , a transmissão cultural , religiosa e alfabetização às gerações miscigenadas , havendo, , muito a se resgatar para este capítulo da história da cultura brasileira.

O fato de terem sido escritas tantas leis proibitivas a estrangeiros e protestantes também é uma indicação de que havia , constantemente , tentativas destes grupos de entrarem na colônia. Em muitas destas tentativas , eles podem ter obtido sucesso , mas, por sua natureza clandestina, não foram registradas em documentos em português .

Dificuldades com fontes me impediram , por exemplo , de conhecer como foi a vida do protestante Daniel de La Touche, o Senhor de Ravardiére , e de seus companheiros , após a reconquista do Maranhão pelos portugueses (França Equinocial) . Teriam eles alfabetizado os filhos que porventura tiveram no Brasil ? Partindo do princípio que a alfabetização é inerente à divulgação da fé reformada e com base nos registros de iniciativas educacionais no período holandês, entre outros aqui apresentados, é razoável concluir que outras experiências educacionais podem ter ocorrido sempre que houve a presença de protestantes , não havendo registros delas , ou ainda estando documentadas em arquivos à espera de um pesquisador que vá conhecê-las e torná-las públicas .

Está claro que foram significativas , no período holandês e no período joanino, final do período colonial , as contribuições de protestantes para as ciências e as artes no Brasil , não apenas na colônia mas até a atualidade .



Mesmo protestantes que não estiveram no Brasil , como Barlaeus , contribuíram com as ciências através de trabalhos fundamentados em pesquisas documentais e bibliográficas .

Quanto à educação formal , foram vários os brasileiros que receberam formação em escolas protestantes na Europa, ainda no período colonial, e depois trabalharam no Brasil em vários setores .

É razoável ainda afirmar que a pedagogia de Comênius , por meio de Luis Antonio Verney , alcançou brasileiros que freqüentaram em Portugal, ainda no período colonial, as instituições reformadas por Marquês de Pombal . Também o Seminário de Olinda, e o Recolhimento de Nossa Senhora da Glória que tiveram seus estatutos idealizados pelo Bispo Azevedo Coutinho, com inspiração em Verney, alcançaram brasileiros com o livre pensamento .

As contribuições de ingleses protestantes para a educação formal , atuando em instituições , como preceptores ou como instrumentalizadores do acesso à cultura produzida em língua inglesa também foram significativas .Muito, certamente , há pra se recuperar desta influências inglesas.

Minha maior contribuição para a história da educação brasileira com este trabalho , no entanto , está em apresentar algumas possibilidades de outros trabalhos futuros , para aprofundamento em algumas questões que aqui levantei , com o objetivo de melhor mapear as contribuições culturais e a educação de iniciativa protestante no Brasil, principalmente, no período colonial, pois trata-se de um capítulo da história de nossa educação que ainda está por ser escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.
- AGUIAR, Luiz Antônio. *Hans Staden: viagens e aventuras no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de. *Pequena história da formação social brasileira*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- ALBINO, Marcus. *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana-1869-1889*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- ALMEIDA, Renato. *Compêndio de história da música brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editôres, 1958.
- ALMEIDA, João Ferreira de.(trad.). *A Bíblia Sagrada: velho testamento e novo testamento*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Tradução do hebraico e grego.
- APPLE, Michael W. *Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da educação*. São Paulo, Moderna, 1989.
- ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges. (Dir) *História da vida privada*. São Paulo: Cia .das Letras, 1991.v 1 a 5.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 4 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.(Biblioteca básica brasileira, v. 4).
- AZEVEDO, Israel Belo de. *As cruzadas inacabadas: introdução à história da igreja na América Latina*. Rio de Janeiro: Gêmeos, 1980.
- BARBANTI, Maria Lúcia S.H. *Escolas americanas na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. São Paulo, 1977. 212 p. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil: do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. São Paulo: Nacional, 1937. (Brasiliana, v.76).

- BASTIDE , Roger . *Brasil terra de contrastes* .São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1959 .
- BLOCH, Marc. *Introducción a la historia*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1957.
- BOISSET, J. *História do Protestantismo*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1971.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. *Açorianos e Madeirenses em Santa Catarina*. Revista do Inst. Hist. e Geo. Bras. 1953, v.219, p. 130-64 .
- BOSI, Alfredo . *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo:Cultrix, 1982.
- BOSI, Alfredo.*Dialética da colonização*.2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- BRAGA. Henriqueta R.F. *Música sacra evangélica no Brasil*:contribuição à sua história. Rio de Janeiro: Kosmos, s.d.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: História*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BOXER , C . R . *Os holandeses no Brasil: 1624 – 1654*. Trad. Olivério M . de Oliveira Pinto. São Paulo : Nacional , 1961. (Brasiliana , v . 312)
- BURKE , Peter. *A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odalia. 4 reimpr. São Paulo, UNESP, 1997.
- CALMON , Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959 ,7 v.
- CALÓGERAS , J. Pandirá. *Formação Histórica do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1966. (Brasiliana v.42) .
- CAMARA CASCUDO , Luís da. *Geografia Brasil holandês*. Rio de Janeiro, 1956.
- CAMPOS , Raymundo Carlos Bandeira . *Grandezas do Brasil no tempo de Antonil (1681-1716)* .4ª ed. São Paulo : Atual , 1996 .
- CAMÕES , Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- CARR , Edward Hallet. *O que é História?* Petrópolis: Paz e Terra, 1992.
- CARVALHO , Laerte Ramos de . *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo : Universidade de São Paulo , 1952 .



- CARVALHO , Laerte Ramos de. Ação Missionária e educação. In HOLANDA, S.B.(dir). *A época Colonial: do descobrimento à expansão territorial* São Paulo: DIFEL, 1981. (História geral da civilização brasileira v.1, t.1.).
- CASTRO , Sílvio. *Carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. São Paulo:L & PM, 1987.
- CAVALCANTI , Robinson. *Cristianismo & política: teoria bíblica e prática histórica*. São Paulo: Temática, 1994 .
- CHAMPIGNEULLE , B. *História da música*. Trad. Pérola de Carvalho. 2 ed. São Paulo: DIFEL,1961.(Saber atual). Original francês: Histoire de la musique.
- CHARTIER , Roger. Educação, In LEGOFF, Jacques, CHARTIER, R. e REVEL, Jacques (dir) *A nova história*. Trad. M. Helena Arinto, Rosa Esteves. Coimbra: Almedina, 1978, p.169-171.
- COTRIM , Gilberto e PARISI , Mário . *Fundamentos da educação :história e filosofia da educação* . 6ª ed . São Paulo: Saraiva , 1982 .
- COUTINHO , Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e reformas*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. (Nossa terra) .
- DEWEY , John . *Democracia e educação* . 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional , 1959 .
- EMÉRICO , Nicolau . *O manual dos inquisidores* . Lisboa : Afrodite , 1972 .
- ENCICLOPÉDIA ilustrada do Brasil. Rio de Janeiro: BLOCH, 1982. v. 1 a 10.
- FAORO , Raymundo. Existe um Pensamento brasileiro? *Estudos Avançados*. São Paulo: Atica , 1996 . p. 9-57.
- FELICE , G. de. *História dos protestantes da França*. São Paulo: Internacional, 1890.
- FERNANDES , Florestam. Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis. In HOLANDA, S.B. (dir) *A época colonial: do descobrimento à expansão territorial*. São paulo: DIFEL, 1981(História geral da civilização brasileira, v.1, t.1).
- KIDDER , Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil*. Brasileira, 1924 (Tudo e história) .
- FERREIRA , Aurélio Buarque de Holanda . *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* . 2ª ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira , 1986 .
- FITZER , Gottfried. *O que Lutero realmente disse*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 13 ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1997.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1994.

GALLEGO, José Andrés. *História da gente pouco importante: América e Europa até 1789*. Trad. Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1993.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *História da Educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

GRANDE enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 19 v. 6.

GREEN, V. H. *Renascimento e reforma*. Trad. de C. dos Reis. 1 ed. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1984.

HOLANDA, S.B. de. As primeiras expedições. In *A época colonial: do descobrimento à expansão territorial*. S.Paulo DIFEL, 1981. (História geral da civilização brasileira, v.1,t.1).

HOLANDA, S.B. de. *Raízes do Brasil*. 12 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

HOLANDA, S.B. de e PANTALEÃO, Olga. Franceses ingleses e holandeses no Brasil quinhentista. In: HOLANDA, S.B. de *A época colonial: do descobrimento à expansão territorial*. São Paulo: DIFEL, 1981.p. 147-75 (História geral da civilização brasileira v.1 t.1).

HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-colônia.(1550-1800)*. São Paulo, Brasiliense, 1994. (Tudo e história, 45).

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: da colônia à independência*. São Paulo: Contexto, 1990.(Repensando a História).

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Províncias do Norte e Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. São Paulo: Martins/EDUSP, 1972 .2 v.



- KIDDER , D. P. e FLETCHER, J. C. *O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo*. Trad. Elias Dolianiti. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941, 1v. (Brasiliana, v.20) .
- KROMMEN , Rita. *Mathias Beck e a Cia. das Índias Ocidentais*. Fortaleza: UFC/ Casa J. de Alencar, 1997.
- LAÉT , Joannes de. *História da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*. Rio de Janeiro: Oficinas Graficas da Biblioteca Nacional, 1916.
- LAKATOS , Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1985.
- LAMBERT , Jacques. *Os dois Brasis*. 2 ed. São Paulo: Cia Ed.Nacional, 1967.
- LARROYO , Francisco. *História geral da pedagogia*. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1974. Tomo I e II.
- LEONARD , Émile. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 1963.
- LÉRY , Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Trad. Sérgio Millet . São Paulo: Martins/ Ed. Univ. São Paulo, 1972. (Biblioteca histórica brasileira).
- LESSA. Vicente Themudo. *Maurício de Nassau, o brasileiro*. São Paulo: Cultura Brasileira S/A, 1937.
- LIMA , Heitor Ferreira. *História Político-Econômica e Industrial do Brasil*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1970. (Brasiliana v. 347) .
- LIMA , Rossini Tavares de. *Pequeno guia do ouvinte de música erudita*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1955.
- LOBATO , Monteiro . *Aventuras de Hans Staden* . 32^a ed. São Paulo : Brasiliense, 1997 .
- LUTERO , Martinho. *Da liberdade do cristão*. Trad. Erlon José Pascoal. São Paulo: UNESP, 1998.
- LUZURIAGA , Lorenzo . *História da educação pública* . Trad. e notas de L. Damasco Penna e J. B. Damasco Penna . São Paulo : Cia. Editora Nacional , 1959. (Atualidades Pedagógicas , v. 71) .
- LUZURIAGA , Lorenzo. *História da Educação e da Pedagogia*. Trad. L. Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1963 (Atualidades pedagógicas v. 59).



- MACHADO , Alcântara . *Vida e morte do bandeirante* . São Paulo : Martins , 1965 .
- MAGNANI , Maria do Rosario Mortatti. Testes A B C e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In MONARCHA, Carlos (org.). *Lourenço Filho: outros aspectos mesma obra*. Campinas: Mercado das Letras, Marília: UNESP, 1997.
- MARTINS , Romário . *História do Paraná* . 2 ed. São Paulo : Rumo , 1939 .
- MARTINS , Wilson. *História da inteligência brasileira (1550-1794)* São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976, v. 1.
- MATTOS , Luiz Alves. *Primórdios na Educação no Brasil: O Período Heróico (1549 a 1570)*. Rio de Janeiro: Gráfica aurora Ltda, 1958.
- MAXMILIANO , Príncipe de Wied Newied . *Viagem ao Brasil (1815 a 1817)*. São Paulo : Nacional , t. I , 1940 .
- MAWE , John . *Viagem ao interior do Brasil* . Belo Horizonte : Itatiaia , São Paulo : EDUSP , 1978 . (Reconquista do Brasil) .
- MELHORAMENTOS. *Dicionário de história do Brasil*. 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1976.
- MELLO. Astrogildo Rodrigues de. O Brasil no período dos Filipes. In HOLANDA, S.B. de (dir). *A época colonial :do descobrimento à expansão territorial*. 6 ed. São Paulo, DIFEL, 1981 (História geral da Civilização v.1, t.1)
- MELLO, J.A. Gonsales. O domínio holandês na Bahia e no Nordeste. In HOLANDA S.B. (dir). *A Época Colonial : do descobrimento à expansão territorial*. São Paulo: DIFEL, 1981, p. 235-53. (História geral da civilização brasileira v.1, t.1) .
- MELLO-LEITÃO , C. de. *História das expedições científicas no Brasil*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941 (Brasiliana v. 209)
- MENDONÇA , Marcos Carneiro de. *O Marquês de Pombal e o Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1960. (Brasiliana, v.299)
- MORAIS , Rubens Borba de. Jean Baptiste Debret. In DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica do Brasil*. 4. Ed. São Paulo: Martins, 1965. v. 1.
- MORAIS , Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial* . São Paulo: IBEP, 1969 .

- MORSE , Richard M. *O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas*. Trad. Paulo Neves . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIEUHOFF , Joan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Trad. do inglês Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Martins, 1942. (Biblioteca histórica brasileira v. IX)
- NOVA Enciclopédia Católica. Rio de Janeiro: Renes, 1968.v.1 a 12.
- NOVINSKI , Anita. *A inquisição*. São Paulo, Brasiliense, 1992. (Tudo é história).
- OBERACKER JR., Carlos H. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1968.
- OBERACKER , JR, Carlos H. *A imperatriz Leopoldina : sua vida e sua época - ensaio de uma bibliografia*. Lisboa: Conselho Federal de Cultura, 1973.
- OLIVEIRA , Betty Antunes de. *As reformas pombalinas e a educação no Brasil* . São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 1973.168.
- PAIM , Antonio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo / USP, 1967.
- PAIVA , José Maria de. *Colonização e Catequese*. São Paulo: Cortez, 1982.
- PAULA , Israel de. *Aspectos negativos da colonização portuguesa*. Rio de Janeiro: Paralelo, 1967.
- PEETERS , Francisca e COOMAN , Maria Augusta .*Pequena história da educação*.9 ed.São Paulo : Melhoramentos, 1969.
- PEIXOTO, Afrânio. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Nacional, 1933. (Atualidades pedagógicas v.5)
- PINTO , Olivério M. Explorações científicas. In HOLANDA, S.B. *A época colonial: Administração, economia, sociedade*.4. ed. São Paulo, DIFEL, 1977.p.161-74 . (História geral da civilização brasileira v. I, t. 2).
- PISO , Guilherme. *História natural do Brasil ilustrada*. Trad. Alexandre Correia . São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1948 .
- POHL , Johann Emanuel . *Viagem ao interior do Brasil* . São Paulo : EDUSP , Belo Horizonte : Itatiaia , 1976 .
- PRADO , JR. Caio. *História econômica do Brasil*. 41 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- PRADO , J. F. de Almeida . *São Vicente e as capitanias do Sul do Brasil: as origens (1501-1531)* .São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1961. (Brasíliana, v.314)
- PREZIA , Benedito e HOORNAERT, Eduardo. *Esta terra tinha dono*. São Paulo: FTD, 1995.
- QUADROS , Jânio e FRANCO , Afonso Arinos de Melo . *História do Povo Brasileiro : Legado Colonial ; declínio do domínio luso*. 2^a ed. São Paulo : J. Quadros Editores Culturais S. A. , 1968 .
- RAMALHO , Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RIBEIRO , Arilda Ines Miranda . *A educação feminina durante o século XIX: Colégio Florence de Campinas 1863-1889*, Campinas: CMU / UNICAMP, 1996.
- RIBEIRO , Arilda Ines Miranda . *A Educação da mulher no Brasil-Colônia* . São Paulo: Arte & Ciência, 1997.(Universidade Aberta, v.30)
- RIBEIRO , Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico* .(1822-1888): Aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo. Pioneira, 1973.
- RIBEIRO , João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.
- RIBEIRO , Maria Luisa Santos, *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. 12 ed. São Paulo: Cortez , 1992 . (Educação contemporânea).
- RODRIGUES , José Honório. *História da história do Brasil* . 2 ed. São Paulo: Nacional, 1979 (Brasíliana: Grande Formato v.21) .
- RODRIGUES , José Honório e RIBEIRO, Joaquim. *Civilização Holandesa no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940 . (brasíliana v.I 80).
- RODRIGUES , Leda Maria Pereira. *A instrução feminina em São Paulo: subsídios para a sua história até a proclamação da República*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1962.
- ROMANELLI , Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)* 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SANTOS , Theobaldo Miranda. *Noções de história da Educação*. S. Paulo: Cia. Ed. Nacional , 1967.
- SCATAMACCHIA , Maria Cristina Mineiro. *O Encontro entre culturas*. São Paulo: Atual, 1994.

- SILVA , Marcos A. da. (org.) *Repensando a história*. 6 ed. São Paulo: Marco Zero, s.d.
- SIMONSEN , Roberto C. *História Econômica do Brasil* (1500-1820). 5 ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional , 1967.
- SIQUEIRA , Sonia A. *A inquisição portuguesa e a sociedade colonial*. São Paulo: Ática, 1978.
- SLEMIAN , Andréia et al . *Cronologia de História do Brasil Colonial*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. (Iniciação, 1) .
- SODRÉ , Nelson Verneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: INEP, 1960. (Livros-Fonte, v.3)
- SODRÉ , Nelson Verneck . *Síntese de história da cultura brasileira*. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- SOUTHEY , Robert. *História do Brasil*. Trad. L. J. Castro. 4 ed. bras. São Paulo: Melhoramentos, Brasília: INL , 1977 . 6v.
- SOUTO MAIOR , A . *História do Brasil* . São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1969.
- SPIX , Johann Baptist Von e MARTIUS, Karl Freidrich Philipp Von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. São Paulo: Melhoramentos, 1976. 3v.
- STEPANEK , Sally. *Lutero*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os grandes líderes)
- TAVARES , A. de Lira. *Brasil - França ao longo de 5 séculos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- TAUNAY , A. d' E . *Visitantes do Brasil Colonial*. (Séculos XVI-XVIII) 2 ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1938 (Brasiliana, v.19)
- TAWNEY , R.H.. *A religião e o surgimento do capitalismo*. Trad. J. Meiches. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Debates).
- TESTAS , Guy e TESTAS, Jean. *A Inquisição*. Trad. Alfredo Nascimento e Maria Antônia Nascimento. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1968. (Saber atual).
- TOBIAS , José Antonio . *História da educação Brasileira* .2ª ed. São Paulo : Editora Juriscredi Ltda. s.d.
- TRÊS , Empresa de Comunicação. *São Paulo. 110 anos de Industrialização*. 1880-1990. São Paulo: TRÊS/ISTO É Senhor, 1992.

TSCHUDI , J. J. Von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo*. Trad. Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Martins, 1976.(Biblioteca histórica paulista, v.5)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas, Editora UNESP. *Normas para publicações da UNESP*. São Paulo: Ed. UNESP, 1994, 4v.

VEIGA , Luiz Maria. *A reforma protestante*. São Paulo: Ática, 1996.

VIANNA , Hélio. *História do Brasil* . 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. v.1 e 2.

WÄTJEN , Herman. *O domínio colonial holandês no Brasil: um capítulo da história colonial do século XVIII*. Trad. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938. (Brasiliana, v.123).

WEBER , Richard M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* . São Paulo: livraria Pioneira Editora , 1967 .

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

ANNAES DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO . Rio de Janeiro : Oficinas Graphicas da Bibl. Nacional , 1913 , v. 32 (1909) .

ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Bibl. Nacional, 1913, v.33 (1910).

ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos e sermões 1534-1597*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Graal, 1984.

BRASIL . Ministério da Educação e Saúde . *Documentos Holandeses* . 1º v. Serviço de Documentação , 1945 .

CARVALHO , Elysio . A sociedade pernambucana nos tempos coloniais . *Rev. do Inst. Hist. Archeológico de Pernambuco* .

LAPA, José Roberto do Amaral.(apr) *Livro da visitação do Santo Ofício da Inquisição ao estado do Grão Pará (1763-1769)*.Petrópolis: Vozes, 1978.(História Brasileira).

LIMA , M. de O. O Brasil dos estrangeiros . *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo* . 1913 , v. 26.



MAXIMILIANO, Príncipe de Wied Newied. *Viagem ao Brasil*: (1815 a 1817). São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1940. (Brasiliana, série V, V.I e II)

NAVARRO, Azpilcueta e outros. *Cartas jesuíticas*: cartas avulsas - 1550-1568. São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

NIEUHOF, Joan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Trad. do inglês Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Martins, 1942. (Biblioteca histórica brasileira v. IX).

NOBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. 1549-1560. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.

NOVINSKY, Anita. *Uma devassa do Bispo Dom Pedro da Silva 1635 - 1637*. In *Anais do Museu Paulista* tomo XXII, São Paulo, 1968. p. 215 - 57.

PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO ÀS PARTES DO BRASIL Pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça capelão fidalgo Del Rei Nosso Senhor e do seu desembargo deputado do Santo Officio: *Confissões da Bahia* 1591-1592. São Paulo: homenagem de Paulo Prado, 1922 (série Eduardo Prado para melhor conhecer o Brasil).

PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO ÀS PARTES DO BRASIL. Pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça capelão fidalgo Del Rei Nosso Senhor: *Demunicações da Bahia* 1591-592. São Paulo: homenagem de Paulo Prado, 1925. (série Eduardo Prado para melhor conhecer o Brasil)

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.

VERNEY, Luís Antonio. *Verdadeiro método de estudar*. Ed organizada por Antonio Salgado Junior Lisboa: Sá da Costa, 1950. 5 v. (clássicos Sá da Costa).

NASSAU, Maurício de. Breve Discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande situadas na parte septentrional do Brasil - *Revista do Instituto Arch. e Geogr. Pern.* 1887: 139-96, v. 34, Recife.

ARTIGOS

NEME, Mario. A Holanda e Companhia das Índias Ocidentais no tempo do BOITEUX, Lucas Alexandre. Açorianos e Madeirenses em Santa Catarina. *Revista do Inst. Hist. e Geo. Brasileiro*. 1953, v. 219, p. 130-64.

DERBY, Orville. *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*, v. 4, 1898.

- CARVALHO , Marta Maria Chagas de . A Configuração da Historiografia Educacional Brasileira . in FREITAS, Marcos César de . (org.)*Historiografia brasileira em Perspectiva* . São Paulo : Contexto , 1998 .
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da . *Anais Pernambucanos 1635- 1665*. Recife: Arquivo Público Municipal .
- FAZENDA, J.Vieira. Elucidação Histórica. *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo*. v. 13-1908,p.409-13,1911.
- LAGA , Carl . O Engenho em São Vicente : resultado de pesquisas em arquivos belgas . *Estudos históricos nº 1* . Marília : FFCL – dep . História , 1963 , p. 13-43 .
- LEÃO. Ermelino A. de. Heleodoro Eobanos.*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo* v.13-1908, p. 415-34, 1911.
- LIMA, M. de Oliveira. O Brasil e os estrangeiros. *Rev. do Instituto Historico e Geographico de São Paulo* , 1913, p. 25-42, V. XXII
- LUIS, Washington. Contribuição para a história da capitania de S. Paulo: Governo de Rodrigo César de Menezes. *Rev. do Inst. Hist. E Geogr. de São Paulo*. São Paulo: Typografia do Diário Oficial . v. 8-1903,p 22-136, 1904.
- MELLO , Homem de . O Brasil Intelectual em 1801. *Revista do Instituto Hist. Geogr. Brasileiro* , 1901 . T 64, p. 5-31 .
- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Professores estrangeiros no Brasil: uma perspectiva histórica. *Ciência Hoje*, v.14-nº 83, p. 39-46, ago. 1992.
- MONARCHA , Carlos . Notas sobre a história da educação brasileira . *Pró-Posições* v. 4 , nº 3 [12] nov. 1993, p. 59-63 .
- NAGLE, Jorge. História da educação . *Em Aberto*. 3(23),pP.27-9, set/out. 1984.
- NASSAU, Maurício de . Breve Discurso : sobre o estado das quatro capitanias conquistadas de Pernambuco , Itamaracá , Prahiba e Rio Grande situadas na parte septentrional do Brazil – *Revista do Instituto Arch. e Geogr. Pern.* 1887: 139-96, v. 34 , holandês .
- NEME, Mario. A Holanda e Companhia das Índias Ocidentais no tempo do domínio holandês no Brasil. *Anais do Museu Paulista*, 1968. p.7 a 214, t..XXII.
- NOVINSKY , Anita . Uma devassa do Bispo Dom Pedro da Silva 1635 – 1637 . In *Anais do Museu Paulista* , tomo XXII , São Paulo , 1968 . p. 215 – 57 .

- NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. *Teoria e Educação*. Porto Alegre, nº 6, p.151-182, 1992.
- NUNES, Clarice. A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 93, mai.1995.
- PERRALVA, Angelina T. *Alfabetização na América Latina: notas de leitura*. In IDÉIAS: Fundação para o Desenvolvimento da Educação. _ n.1. São Paulo: FDE, 1988. p.35-40
- PINTO, Virgílio Noya. Humanismo, imprensa e reforma: Erasmo de Roterdã. *Estudos históricos*, nº 12. Marília: FFCL-dep. História, 1973, p. 131-50.
- RIBEIRO, João Coelho Gomes. Ulrich Schmidel-notícia biographica. *Rev.do Inst. Hist. e Geogr. De São Paulo*. v. X, 1906, p. 29-38.
- SAMPAIO, Theodoro. São Paulo de Piratininga no fim do século XVI. *Rev. do Inst. Hist. Geogr. de S. Paulo*. v. 4, 1898:40-278.
- SOUZA, Ennes de. Brasileiros que estudaram engenharia de minas na Academia Real de Minas, de Freyberg, na Saxonia. *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo*. v. 14 – 1909, p. 243-250, 1912.
- STUDART FILHO, Carlos. História do Ceará holandês. considerações em torno de dois pontos controversos. *Revista do Instituto de Ceará*. v. 91, 1977, p. 7-47.
- TAUNAY, A. d'E. Na Bahia colonial, 1610 - 1764. *Revista. do Inst. Hist. e Geo. de São Paulo*. 1923. p. 244 – 392.
- WARDE, Mirian Jorge. Anotações para uma historiologia da educação brasileira. *Em Aberto*. Brasília, 3(23), p.1-6, set/out. 1984.
- WARDE, Miriam Jorge. Contribuições da história para a educação. *Em Aberto*. Brasília, 4 (47), p. 1-11, jul/set, 1990.
- BARROS NETO, Waldemar Augusto de. 1956 -. *O corpo como um paradigma: a crítica social e psico - culturalista da repressão à sexualidade, no protestantismo de missão, como condição para uma teologia na situação da pós modernidade*. 1991. 175 f. Dissertação (mestrado) – Instituto Metodista de Ensino Superior.
- BEAR, James E. *Mission to Brazil*. Nashville: Tenn., Board World Missions, Presbyterian Church USA 1961.

ANEXO

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE O PROTESTANTISMO NO BRASIL

- ALESSI, Clóris. *A educação dos metodistas na região de Piracicaba (SP) : análise de um mito*. Dissertação (Mestrado) . Programa de Pós – Graduação”, UNIMEP . 1993 .
- ALMEIDA, Vasni de . O discurso metodista na imprensa : uma estratégia de consolidação religiosa . *Estudos de História* : Revista do Curso de Pós – Graduação em História . Franca : FHDSS , v. 2 , n. 2 , p. 37 – 47 , 1995 .
- ALVES, Rubem . *Protestantismo e repressão* . São Paulo : Ática , 1979 . 290p
- ALVES, Rubem . *Dogmatismo e tolerância* . São Paulo: Edições Paulinas , 1982. 172 p. (Liberdade e Teologia) .
- ALVES, R. *A Empresa da Cura Divina : um Fenômeno Religioso ?* In VALLE E. e QUEIROZ J.J. (orgs.) , *A Cultura do Povo* . São Paulo: Cortez Instituto de Estudos Especiais , 1988 .
- ALVES, R. *Misticismo : a Emigração dos Que Não Têm Poder* . In Revista de Cultura . Petrópolis: ano 68, vol. LXVIII, 1974 .
- AZEVEDO, F. de . *Uma interpretação do Instituto Mackenzie* . São Paulo : Mackenzie , 1960 .
- BARBOSA, José Carlos . *Protestantismo e escravidão no Brasil Império*. Brasília [DF ; s. n.] , 1988. 150 f.
- BARROS NETO, Waldemar Augusto de . 1956 - . *O corpo como um paradigma: a crítica social e psico – culturista da repressão à sexualidade , no protestantismo de missão , como condição para uma teologia na situação da pós modernidade* . 1991. 375 f. Dissertação (mestrado) – Instituto Metodista de Ensino Superior .
- BEAR, James E . *Mission to Brazil* . Nashville : Tenn. , Board World Missions , Presbyterian Church USA 1961 .



- BECKER , Renato L. , 1954 - . *Do púlpito ao palanque* . São Leopoldo : Sinodal, 1992 .
- BERTAN , Tereza Canhadas . *A educação confessional protestante* : Instituto Filadélfia de Londrina - 1944 a 1972 . Campinas : Fac . de Educação UNICAMP, 1990. Dissertação de Mestrado. 217 p.
- BLACKFORD , Alexander L. , *A Sketch of the History of the Brazil mission* . Nova York : Mission house , 1877 . 22 pp. , 23 cm .
- BONFIM , Luiz Almeida do . *A participação dos evangélicos na constituinte de 1988* : uma análise da postura política do protestantismo brasileiro entre 1964-1988 . Dissertação (mestrado), Universidade de Brasília , Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais ,1991.
- BRAGA , Erasmo , e KENNETH , G. Grubb . *The Republic of Brazil , a Survey of the religions Situation* . Londres : World Dominion Press, 1932 .
- BURDICK , J. *Looking for God in Brazil* . The City University of New York , 1990 .
- CAMPANTE , Délcio Hilton da Silva . *Metodismo e setores populares* : estudo sobre a proposta de trabalho do Instituto Central do Povo . Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação . IESAE , 1985.
- CASTRO , Clóvis Pinto de . *Igreja Metodista* : ação pedagógica do colégio episcopal na implantação de um novo modelo de igreja organizada em dons e ministérios. Dissertação (Mestrado) Universidade Metodista , Programa de Pós - Graduação . UNIMEP. 1992.
- CÉSAR , Valdo A . *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro* : conferência . Rio de Janeiro , 1926 .
- CÉSAR , W. Urbanização e Religiosidade Popular. *Revista de Cultura* . Petrópolis, ano 68 , vol. LXVIII, setembro 1974 .
- CÉSAR , W. *Ser Protestante : mais Perguntas do que Respostas ?* In Comunicações do ISER , ano 6 , n. 24 , 1987 .
- CONGRESSO LUTERANO LATINO AMERICANO (1980 : Bogotá , Colômbia) . *Nuestra fé y nuestra mision en america latina* . 23 de agosto de 1980 . São Leopoldo , RS : Sinodal , 1981.
- CRABTREE , A . R. . *História dos Batistas do Brasil , até o ano de 1906* . Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista , 1973 .

- CUNHA , Iraci Castello . *Contribuições da educação adventista no Brasil* . Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Sociologia e Política de São Paulo , 1975 .
- DROOGERS , A . F . *Religiosidade popular luterana* : relatório sobre uma pesquisa no Espírito Santo , em julho de 1982 . São Leopoldo , RS : Sinodal , 1984 .
- DROOGERS , A . *Visões Paradoxais de uma Religião Paradoxal* : modelos Explicativos do Crescimento do Pentecostalismo no Brasil e Chile. In Estudos de Religião. n. 8 , 1992 .
- EDUCADORES evangélicos reconhecem prioridade à Escola Pública . *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* . Rio de Janeiro: v. 34 , n. 80 , p. 161-164, out./dez. 1960.
- ELLIOT , Emory . *Puritan influences in american literature* . Urbana : University of Illinois Press , 1979 (Illinois in Language and Literature) .
- FERREIRA , Júlio Andrade . *O Apóstolo de Caldas* . Franca : Gráfica Renascença, s.d.
- FERREIRA , Júlio Andrade . *Galeria Evangélica* . São Paulo : Casa Editora Presbiteriana , 1952 .
- FERREIRA , Júlio Andrade . *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* (2 vols.). São Paulo : Casa Ed. Presbiteriana , 1960 .
- FISCHER , Joachim . *Pedras vivas : personagens da história da Igreja Cristã* . São Leopoldo : Sinodal , c1987 . 507p. ; 21 cm.
- FISCHER , Joachim. *Ensaio Luteranos* : dos primórdios aos tempos atuais do luterismo no Brasil . São Leopoldo : Sinodal , 1986 .
- FONSECA , Luzimeire Aparecida Ferreira da . *A escola bíblica dominical como parte do processo educacional na igreja* . Faculdade Teológica Batista do Oeste do Brasil . Campo Grande – MS, 1995 .
- FRAGMENTOS HISTÓRICOS COMPILADOS por ocasião dos Congressos em Petrópolis pelo Presbítero da Igreja Evangélica de Petrópolis . Petrópolis : 1954 , bilíngüe (port. – alem.)
- FREITAS , Lourival Correia . *Filosofia da educação presbiteriana* : sua função ideológica e suas possibilidades utópicas . Dissertação (Mestrado) . Universidade Metodista , Programa de Pós – Graduação : UNIMEP , 1993 .

- FRESTON , Paul . *Evangélicos na política brasileira : história ambígua e desafio ético* . Curitiba -PR :Encontrão Editora , agosto de 1994 .
- GARCEZ , Benedito Novaes . *O Mackenzie* . São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1971 .
- GEORGE , Sherron K. *Igreja ensinadora : fundamentos bíblico – teológicos e pedagógicos da educação cristã* . Campinas – SP : Ed. Luz Para o Caminho , 1993 .
- GONÇALVES , E. L. *Uma Visão do Pentecostalismo : a partir de duas comunidades das Assembléias de Deus em Campinas* . Dissertação de Mestrado , Instituto Metodista de Ensino Superior , São Bernardo do Campo , 1990 .
- GOUVEIA , E. H. *O silêncio que deve ser ouvido : mulheres pentecostais em São Paulo* . Tese de Mestrado , São Paulo: PUC , 1986 .
- GUIMARÃES , J. E. *Razão e Religião : Pentecostais , Visões de Mundo e Conduta* . Tese de Mestrado , CPDA – UFRRJ , 1992 .
- HORDERN , William . *Teologia protestante ao alcance de todos* . 3 ed. . Rio de Janeiro : JUERP , 1986 .
- HORDERN , William . *Teologia protestante ao alcance de todos* . 3^a ed . Rio de Janeiro : JUERP , 1986 . 270 p.
- HUNSCHÉ , Carlos Henrique . *Protestantismo no sul do Brasil : nos 500 anos de nascimento de Lutero (1483 – 1983)* . Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes , São Leopoldo , RS : Sinodal , 1983 .
- IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE . *Esboço Histórico da Igreja Evangélica Fluminense 1855 – 1932* . Rio de Janeiro , 1932 .
- IGREJA PRESBITERIANA NO BRASIL . *Actas do Synodo da Igreja Presbyteriana no Brasil* . São Paulo: Typographia Internacional , 1888 .
- IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS . *Estatutos e Regimento Interno da Igreja Universal do Reino de Deus* .Rio de Janeiro: Universal Produções Indústria e Comércio Ltda. , RJ , s.d.
- ISER , Núcleo de Pesquisa . *Censo Institucional Evangélico* . In Série Textos de Pesquisa , 1992 .

- JANDERSON , Leonardo . *Evangelização através da Escola Bíblica Dominical*. Tradução do original inglês Using The Sunday in Evangelison e edição em português autorizada pela Convention Press , Baptist Sunday School Board , Nashville , Tennessee . Tradução (com adaptações) de Roque Monteiro de Andrade .
- JONES , Judith Macknight . *Soldado Descansa ! Uma Epopéia Norte - Americana sob os Céus do Brasil* . São Paulo : Jarde Ltda , 1967 .
- LEITE , Edmund . *A consciência puritana e a sexualidade moderna*. São Paulo : Brasiliense , 1987.
- LEITE FILHO, T. *Seitas Neopentecostais* .Rio de Janeiro: Juerp , 1990 .
- LENINGTON , Robert Frederick . *Partical history of the South Brazil mission* . Campinas : mimeo, 1936 .
- LEONARD , Émile G. *L 'eglise Presbytérienne du Brésil et sés Ezpériences Ecclesiastiques* . Aixen -Provinces . Estude Evangeliques ,1949.
- LESSA , Vicente Themudo . *Anais da 1ª . Igreja Presbyteriana de São Paulo*. São Paulo: Editora 1ª Igreja Presbyteriana Independente , 1938.
- LESSA , Vicente Themundo . *O Evangelho na Borda da Matta* . São Paulo: Typ. Irmãos Ferraz ,1924 .
- LERMEN , Tito Lívio . *A escola evangélica : princípios , postura dos profissionais e indicadores de uma possível proposta de renovação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação , PUC-RS , 1987 .
- LIMA , Danilo. *Educação , igreja e ideologia* . Rio de Janeiro : F. Alves , 1987 .
- LIVRO DO TESTEMUNHO , O . , *O que o Evangelho tem feito no Brasil* , publicado mensalmente pelo Ver. Ricardo Mayorga . São Paulo: junho, agosto , setembro de 1928.
- LUTERO , Martinho . 1483 – 1546 .. *Do cativoiro babilônico da igreja : um prelúdio* . São Leopoldo , RS : Sinodal , 1982 .
- MACHADO , José Nemésio . *A contribuição batista para a educação brasileira* . Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista , Programa de Pós – Graduação .UNIMEP . 1993 .
- MACHADO , M. D. C. *Secularização e Reavivamento da Religiosidade : Tendências Duais do Mundo Contemporâneo* , mimeo , Iuperj , 1991 .

- MACIEL , E. D. *O Pietismo no Brasil* . São Paulo: Tese de Doutorado .USP, 1972 .
- MARIZ , C. L. *Pentecostalismo y Alcoholismo entre los Pobres del Brasil* ,in *Cristianismo y Sociedad* , n. 105 , 1990 .
- MARIZ , C. L. *As Igrejas Pentecostais e a Recuperação do Alcoolismo* . Rio de Janeiro , Relatório de Pesquisa , CNPQ, mimeo , 1993 .
- MARIZ , C. L. . *O Demônio no Pentecostalismo* . Trabalho apresentado no seminário A Temática do Mal no Brasil contemporâneo , ISER , Rio de Janeiro , agosto , mimeo , 1994 b .
- MARTIN , William . *Primeiros passos para os professores* . Traduzido do original em inglês : First Steps For Teachers . Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Vida , Miami , Flórida 33167 – EUA , 2^a ed . , 1987 .
- MECHAN , J. Lloyd . *Church and chapel Hill , N. C.* , The University of North Carolina Press , 1934 .
- MELLO , José Antônio Gonçalves de . *Um ministro da igreja calvinista no Recife holandês : o espanhol Vicente Soler , 1636 – 1643* . Coimbra , 1983 .
- MENDONÇA , A. G. *Um Panorama do Protestantismo Brasileiro Atual*. In L. Landi , *Tradições Religiosas no Brasil* . Cadernos do Iser , n. 22, Rio de Janeiro , 1989 .
- MENDONÇA , A. G. *Um Critério de Classificação Religiosa* . In L. Landi , *Igrejas e Seitas no Brasil* , Cadernos do Iser , n. 21 , 1989 .
- MENDONÇA , A. G. *Evolução Histórica e configuração Atual do Protestantismo no Brasil*. In P. Velasques filho , *Introdução ao Protestantismo no Brasil* . São Paulo: Loyola , 1990 .
- MENDONÇA , A. G. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. (Ciências da Religião).
- MENDONÇA , A. G. *O celeste porvir : a inserção do protestantismo no Brasil* . São Paulo : Edições Paulinas , 1984 . (Estudos e Debates Latino-Americanos) .
- MONTEIRO , D. *Igrejas , Seitas e Agências : aspectos de um ecumenismo popular* , in E. Valle e J. J. Queiroz (orgs) *A Cultura do Povo* . São Paulo , Cortez/ Instituto de Estudos Especiais , 4 ed. , 1988 .

- MULLER, Elio E. *Eis aqui vos trago boa nova*. São Leopoldo: Sinodal, Igreja Evangélica de confissão Luterana no Brasil, 1969.
- NEUBARTH, Selina Maria dal Moro. *De escola paroquial a escola pública: o significado da escola no desenvolvimento da Sananduva .R.S.: Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, IESAE, 1985.*
- NEVES, Fátima Maria. *Educação jesuítica no Brasil – Colônia: a coerência da forma e do conteúdo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista, Programa de Pós – Graduação. UNIMEP, 1993.
- NEVES, Mário. *Digesto Presbiteriano: Resoluções do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1888 a 1942*. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1950.
- NOERNBERG, Sebaldo. *É dando que se recebe: a caminhada com a comunidade evangélica imperial e suas instituições*. São Leopoldo, RS. Sinodal, Publicado para a comunidade evangélica Floresta Imperial, 1984.
- NOVAES, José Luis Correa. *Teologia e educação: um intento metodista* (1987). Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista, Programa de Pós – Graduação UNIMEP. 1993.
- NOVAES, R. R. *Os escolhidos de Deus*, in Cadernos Iser, n. 19, 1985.
- NUNES, M. J. R. *De Mulheres, Sexo e Igreja: uma Pesquisa e Muitas Interrogações*. In T. Amado e A. Costa, Alternativas Escassas. São Paulo: Editora 34, 1994.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em Restolho Seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. Rio de Janeiro, 1985.
- ORO, A. P. *Religiones Pentecostales y Medios Masivos de Comunicación en Brasil*. In Cristianismo y Sociedad, n. 105, 1990.
- PAGE, J. J. *Brasil para Cristo: The Cultural Construction of Pentecostal Networks in Brasil*. Tese de Ph. D., New York University, 1984.
- PIERUCCI, A. F. De O. *Representantes de Deus em Brasília: a Bancada Evangélica na Constituinte*, in Ciências Sociais Hoje, 1989.
- RAMALHO, Jether Pereira. *Educação e uma interpretação sociológica da prática educativa de colégios protestantes no Brasil, no período de 1870-1940*. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC – RJ, 1975.

- REIS , Aníbal Pereira dos . *A grande Babilônia* . São Paulo: Caminho de Damasco, 1980 .
- REIS , Edilson . *Religião e Política : ausência evangélica* . Seminário Teológico Batista D'Oeste do Brasil . Campo Grande – MS , 1996 .
- RIBEIRO , Boanerges . *Protestantismo e cultura brasileira : aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil* . São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana , 1981 .
- RIBEIRO , Boanerges . *O Padre Protestante* . São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana. 1950 .
- RICHARDS , Lawrence . *Teologia da educação cristã* . 1ª ed. , 1980. Sociedade Religiosa . Edições vida Nova .
- ROCHE , Jean . *A colonização Alemã no Espírito Santo* . trad. de Joel Rufino dos Santos . São Paulo : DIFEL / USP, 1968 .
- ROCHE , Jean . *A colonização Alemã no Rio Grande do Sul* . 2 vols. , trad. de Emery Ruas . Porto Alegre : Globo , 1969 .
- ROLIM , F. C. *O que é Pentecostalismo* . São Paulo: Col . Primeiros Passos , Brasiliense , 1987 .
- ROLIM , F. C . *Pentecostais no Brasil* . Petrópolis: Vozes, 1985 .
- SACHS , V. et alli *Religião e Identidade Nacional* . Rio de Janeiro: Graal, 1988 .
- SANTOS , M. I. D. A. *Religião e Sexualidade Conjugal – Teoria e Prática dos Encontros de Casais com Cristo*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará , 1988.
- SCHROEDER , Lori . *vida e ação na família de Deus* . 2ª série , 1º grau : Professor . São Leopoldo : Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Dep. de Catequese , 1979 .
- SELLARO , Leda Rejane Accioly . *Educação e religião : colégios protestantes em Pernambuco na década de 20* . Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação , Universidade Federal de Pernambuco , 1987 .
- SERVINDO AO SENHOR , I / II .. São Leopoldo , RS : Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil , dep. de catequese , Sinodal , 1981 .
- SILVA , Abdoral Fernandes da . *Nossa raízes : a história da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Norte do Brasil (AICENB)* . São Luis : SIOGE , 1994. (Impulso através da Educação) .

WILLENS, E. *Followers of the New Faith: Cultural Change and The Rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville, Vanderbilt University Press, 1967.

SILVA, Antônio Gilberto da. *Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para professores e atualização de professores veteranos da Escola dominical*. 5 ed. Malhorada e aum. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1981.

SILVA JÚNIOR, Ismael da. *Heróis da Fé Congregacionais*. Rio de Janeiro: Tip. Batista de Souza, 1972.

SILVA, Samir Borges da. *O protestantismo no vale do Paranapanema: a denominação metodista (1920 a 1990)*. Assis, 1990.

SMITH, Cathryn. *Programa de educação religiosa*. 6ª ed. Ver. Atual. E aum. Rio de Janeiro: Juerp, 1995.

SOARES, L. E. *A Guerra Santa dos Pentecostais contra o Afro - Brasileiro: Dimensões Democráticas do Conflito Religioso no Brasil*. In Comunicações do ISER, ano 12, n. 44, 1993.

SOKOLOWSKI, Maria Teresa. *A natureza da extensão na Universidade Metodista de Piracicaba*. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista, Programa de Pós - Graduação. UNIMEP. 1993.

SOUZA, B. M. *A experiência da Salvação*, Pentecostais em São Paulo. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

STOLL, D. *Is Latin America Turning Protestant?* California, University of California Press, 1990.

TEIXEIRA, M. G. *Nós os Batistas*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP., 1983.

MENDONÇA, A.G. e VELASQUES FILHO, P. *Religiões do Espírito*. In A. G. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

VIEIRA, Davi Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1980 (temas brasileiros).

WEINGARTNER, Lindolfo. *Tempo de plantar*. São Leopoldo. RS. Sinodal, 1982.

WELCH, Norvel. *Melhor ensino bíblico para adultos*. Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.



WILLENS ,E. *Followers of the New faith : Cultural Change and The Rise of Protestantism in Brazil and Chile* . Nashville , Vanderbilt University Press , 1967 .

XAVIER , João Carlos . *O dia em que nasci de novo* .Rio de Janeiro , 1989 .



